



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

Tradução e Análise Tradutológica do conto

Filiación de Andrés Barba

Cristina da Conceição Borralho Baião

Orientação: Professor Doutor Antonio Sáez Delgado

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Área de especialização: Ramo Profissionalizante

Trabalho de Projeto

Évora 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

Tradução e Análise Tradutológica do conto

Filiación de Andrés Barba

Cristina da Conceição Borralho Baião

Orientação: Professor Doutor Antonio Sáez Delgado

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Área de especialização: Ramo Profissionalizante

Trabalho de Projeto

Évora 2015

Agradecimentos

Apresento o meu mais sincero obrigado:

Ao meu orientador Professor Doutor Antonio Sáez Delgado, pelo conhecimento transmitido, pelo incentivo, pela disponibilidade, pela paciência e pelo profissionalismo que sempre demonstrou no exercício das suas funções.

À minha família pelo tempo em que os privei da minha presença e da minha atenção durante a concretização deste projeto.

Aos meus amigos e a todas as pessoas que sempre acreditaram em mim e me deram ânimo e palavras de encorajamento para continuar até ao fim.

A todos, muito obrigada!

Resumo

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo apresentar a tradução do conto *Filiación* do autor contemporâneo espanhol Andrés Barba. O corpus deste trabalho de projeto é composto por uma parte teórica onde se demonstram conhecimentos adquiridos e consolidados com base em vários estudos científicos de alguns autores peritos na matéria, e outra parte prática composta pela tradução e respetiva análise tradutológica, na qual se explicitam alguns métodos e procedimentos de tradução aplicados ao longo deste processo. Dando seguimento ao crescente número de traduções de literatura espanhola que surgiu a partir dos anos 90, procurou-se com este estudo disponibilizar em língua portuguesa uma obra que ainda não se encontra traduzida para o português. Tendo em conta a proximidade linguística e geográfica que existe entre Portugal e Espanha, e sendo a língua uma questão identitária de um povo e de uma cultura, considera-se extremamente importante que o leitor português conheça e possa ter acesso a obras de autores espanhóis da atualidade na sua língua materna.

Palavras-chave

Andrés Barba, Língua, Tradução, Análise Tradutológica, Literatura Espanhola.

Abstract

Translation and Translation Analysis of the tale *Filiación* by Andrés Barba.

This Masters dissertation has its main objective in the translation of the tale *Filiación* written by the Spanish contemporary author Andrés Barba. The corpus of this project consists of a theoretical part where it figures the acquired knowledge based on a variety of scientific essays by some experts in the subject, and a practical part which consist of the translation and the translation analysis, in which are explained some translation methods and procedures applied during this process. Following up the raising number of spanish literature translations during the 90's, this essay has the purpose of providing this work of art in portuguese idiom as it was never translated to portuguese before. Considering the language proximity of Portugal and Spain and being the language an important part of the national and cultural identity, it's extremely importante for the portuguese reader to have access to spanish works of art in their own mother tongue.

Keywords

Andrés Barba, Language, Translation, Translation Analysis, Spanish Literature.

Índice

Introdução	8
1.Contextualização da obra e reflexões teóricas sobre tradução	11
1.1 O Autor e a Obra.....	11
1.2 Reflexões teóricas sobre tradução.....	14
2. Tradução e Análise	27
Considerações Finais	105
Bibliografia	107
Netgrafia	109
Anexo: Texto Original	111

Introdução

O presente trabalho de projeto surge no âmbito do curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução da Universidade de Évora, edição 2013/2015, área de especialização em Espanhol, conducente ao grau de Mestre em Tradução.

O estudo consiste na tradução de espanhol para português, do conto *Filiación* da obra *La Recta Intención*¹ de Andrés Barba, autor espanhol contemporâneo, que foi já considerado pela revista *Granta* como um dos melhores jovens autores em língua espanhola. A sua escrita inovadora e atual capta a atenção logo desde o primeiro momento e tem claramente o objetivo pragmático e estético de estimular sentidos, agradar, proporcionar prazer a até causar surpresa no leitor.

Cedo despertou um especial interesse e gosto pela prática da tradução e encarou-se o facto de se poder produzir um trabalho com uma tradução própria com grande agrado e satisfação. Relativamente à escolha do tema, este foi-se definindo durante o decurso das aulas, à medida que se iam fazendo pequenas e breves traduções nas disciplinas de Língua Estrangeira e Tradução; Tradução Especializada e Formação Cultural do Tradutor. Esses pequenos exercícios revelaram-se verdadeiros desafios na medida em que a pesquisa de léxico e análise das construções gramaticais permitiram uma maior aproximação à língua que viria a ser, a seguir à materna, a eleita e favorita na leitura de textos literários e científicos. A seleção da obra também não foi tarefa difícil porque a leitura logo se revelou bastante cativante pelo estilo inovador e pela atualidade dos temas, algo diferente daquilo que habitualmente se lia.

A presente dissertação divide-se em duas partes. Na primeira apresenta-se o autor, a obra e a fundamentação teórica necessária para o trabalho. Esta fundamentação baseia-se entre outros, em três grandes mestres na área da tradução e cujas teorias ajudam a contextualizar e justificar escolhas, métodos, procedimentos e pensamentos (Peter Newmark *Manual de traducción*, sexta edição², 2010; Valentín García Yebra *Traducción: Historia y Teoría* 1994 e *Teoría y Práctica de la Traducción* vol. I e II, 1997; e Eugene Nida *Sobre la*

¹ Editora Anagrama, 2002.

² Versão espanhola de Virgilio Moya

traducción 2012); na segunda parte, prática, inclui-se a tradução e respetiva análise tradutológica.

A tradução da obra e respetiva análise representa o grande desafio porque é a secção mais laboriosa, na qual o tradutor se confronta com escolhas e decisões que influenciarão a qualidade do seu trabalho. Desta parte prática advém também uma importante exercitação linguística tanto do Espanhol, língua original (LO), como do Português, língua terminal (LT). Os conceitos, LO e LT, foram aplicados nesta dissertação tendo por base o estudo *Teoría y Práctica de la Traducción* de García Yebra (1997: 31-32) onde este distingue língua recetora como língua terminal (LT) e língua fonte como língua original (LO).

Fazer uma tradução requer entre outros, um conhecimento linguístico de pelo menos duas línguas, sensibilidade para interpretar textos, capacidade e facilidade em encontrar cognatos ou palavras equivalentes na língua terminal. Para esta última tarefa existem atualmente uma panóplia de ferramentas de tradução que podem revelar-se excelentes auxílios ao tradutor. Na categoria das virtuais escolheu-se o *Diccionario da Real Academia Española*³, para definir palavras espanholas que suscitem dúvida e o *Dicionário Priberam*⁴ para a consulta essencialmente de algumas locuções e advérbios. Consultaram-se ainda o *Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*⁵, em alguns verbos pronominais, adjetivos e conjunções; o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* para consultar definições de palavras portuguesas; a *Gramática de Português*⁶ de Vasco Moreira e Hilário Pimenta, em conjugações verbais, classificação de palavras e estruturas frasais e o *Diccionario de Expresiones idiomáticas*⁷ de Ana Belén García Benito, em expressões idiomáticas. Deve-se sempre buscar várias definições ou cognatos, compará-los entre si e com o original inserindo-os no contexto em questão. Não devemos aceitar a primeira opção que nos aparece. O trabalho do tradutor é um trabalho minucioso de busca pelo termo mais acertado que por vezes só se encontra ao fim de muitas tentativas: procurar cognatos e

³ <http://rae.es/recursos/diccionarios/drae> em 16-09-2015

⁴ <http://www.priberam.pt/DLPO/> em 16-09-2015

⁵ Porto Editora, 2010

⁶ Porto Editora, 2008

⁷ Junta de Extremadura, 2003

defini-los; decodificar estruturas frasais; identificar classes de palavras, etc. Todos estes processos de análise linguística conferem ao tradutor uma importante forma de aprendizagem. Desta forma, espera-se que a conclusão deste projeto se revele uma excelente técnica de aprendizagem e consecutivamente uma mais-valia pessoal. Pretende-se igualmente com este estudo tradutológico contribuir de alguma forma para a resolução de dúvidas acerca da tradução lexical e gramatical, e ao mesmo tempo fazer algo de inovador ao traduzir uma obra que ainda não se encontra traduzida para português, ainda que não seja a obra integral.

Sabendo que traduções perfeitas é uma utopia e nem os melhores e mais experientes tradutores as fazem, não se espera alcançar a perfeição neste trabalho. Encara-se esta experiência como uma etapa inicial e tentar-se-á aproveitar as críticas que daqui advenham como uma oportunidade para melhorar, sempre no caminho de uma melhoria contínua. Newmark (2010: 21) refere que se pode fazer uma tradução satisfatória, é sempre possível melhorar, mas não existem traduções corretas, perfeitas ou fantásticas. O tradutor nunca está contente com a sua versão e ao tentar melhorar estará a ampliar os seus conhecimentos.

1.Contextualização da obra e reflexões teóricas sobre tradução

1.1 O Autor e a Obra

Andrés Barba Muñiz nasceu em Madrid em 1975, é novelista, ensaísta, tradutor, guionista e fotógrafo. Foi professor de Espanhol para estrangeiros na Universidade Complutense de Madrid e hoje é formador de escrita criativa. Tem obras traduzidas para várias línguas (Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Japonês, etc.), sendo que, em Português tem a obra *As Mãos Pequenas*, traduzida por Miguel Serras Pereira, edição de 2010, Editora Minotauro e a obra *Na presença de um palhaço* traduzida por Cristina Rodriguez e Artur Guerra, edição 2015, Editora Elsinore. Em 1997 ganhou o prémio *Ramón J. Sender* com a novela *El hueso que más duele*; em 2001 foi finalista no *XIX Prémio Herralde* com a novela *La hermana de Katia*; em 2006 o prémio *Torrente Ballester* com a obra *Versiones de Teresa*; em 2007 o *XXXV Prémio Anagrama de Ensayo* com o livro *La ceremonia del porno* em coautoria com Javier Montes e em 2011 o prémio *Juan March* com a obra *Muerte de un caballo*, foi ainda eleito pela revista *Granta* como um dos melhores ficcionistas da sua geração em língua espanhola.

Este jovem autor tem como tema central das suas obras tópicos bastantes sensíveis e complexos como o amor, as relações familiares e o conflito entre ambos. O autor contribui para uma nova geração da novela espanhola com o seu estilo inovador: novelas curtas que se adaptam melhor ao estilo de vida moderno do leitor porque se leem rápido; registo discursivo que revela grande perícia linguística onde se pode observar parágrafos compostos por uma só frase e com pouca pontuação ou frases muito compridas; jogos de palavras; desarticulação do discurso; falta de parágrafos; discurso interrompido por um pensamento ou por uma descrição; complexa ordenação interna das orações, discurso enriquecido por metáforas e comparações, etc. Até o próprio grafismo da editora revela linhas bastante atuais com prevalência de formas geométricas abstratas e formatos de silhuetas.

O seu primeiro livro de contos foi *La Recta Intención*, publicado em 2002, composto por quatro novelas breves: *Filiación*; *Debilitamiento*; *Nocturno* e *Maratón*. Estas histórias baseiam-se no quotidiano, porque uma novela é a imitação da vida. São histórias com temas que as pessoas não se cansam de ouvir, são autênticas narrações alegóricas da modernidade onde imperam temas bastante atuais e preceitos morais como o amor, dramas pessoais e

familiares, a infância, o medo, a culpa, o erotismo sexual, o amor e a incapacidade de perdoar, quase todos em torno da estrutura familiar. O universo familiar adquire um papel determinante nos relatos e novelas do autor. Em todos eles, as suas personagens sofrem nas suas vidas alguma emoção ou acontecimento bastante marcante que as obriga a refletir sobre as suas atitudes.

Foi precisamente nesta obra e mais concretamente no primeiro conto que incidiu a escolha para a realização desta dissertação. O contexto da história aborda as complexas relações entre mãe e filha ao aproximar-se o momento da morte da progenitora. Nesta obra, o autor inspira-se na família onde sobressai claramente a figura da mãe e a dificuldade desta em obter o perdão daqueles que lhe estão mais próximos e em especial da sua filha mais velha. A grande mestria do escritor é conseguir prender o leitor de uma forma chocante, agressiva e incómoda. Utiliza a literatura como arma para comover a afetividade do leitor e encara-a como uma forma de mudança social a longo prazo.

Romina Gauchat no contexto do seu projeto de investigação *Poéticas emergentes en la literatura española actual* publica o artigo *Andrés Barba: Una Narrativa Lúdica*⁸ e tece uma visão pessoal e crítica sobre as obras e o estilo literário de Barba onde confirma que o autor “es un exponente del actual panorama de la narrativa española” e que foi qualificado por Jorge Herralde, o editor de Anagrama, como um caso singular com quatro livros no mercado em apenas cinco anos. Salienta ainda a falta de temor do escritor na hora de abordar temáticas problemáticas e arriscadas. A autora é da opinião que as obras de Barba giram em torno um tópico complexo como “el sentimiento humano profundo siempre en conflicto” (p. 1).

Gauchat analisa as obras de Barba e refere que segundo os críticos, o livro *Las manos pequeñas*, baseado numa história real, retrata uma “infância cruel y grupal” que lembra a obra *El señor de las moscas* de William Golding. A autora qualifica a novela como “intensa, lírica y experimental” porque toda ela está elaborada com surpreendente “artesanía lingüística” onde o autor “propone un juego con el discurso al desarticularlo y al romper con la grafía...” e “lo hace a través de las repeticiones...” e continua a enumerar os recursos utilizados por Barba referindo que o seu lirismo reside precisamente na sua concentração expressiva e no uso de recursos próprios da poesia, com orações em forma de coluna como

⁸ <https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=andres+barba&start=100> em 20-07-2015.

se fossem versos, tais como a anáfora, aliteração, sinédoque, etc. Todos estes recursos adicionados ao discurso desarticulado, à falta de parágrafos, às adjetivações múltiplas, às orações curtas e aos monossílabos, conferem à obra a espontaneidade do pensamento interior das personagens o que faz com que o leitor ative o sentido do texto. Estes monólogos interiores, os silêncios e os vários tipos de narradores, em vez de acrescentar informação provocam desamparo e incómodo no leitor (p. 1-2).

Neste estudo Romina G. cita uma opinião da redatora do *El Mundo* Rebeca Yanke: as “crianças-mulheres” de Barba têm problemas. São “personagens em construção sentimental”, seres que adoecem e cuja sexualidade é sempre o princípio da confusão e da instabilidade. Estas não seguem um padrão clássico: não têm família e carecem de afeto (p. 3). Ainda referindo-se à obra *Las manos pequeñas* Gauchat identifica uma dificuldade compreensiva, o desenvolvimento sintático pouco frequente nos relatos narrativos, que se caracteriza pelo predomínio de parágrafos constituídos por uma oração única, ou então por frases muito compridas; passagem de frases para a linha seguinte sem que se tenha concluído a ideia e orações com uma ordenação interna complicada. Este discurso interrompido e corto reproduz um estilo coloquial como quando alguém fala mentalmente consigo mesmo (pensamento íntimo) e as repetições, explicações e correções conferem às orações uma estrutura interna complexa (p. 4).

Da análise que a autora fez às obras de Barba a síntese principal incide no hermetismo das relações fraternais e do aspeto psicológico das personagens; na temática incómoda (doenças, vida/morte, culpa, tabus, sujeitos anormais); na desarticulação dos mecanismos narrativos; no lirismo e no olhar crítico do escritor para com aquilo que o rodeia. Todos estes aspetos, diz a autora, “requieren de una participación activa del lector” (p. 5).

1.2 Reflexões teóricas sobre tradução

Embora a tradução possua um carácter pragmático, pode-se considerar que esta teve o seu início com a reflexão teórica. Estudiosos nesta matéria dedicaram muito tempo e esforço a debater problemas, soluções e diferentes maneiras de encarar a tradução. As componentes prática e teórica não devem portanto ser desvinculadas uma da outra quando falamos em tradução. García Yebra (1997: 16) assim o confirma dizendo “La teoría sola es estéril, y la práctica sin teoría, rutinaria y ciega.”.

Mário Vilela (1994: 13) na obra *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*⁹ numa reflexão sobre línguas e linguística refere estas duas variantes como estando intimamente relacionadas com a problematização da tradução. Grande parte dos textos mais antigos são traduções e algumas delas serviram para condicionar de modo permanente algumas línguas: Notker von St. Gallen (950-1022) e Martinho Lutero (1483-1546) a língua alemã e Dante (1265-1321) o italiano moderno. No ensaio *Textos clásicos de teoría de la traducción*¹⁰ de Miguel Ángel Vega (1994: 23) é referido que a obra *De optimo genere oratorum*, de Cícero marca o início da história da tradução através de reflexões acerca desse processo, onde se apresentam duas perspectivas de tradução: a do tradutor, em que este interpreta fielmente e a do poeta como uma forma mais livre. Cícero considera ainda que na tradução deve dar-se prioridade ao sentido das palavras e não às palavras em si, refutando assim a tradução literal.

Embora o início da tradução se situe em 46 a.C. com Cícero e a sua obra *De optimo genere oratorum*, a grande percentagem dos estudos teóricos surgiram na segunda metade do século XX após a Segunda Guerra Mundial, devido ao rápido desenvolvimento científico, económico e tecnológico. Até então a tradução centrava-se em textos literários, a partir da guerra surgiram textos administrativos, económicos e científicos que rapidamente se transformaram no centro da actividade tradutória. Estes profissionais começaram a ser mais procurados e o seu trabalho mais destacado.

A panóplia de autores que se tem dedicado a este tema deu origem a várias teorias, normas e técnicas. Contudo, os resultados não são consensuais, assim o afirma Leal (1994:

⁹ Editorial Caminho, 1994

¹⁰ Cátedra, 1994

23) na obra *O Labirinto do Texto, da Teoria da Literatura à Tradução Literária* apud Savory (1968: 9) dizendo que “os tradutores têm-se contradito em quase todos os aspetos da sua arte” justificando que “o resultado dessa dissensão é não existirem princípios de tradução universalmente aceites”.

A questão da fidelidade ao texto original é um dos problemas mais antigo e debatido entre os teóricos da tradução. Susan Bassnett-McGuire (1991: 43) no estudo *Translation studies – new accents*, refere uma ideia de Cícero na qual este demonstrava a sua preocupação: “Se traduzo palavra por palavra, o resultado será menos do que aceitável, se, pela força das circunstâncias, me sinto forçado a alterar a ordem ou o fraseado, temo estar a falhar na minha função de tradutor”. A mesma autora faz a oposição palavra por palavra (tradução literal) e sentido por sentido (tradução livre) (Susan Bassnett-McGuire, 1991: 39-40). Yebra (1997: 35-36) questiona se será possível passar o conteúdo de um texto de uma língua a outra, e conclui que não existem correspondentes exatamente iguais nas estruturas léxicas, semânticas e morfológicas que permitam fazer uma tradução exata e formal de um texto noutra língua, pelo que traduzir é sim reprodução de conteúdo e não cópia. Ainda nesta obra, o autor apresenta-nos um outro argumento, desta feita de um outro autor, Schleiermacher, onde diz existirem dois caminhos para uma boa tradução: ou o tradutor se afasta do escritor e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou se afasta do leitor e vai ao encontro do escritor. O primeiro caminho consiste em ajustar o mais possível o texto na língua terminal às construções do original. O caminho inverso consiste em que o novo texto produza nos seus leitores, o efeito mais aproximado àquele que se supõe que o texto na língua original tenha produzido nos seus leitores nativos. Os tradutores de obras literárias normalmente seguem este caminho, procurando dentro do possível, que o leitor esqueça que está perante um texto estranho à sua própria língua (Yebra, 1997: 42).

Mas a problemática da tradução não se prende apenas com a dificuldade na sua definição. A linguagem dos textos que se pretendem traduzir é outro fator que o tradutor não pode ignorar. Não podíamos deixar de falar em tradução sem mencionar as características e especificidades dos textos literários com toda a sua subjetividade, polissemia, plurissignificação e recursos retóricos. Luís Leal (1994: 21) diz que “A tradução literária existe. É um processo mágico que cria no mais comum dos mortais a ilusão de estar a ler uma obra literária escrita num idioma que não é o seu, como se do seu se tratasse.”, Newmark, (2010: 24) refere que “O prazer pessoal que a tradução proporciona reside na emoção da resolução de mil pequenos problemas no contexto de um maior. Mistério,

quebra-cabeças, caleidoscópio, jogo, labirinto, enigma, malabarismo, são metáforas que captam muito bem o elemento lúdico da tradução e não a sua seriedade. (Mas o prazer reside no jogo e não na seriedade) ” [Minha tradução]. O prazer de traduzir aplica-se à tradução em geral, mas é na tradução literária que o tradutor tem mais liberdade para criar e inovar. A tradução de um texto literário pode ser considerada mais que uma tradução, uma produção própria. Gonzalo García e Valentín García Yebra (2005: 49) na obra *Manual de documentación para la traducción literaria*, afirmam que a própria tradução literária é igualmente uma obra de cariz literário equivalente e com as mesmas particularidades da produção original, só que numa outra língua. Com base nestas afirmações acredita-se ser possível harmonizar neste estudo as três vertentes: trabalho, aquisição de conhecimentos e prazer pessoal.

Outra ideia a reter é a de Bassnett e Trivedi (1999: 2) no ensaio *Post Colonial Translation: Theory and Practice* onde refere que “A tradução não é uma atividade inocente, transparente, mas está altamente carregada de significados em todos os seus estágios; é raro, se alguma vez, envolve relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas.”. Luís Leal (1994: 27) parafraseando Richard Palmer (1989: 37) completa este pensamento ao afirmar que “o acto de traduzir não é uma simples questão mecânica de encontrar sinónimos” mas sim “uma forma especial do processo básico interpretativo de tornar compreensível”.

Newmark (2010: 23) assevera que traduzir não só desenvolve o léxico e a gramática das línguas com que se está a trabalhar, como também pode ser um importante veículo de transmissão de cultura. Uma tradução é um processo de interpretação do sentido de um determinado texto e conseqüente transladação de uma língua para outra e não pode nunca ser dissociada quer da cultura da língua de origem quer da cultura da língua terminal. Esse processo envolve adaptação, aquisição e partilha de conhecimentos não só a nível linguístico como também da cultura de ambas as línguas. Esta relação de dependência entre língua e cultura aparece expressa em estudos de vários autores. Klondy Agra, num artigo intitulado *A integração da língua e da cultura no processo de tradução*¹¹ parafraseia Bassnett dizendo que aos tradutores cabe-lhes a missão de fazer passar a diversas culturas textos de vários autores, com um determinado sentido, num determinado contexto, com o cuidado de, ao traduzir a língua, não alterar o sentido.

¹¹ <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf> em 14-09-2015

Mário Vilela (1994: 13) reflete sobre tradução e aponta-a como um dos problemas mais complexos no campo das línguas, da linguística e da comparação entre línguas, que consiste na transposição de textos ou enunciados na língua de partida (ou língua original) para a língua de chegada (ou língua terminal).

Aquando da separação entre a linguística, a problemática da tradução e comparação das línguas observou-se a seguinte evolução: a tradução divide-se nas vertentes literária, tradução-interpretação ou tradução assistida por computador e a comparação das línguas passou a ocupar-se da reconstrução das diferentes fases das línguas antigas (Mário Vilela, 1994: 14). Uma inovação recente no campo da tradução, diz Newmark (2010: 25-26), é a introdução da disciplina Teoria da Tradução ou Tradutologia, no ensino universitário. Essa teoria caracteriza-se por identificar e definir problemas de tradução; identificar os fatores a ter em conta para a resolução desses problemas; enumerar os possíveis procedimentos de tradução; e finalmente aconselhar o método e procedimento mais correto para a tradução.

Sobre a temática da tradução muito há a dizer ainda. Outras ideias, conceitos e definições de Newmark (2010: 19-20) permitiram consolidar conhecimentos teóricos no decurso deste mestrado, e de alguma forma justificam a matéria do presente trabalho. É então importante esclarecer alguns pontos de vista desse teórico que foi um dos mais importantes teóricos da tradução e professor de Teoria da Tradução na universidade de Surrey em Inglaterra, a começar pelo processo de traduzir, que segundo ele é “verter para outra língua o significado de um texto no sentido pretendido pelo autor”, contudo adverte que existem alguns fatores que podem interferir com o trabalho do tradutor, e aos quais este profissional deve dedicar a máxima atenção, são eles: o estilo e a maneira do autor se expressar na LO; o uso convencional da gramática e do léxico da LO; as expectativas do suposto leitor; etc. Deve ainda ter cuidado com outras tensões entre: som e sentido; ênfase (ordem das palavras) e naturalidade (gramática), etc. Newmark (2010: 45) define naturalidade como sendo o uso natural de uma língua com toda a variedade de modismos, estilos e registos que esta compreende. Outra ideia geral mencionada na sua obra é que o trabalho do tradutor consiste na ampliação dos seus conhecimentos através da aquisição de maior expressividade, factos e palavras (Newmark, 2010: 21). Para este autor o único modo de traduzir com naturalidade, exatidão e máximo de eficácia é traduzir para a língua materna porque é esta que conhecemos com perfeição e é a que usamos com mais regularidade (Newmark, 2010: 17). É com base nestes pressupostos que se pretende verificar o alargamento dos conhecimentos a nível do léxico, da gramática e da cultura em geral das

línguas envolvidas neste processo. Mas para fazer uma tradução não basta ser fluente numa das línguas, ou até nas duas. Há que ter a sensibilidade para perceber o conteúdo e encontrar cognatos na língua de chegada. Newmark (2010: 18) refere que um tradutor deve ter um “sexto sentido” para saborear a sua própria língua. O “sexto sentido” é uma mistura de inteligência, sensibilidade e intuição, e muitas vezes começa a funcionar durante a revisão final da tradução. Diz ao tradutor quando deve traduzir literalmente e quando o deve fazer instintivamente ou quando deve romper as “regras” da tradução” e atribui à gramática um papel importante na tradução ao afirmar que esta “é a coluna vertebral de um texto; o vocabulário a carne; e as colocações, os tendões...” (2010: 174). Outro aspeto que Newmark (2010: 147) introduz no estudo da tradução está relacionado com, segundo ele, o problema concreto mais importante neste processo: a tradução de metáforas. Esta figura da linguagem é um modo bastante expressivo, com um forte carácter de dualidade que os escritores utilizam para embelezar, descrever e articular as suas histórias, ideias ou opiniões, e pode levar a interpretações enganadoras. Newmark (2010: 147) considera metáfora qualquer expressão figurada: o sentido de uma palavra física; a personificação de uma abstração; a aplicação de uma palavra ou colocação a alguma coisa que não o signifique literalmente; todas as palavras polissémicas e a maioria dos verbos frasais. Estas podem ser simples (uma só palavra) ou prolongadas (colocações, modismos, orações, provérbios, alegoria ou até um texto imaginativo completo). O seu duplo carácter, referencial e cognitivo ou pragmático e estético, consiste no primeiro caso numa descrição de um estado mental, conceito, pessoa, objeto, qualidade ou ação mais global e concisa, e no segundo caso a uma descrição que visa estimular os sentidos, proporcionar interesse, deleite e ao mesmo tempo surpreender. Relativamente à tradução de metáforas o autor aconselha que, sempre que se encontre uma frase que seja gramaticalmente correta, mas que aparentemente não tenha sentido, deve-se verificar se o elemento ao parecer sem sentido tem algum significado metafórico (Newmark, 2010: 150). Outra achega de Newmark (2010: 160) foi a explicação de uma técnica denominada *análisis componencial*, a qual consiste em comparar uma palavra da LO com outra com significado semelhante da LT. Essa comparação baseia-se primeiro em mostrar os componentes com significados comuns a ambas as línguas, e depois, aqueles em que se diferenciam. Este procedimento permitirá aferir e certificar que o termo traduzido é o mais correto e indicado para o contexto em questão.

O ilustre Valentín García Yebra autor de extrema importância e relevo na área da tradução, com inúmeras publicações e experiência neste ramo, também é aqui merecedor de

lugar de destaque. A sua contribuição através do seu *Know-how* e os seus estudos empíricos são uma excelente ferramenta de auxílio para qualquer tradutor. Foi eleito membro da Real Academia Española em 1984, traduziu versões de línguas clássicas como o grego e o latim e foi o autor de vários ensaios da especialidade. A sua obra mais conhecida no campo da tradução intitula-se *Traducción: Historia y Teoría* (1994). Em 1997 é reeditada a 3ª edição de uma outra obra sua: *Teoría y Práctica de la Traducción*, onde García Yebra, (1997: 31-32), distingue língua recetora como língua terminal (LT) e língua fonte como língua original (LO). Yebra (1994: 241), fala na sua obra da sua experiência enquanto tradutor e salienta que este tem de ser mestre no uso da sua própria língua e que a melhor maneira de praticar é fazendo versos tradicionais (com métrica, rima e acentuação correspondente), porque isso obriga a uma busca e aquisição de recursos e possibilidades da língua. Yebra (1994: 223-228) traduz também algumas ideias gerais do autor Pierre Daniel Huet, a respeito de uma tradução de latim para grego, onde diz que “No geral, deve-se traduzir palavra por palavra, e deve-se conservar inclusivamente a ordem das palavras, sempre que a natureza da língua do tradutor o permita”. Esta ideia é refutada umas páginas mais à frente com o argumento que ou se abandonam as palavras, as sílabas e a sua colocação, ou se renuncia ao estilo do autor. Os motivos apresentados são o número e o significado das palavras; a diferença de géneros, casos e números; flexão e abundância de artigos, prefixos e nomes; números de conjugações; quantidade de tempos e modos verbais, etc. [Minha tradução]. Outro conceito muito importante que Yebra (1994: 258) explicita nesta obra, é uma fórmula onde ele compila o seu pensamento sobre a forma como se deve traduzir: “Dizer tudo, não dizer nada, e dizê-lo da forma mais natural e do modo mais elegante possível”: o tradutor deve dizer tudo o que diz o texto original, não dizer nada que o original não diga, e dizer tudo da maneira mais natural e, quando o texto o permita, do modo mais elegante possível, na língua de tradução. Num outro estudo, Yebra (1997: 31-32) distingue tradução enquanto ação ou processo, ou enquanto resultado dessa ação ou desse processo. A definição da tradução é outra ideia que o autor partilha com os leitores, e apresenta duas que considera aceitáveis: a) Reprodução na LT a mensagem da LO por meio do equivalente mais próximo e mais natural, primeiro no que se refere ao sentido, e depois no que diz respeito ao estilo; b) Enunciação na LT aquilo que foi declarado anteriormente na LO, conservando as equivalências semânticas e estilísticas. A par disso, refere ainda a ideia de que o processo de tradução é composto por duas fases: fase da compreensão do texto de partida, em que o tradutor procura o sentido e o conteúdo do texto original; e a fase de expressão da mensagem e conteúdo na língua de chegada, na qual se procuram palavras e expressões para reproduzir nesta língua o conteúdo

do texto de partida. Yebra (1997: 401) diz ainda que nem sequer entre as línguas mais próximas é totalmente possível a tradução palavra por palavra, chamada frequentemente, de modo errado «tradução literal». Qualquer tradução que tentasse reproduzir a LO palavra por palavra resultaria num desvio do uso normal da LT que iriam desde o simplesmente chocante até aos limites do ininteligível. O autor adverte que mesmo traduzindo de línguas muito próximas à nossa, muitas vezes é necessário abandonar a tradução palavra por palavra. Sempre que esta não seja aceitável, são quase sempre possíveis várias traduções mais ou menos equivalentes. A dificuldade está em acertar na escolha mais adequada, esse é um fator decisivo para a qualidade da tradução [Minha tradução].

Uma perspetiva igualmente interessante sobre a tradução é a de Eugene Nida que foi pioneiro nos estudos no campo da tradução e da linguística. No seu ensaio *Sobre la traducción* (2012: 10) afirma que traduzir é sobretudo um processo comunicativo, ou seja, um tradutor além de se preocupar com as estruturas léxicas tem igualmente que ter em conta a forma como provavelmente o público vá compreender o texto. Diz ainda o autor que, são tantas e tão variadas as definições da tradução quantas as pessoas que se têm dedicado a analisar este tema e que nunca houve tanto esforço e dedicação à temática da tradução (2012: 15). Outra opinião de Nida é que nenhuma análise sobre princípios e métodos de tradução pode tratar a tradução como algo separado do próprio tradutor. Uma vez que o tradutor é o elemento central na tradução, este não pode ser totalmente impessoal e objetivo no seu trabalho porque faz parte do contexto cultural em que vive e o seu papel é fundamental nos princípios e procedimentos básicos da tradução. Não se pode apreciar totalmente o papel do tradutor sem analisar antecipadamente certos elementos semânticos e formais que são básicos no processo de tradução. Considera ainda que o trabalho dos tradutores não tem o devido reconhecimento, é mal pago e objeto de muitos abusos, mas que independentemente dessas dificuldades e ingratidões, se o tradutor quiser fazer uma tradução aceitável deve ter um conhecimento excelente da LO, e ao mesmo tempo, um bom domínio dos recursos da LT. Este não se pode limitar a emparelhar palavras com a ajuda do dicionário, deve sim criar uma nova forma linguística que contenha o conceito expresso na LO. Falando em relação às competências do tradutor Nida (2012: 147-151) afirma que idealmente o tradutor deveria ser completamente bilingue, tanto a nível da LO como da LT, e para além disso deveria traduzir sempre para a sua língua materna. Contudo, esse ideal raramente acontece, antes pelo contrário, existem vários níveis de compromisso nos quais o papel do tradutor se ajusta de diversas maneiras às línguas com que tem de trabalhar. Este

teórico reforça ainda a ideia de que mais importante que o conhecimento dos recursos da LO é o domínio completo da LT e que o primeiro e mais óbvio requisito básico para o tradutor é ter um conhecimento satisfatório da LO. Deve igualmente compreender não só o conteúdo evidente da mensagem, mas também as sutilezas do significado, os valores emotivos importantes das palavras e os traços estilísticos que determinam “o «sabor» e o «sentir» ” da mensagem.

Nesse mesmo estudo Nida (2012: 152-153) apresenta várias ideias de outros autores e sobre as quais vale a pena refletir: segundo ele, Basil Anderton (1920: 66) compara a empatia do tradutor para com o autor original com a de um bom ator, porque este consegue representar esse papel de forma eficaz; também Nabokov (1941) partilha dessa opinião ao afirmar que o tradutor deve ter o dom da imitação, a capacidade de representar o papel do autor, imitando o seu comportamento, a sua forma de se expressar e as suas maneiras com a máxima fidelidade; Justin O`Brien (1959: 85) afirma que nunca se deve traduzir algo que não se admire, diz até que deveria existir uma afinidade natural entre o tradutor e o autor traduzido. Mais, o tradutor deve contentar-se em ser como o autor, já que não deve tentar ser melhor que ele; Nabokov (1941) também se pronuncia a este respeito dizendo que em última instância um tradutor eficaz deve ter tanto ou o mesmo talento que o autor que escolhe; Nida reforça a posição de Tytler (1790: 204) sobre este requisito afirmando que “el genio del traductor debe ser semejante al del autor original” e que “los mejores traductores son los que brillan en la redacción de textos originales similares a los que han traducido”. Apresenta também uma definição de tradução de Procházka onde determina uma boa tradução como aquela em que o tradutor observa certos requisitos: o entendimento da palavra original, temática e estilisticamente; a superação das diferenças entre as estruturas linguísticas das duas línguas e a reconstrução na sua tradução, das estruturas estilísticas do texto original (Nida, 2012: 165).

Uma tradução natural implica a adaptação de duas áreas primordiais: a gramática e o léxico. As modificações gramaticais, norma geral, podem-se fazer com mais facilidade, visto que muitas das alterações gramaticais são ditadas pelas estruturas obrigatórias da LT; isto é, vemo-nos obrigados a fazer ajustes como a alteração da ordem das palavras, o uso de verbos em vez de substantivos ou a substituição de substantivos por pronomes. A estrutura léxica da mensagem original não se ajusta tão facilmente aos requisitos semânticos da LT, já que, em vez de regras evidentes que se devem respeitar, existem numerosas alternativas possíveis [Minha tradução] (Nida, 2012: 173).

À semelhança de Newmark (2010: 160), também Nida (2012: 80) refere a *análisis componencial* como uma técnica que pode ser utilizada para analisar o significado de um conjunto de palavras relacionadas sempre que as relações entre esses termos se baseiem em características comuns e contrastantes.

Escolher o método de tradução é quase tão complicado como fazer a própria tradução. Não existem métodos perfeitos que satisfaçam todos os requisitos necessários para uma tradução satisfatória. Ao tradutor compete-lhe escolher aquele que melhor se adapta ao estilo de texto que vai traduzir e ao tipo de leitor a que se destina, neste caso, o que se tentará fazer é: escolher um método que proporcione ao leitor da tradução o mesmo interesse, a mesma emoção e a mesma afetividade que o original provocou nos seus leitores, numa linguagem clara e objetiva; e fazê-lo acima de tudo procurando não inventar, não fazer alterações desnecessárias nem fugir aos padrões definidos pelo autor.

Para além dos teóricos já mencionados, outros houve que problematizaram este tema e que nos inspiraram para a realização deste projeto. De uma forma generalista elencam-se de seguida os mais significativos bem como as suas ideias principais, tal como constam no manual de Luís Leal (1994: 22-25): S. Jerónimo considera que a missão do tradutor é melhorar o texto original (Schulte e Buigenet, 1992: 2) e Lefevere (1992b: 7-10) aponta que o principal contacto da maioria dos leitores com a literatura faz-se cada vez mais por intermédio de traduções porque o leitor, por não dominar a língua em que está escrito, a elas recorre como se fossem originais. Outra perspetiva, à qual Leal apud Nida (1964: 2) atribui um carácter mais mundano, é a de escritores italianos do início do Renascimento que comparam as traduções às mulheres: “caseiras, quando são fiéis; infieis, quando são belas”. Savory (1968: 49) queixa-se que as pessoas habilitadas para formularem princípios universais para a tradução têm-se contradito tantas vezes e há tanto tempo que apenas conseguiram gerar confusão neste campo. Mais recentemente Holmes (1972) corrobora esta ideia ao declarar que muitas das teorias propostas até à data, não são verdadeiramente teorias mas sim apenas “uma legião de axiomas, postulados e hipóteses”. Mais tarde Toury (1980a: 7) apesar de reconhecer que houve progressos na “jovem mas dinâmica disciplina de Teoria da Tradução” ainda se espera o surgimento de uma teoria geral. Roger T. Bell (1992: XV) partilha o mesmo pensamento ao afirmar que os teóricos da tradução e os linguistas não têm colaborado entre si para encontrar uma teoria geral da tradução. No livro *Translation Studies* de Susan Bassnett-McGuire (1991: 1) aparece implícita a ideia de que já não se procura uma teoria geral da tradução, procura-se antes elaborar um estudo sistemático da tradução no qual

há ainda muito caminho a percorrer. Mas diz Leal (1994: 24) apud (Schulte e Buigenet, 1992: 193) que o problema está longe de ser resolvido. Henry Schogt acredita ser outro o problema: apesar de existir uma relação óbvia e deveras importante entre a semântica (significado) e a tradução (transferência do significado), a teoria de ambas não estão intimamente ligadas, e os especialistas da tradução são mais prejudicados que beneficiados pelos princípios da teoria semântica. André Lefevre (1992a: 59) conclui que a formulação de regras para a tradução é uma tarefa ingrata, precisamente porque traduzir implica muito mais do que encontrar o equivalente linguístico adequado.

A diversidade de opiniões é saudável e é o caminho para impulsionar o desenvolvimento. Não devemos aceitar uma ideia como única e absoluta rejeitando por completo todas as outras. Devemos sim, “beber” um pouco de todas elas, porque a tradução não é uma “ciência” exata. Por esse motivo, tentar-se-á que este trabalho beneficie do contributo de vários autores especialistas na área. Outra questão bastante debatida é se a tradução é uma ciência, uma técnica ou uma arte. A incerteza sobre a natureza da tradução é outra questão que levou alguns teóricos a problematizarem o assunto, e mais uma vez não houve consenso. Eugene Nida (2012: 17-18), opina que “a prática da tradução há muito que deixou para trás a teoria, e ainda que não se possa negar que haja elementos artísticos numa boa tradução, os linguistas e filólogos estão conscientes de que o processo de tradução é cada vez mais um processo rigoroso de descrição. Quando se fala em *ciência da tradução*, interessa-nos o aspeto descritivo; da mesma forma que a linguística pode classificar-se como uma ciência descritiva, a transferência de uma mensagem de uma língua para outra pode ser igualmente ser considerada uma descrição científica. Os que afirmaram que a tradução é somente uma arte ficaram apenas na superfície dos princípios e procedimentos que regem o seu funcionamento. Da mesma forma, os que adotaram um ponto de vista completamente oposto não estudaram a tradução o suficiente para apreciar a sensibilidade artística, que é um ingrediente indispensável em qualquer boa tradução de um texto literário.”. Também o teórico Peter Newmark (2010: 22) pronuncia-se sobre o assunto ao considerar que “a tradução pode ser ciência, técnica e arte: ciência porque implica conhecimento e verificação dos factos e da linguagem que descreve; uma técnica porque requer uma linguagem aceitável e apropriada; e uma arte porque distingue uma escrita boa de uma medíocre.”

O primeiro passo neste processo passará pela leitura atenta do texto original. Essa leitura deverá ser feita pelo menos duas vezes, uma geral e outra mais detalhada e profunda, para garantir que o tradutor interioriza a intenção e forma como o texto está escrito,

(Newmark, 2010: 27). Procurar-se-á: traduzir com um método que seja o mais próximo possível do original; ser fiel às escolhas e ao estilo do autor (Newmark, 2010: 52); manter a estrutura gramatical e lexical da LT (Newmark, 2010: 174); manter o significado da expressão ou oração original (Nida, 2012: 285); e manter a naturalidade na LT (Newmark, 2010: 45). Outro passo importante neste trabalho será a escolha do método e dos procedimentos a utilizar. Nida (2012: 284-285) diz que “Um tradutor competente tratará sempre de encontrar o equivalente natural mais próximo”, e continua “Como já indicámos ao definir a tradução, deve dar-se prioridade ao significado, já que o mais importante da tradução é o conteúdo da mensagem”, e Newmark (2010: 52) considera que “Se as orações grandes e estruturas complicadas são parte essencial do texto a algo típico do autor e não das normas convencionais da língua original, o dever do tradutor é reproduzir a desviação correspondente às normas da língua terminal na sua própria versão”. Ora, como se pode ver, não é possível fazer uma tradução utilizando apenas um método ou um procedimento porque nenhuma língua corresponde literalmente a outra por mais parecida que seja. Yebra, (1997: 392) refere que “cada língua é um sistema de signos complicadíssimo e é precisamente isso que a diferencia das demais. Pode haver entre duas línguas coincidências parciais que sejam tanto mais numerosas e amplas quanto maior a proximidade entre elas. Uma língua constitui-se não pelas semelhanças com outras mas sim pelas diferenças que a permitem distinguir-se delas”. E o caso de traduções de português para espanhol ou vice-versa não é exceção, existem particularidades contrastivas das duas línguas que se se irão refletir neste ou noutro qualquer processo de tradução: a) em espanhol as orações podem iniciar-se com pronomes átonos oblíquos, em português não; b) apesar de ambas as línguas terem a característica de língua “pro-drop”- sujeito nulo- em português enfatiza-se o sujeito pelo pronome, enquanto no espanhol essa ênfase vai para o objeto; c) em espanhol não existe o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples, como em português, apenas o composto; d) o português admite o uso dos pronomes entre o verbo flexionado, o gerúndio e o infinitivo, no espanhol utilizam-se normalmente os pronomes antes do verbo flexionado ou agregado ao final nas formas do gerúndio e do infinitivo e também a ênclise nos imperativos; e) em espanhol não há o infinitivo pessoal que existe em português, somente o impessoal; f) o espanhol não admite artigo definido diante dos seus possessivos na forma átona, ao contrário do que se passa em português; g) o espanhol usa a próclise (colocação dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo) nos tempos do futuro e o português usa a mesóclise (colocação dos pronomes oblíquos átonos no meio do verbo); h) no espanhol é

frequente utilizar-se o presente do indicativo para orações com valor hipotético, em português utiliza-se o pretérito imperfeito do conjuntivo...

A separação em línguas diversas aconteceu na Península Ibérica durante o período da reconquista. A língua que predominou foi o galego-português que ficou limitado geograficamente a toda a faixa ocidental da Península Ibérica (atuais territórios da Galiza e Portugal). Só no séc. XIV se começaram a destacar as diferenças entre o galego e o português com a separação política. Embora as fontes lexicais do espanhol e do português sejam na sua grande maioria as mesmas, a evolução semântica transformou palavras iguais ou parecidas na forma em palavras diferentes no significado. O facto de duas línguas serem muito parecidas pode levar a que se descure a sua aprendizagem e se interiorize erradamente alguns cognatos que, como se disse atrás, aparentemente parecem querer dizer a mesma coisa, mas na realidade têm significados diferentes. A estas palavras com pronúncia e grafia similares, mas significados distintos, chamam-se “falsos amigos” e existem muitos no que diz respeito a línguas tão próximas, como é o caso do espanhol e do português, pelo que esse será um aspeto a não descurar neste processo. Yebra (1994: 354-355) enumera mais de duas dezenas destas palavras. A semelhança entre duas línguas tanto pode ser um fator positivo na aprendizagem, como um obstáculo. Oscar Diaz Fouces na sua obra *Didáctica de la Traducción (Portugués- Español)* refere que a tradução português – espanhol é encarada muitas vezes como uma actividade tão fácil e pouco estimulante (pela sua aparente falta de complicação). Ainda nessa obra, Fouces (1999: 47) apud John E. Joseph (1985: 40) sugere que existe uma relação inversamente proporcional entre o prestígio que goza uma norma linguística e a facilidade de aquisição das destrezas que lhe são próprias.

Desde há vinte anos a esta parte que a Língua Espanhola ocupa um lugar de destaque no ensino português, enquanto segunda língua. Pensa-se que a proximidade linguística e geográfica seja a responsável pela evolução e expansão do espanhol no nosso ensino. A nível literário destacam-se alguns autores espanhóis bastante apreciados e inseridos nos estudos de cadeiras como Literatura Espanhola: Miguel Unamuno, García Lorca, Antonio Machado, Camilo José Cela, etc. A verdadeira avalanche de traduções destes autores surge na década de 90, após a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Europeia em 1986. Quem o refere é Dionisio Martínez Soler numa publicação intitulada *A tradução*

*da literatura espanhola em Portugal (1940-1990)*¹² do Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa,.

Outros conceitos importantes no campo da tradução foram os procedimentos tradutórios que cada tradutor aplica no seu trabalho, e que vários autores trataram de definir. Nida (2012: 162-163) define *equivalência formal* e *equivalência dinâmica*, a primeira centra-se na mensagem, na sua forma e no seu conteúdo. O tradutor interessa-se pela correspondência de oração a oração, conceito a conceito, tentando que a mensagem da LO coincida tanto quanto possível com os diferentes elementos da LT. Na última o tradutor não se preocupa tanto com a correspondência da mensagem entre a LT e a LO, tenta sim que o texto traduzido provoque no leitor as mesmas sensações que o texto original provocou nos seus leitores nativos. Newmark (2010: 117-118) define também: a) *transferência* como o processo de transferir uma palavra da LO para o texto da LT. A palavra transferida converte-se em empréstimo, isto é, quando o tradutor decide manter uma palavra da LO no texto traduzido. Este procedimento será uma opção a aplicar na tradução dos nomes próprios (exceto o dos Santos), nomes geográficos e topográficos (exceto os que estejam já reconhecidamente traduzidos na língua portuguesa) e palavras culturais acrescentando neste último caso uma nota explicativa; b) *transposição* preconizada também por Newmark (2010: 122-123) apud Darbelnet, que consiste numa alteração gramatical ao passar um texto da LO para a LT. Essa alteração pode ir desde a mudança de singular para plural ou a posição do adjetivo, até à substituição de tempos verbais, como por exemplo o gerúndio pelo infinitivo. Esta será uma opção a aplicar na tradução sempre que uma estrutura gramatical da LO não seja compatível ou não exista na LT. Yebra (1997: 340) define «*estrangueirismo*» como a palavra que se traduz tal qual é na língua a que procede, sem qualquer tipo de adaptação ou modificação para a língua que a recebe; *tradução direta ou literal* como aquela em que um termo da língua de partida se pode reconstruir na língua de chegada preservando um paralelismo total” (Yebra, 1997: 333); e *tradução oblíqua* aquela que não conserva com o original o paralelismo requerido pois os seus termos não se correspondem paralelamente com os do original (Yebra, 1997: 335).

¹² <http://www.comparatistas.edu.pt/excertos/excertos/a-traducao-da-literatura-espanhola-em-portugal-1940-1990.html> 03-09-2015

2. Tradução e Análise

FILIAÇÃO

De repente tomou consciência do silêncio da tarde, de repente, como se o tivessem espalhado¹ no meio da sala, na foto da Mamã com o cabelo em canudos² e vinte anos quase impossíveis, nas coisas dela e de Manuel³, nos miúdos. O retrato tinha-o deixado a Mamã num ataque de orgulho fazia um mês um pouco porque gostava daquela foto e principalmente⁴ porque a irritava que não houvesse nenhuma imagem sua na sala quando

¹ “...igual que si lo hubieran desplomado...”, o verbo “desplomar” segundo o Dicionário da *Real Academia Española* (DRAE) significa: “fazer com que uma coisa perca a posição vertical”. A verdadeira essência e intensidade que o verbo original parece querer conferir é a de que o silêncio se espalhou pelos objetos e pela presença dos miúdos. O verbo que se considerou mais aproximado ao sentido original foi o verbo “espalhar” que no Dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP) significa “propagar-se”. Encontrada sinonímia entre estes dois termos, procedeu-se à tradução.

² “...en la foto de Mamá con los tirabuzones...”, recorrendo ao DRAE confirmou-se que o nome “tirabuzones” significa: “Cabelo comprido e pendente em espiral”. Na língua portuguesa esse termo não encontra equivalente, pelo que, para manter a mesma ideia e clareza do original há que introduzir o substantivo “cabelo”, seguido da explicação quanto à sua forma (em canudos).

³ “Manuel” é um nome próprio que se transferiu para a tradução, Newmark (2010: 118) assim o sugere. Neste caso, Manuel em português escreve-se igual, mas haverá outros casos em que os nomes se escrevem de forma diferente e essa diferença far-se-á notar. De qualquer forma, considera-se desnecessário comentar os restantes nomes próprios uma vez que o procedimento será sempre o mesmo.

⁴ “más que nada” é um idiomatismo da língua de partida que tem o mesmo sentido que a tradução pelo advérbio “principalmente” na língua de chegada.

havia uma da mãe de Manuel⁵. Ali estava agora: elegante, absurda e fora do lugar, sem fazer conjunto com nenhum dos móveis, insistindo⁶ para ser vista, tão Mamã.

As palavras que acabava de ouvir ao telefone, a voz assustada da criada no outro lado da linha (Sul-americaníssima e talvez exagerada⁷), tinham-na deixado daquela forma e um pouco culpada por não apanhar a carteira e sair a correr⁸ para o hospital, como tinha feito outras vezes em situações parecidas. A senhora, tinha dito a criada, como era tão assim, tão sua para essas coisas, tinha-se resvalado no duche, e ainda que ela tivesse ouvido⁹ a queda e

⁵ Esta frase no original tem cinco linhas e não tem qualquer tipo de pontuação. Esta ocorrência revela o estilo inovador do autor. De acordo com Newmark (2010: 52) o tradutor deve manter este estilo, pelo que neste e noutros casos idênticos, que se registam ao longo do conto, far-se-á tal qual o original (exceto quando tal comprometa o sentido do texto ou vá contra as regras da construção gramatical do português).

⁶ A substituição do verbo “golpear” pelo verbo português “insistir” que significa “continuar” ou “não desistir” (DHLP), foi pensada com o propósito de encontrar um referente linguístico na LT que tivesse o mesmo sentido do original.

⁷ “Sudamericanísima y quizá exagerada” no original, esta expressão caracteriza a voz da criada. Na língua de chegada, adaptou-se o adjetivo “sudamericanísima” para o seu equivalente português “Sul-americaníssima”.

⁸ No espanhol predomina a forte tendência para o uso do gerúndio, à semelhança do que acontece na variante do Português do Brasil (PB). Na variante Português Europeu (PE) o uso do gerúndio é mais restrito, por norma é substituído pela preposição “a” seguida de infinitivo. Para evitar o uso incorreto do gerúndio e demarcar as variantes PB e PE, e com base na *transposição* exposta por Newmark (2010: 122-123), substituiu-se a forma “salir corriendo” por “sair a correr”. Em casos semelhantes, e sempre que o uso do gerúndio não seja a opção mais adequada, proceder-se-á desta forma.

⁹ Neste caso, a alteração regista-se a nível do modo verbal: o original está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto “aunque ella había oído” e na tradução optou-se pelo pretérito mais-que-perfeito no modo conjuntivo “ainda que ela tivesse ouvido” porque tal como o nome indica, a locução conjuntiva “ainda que” pede o verbo no modo conjuntivo. Este não é caso único na tradução e este será o modo de agir em todos eles.

os lamentos desde o princípio, até que chegou a ambulância e partiram a fechadura da casa de banho, não a tinham podido ajudar¹⁰. Agora estava no hospital.

Se demorou um pouco mais ainda a sair de casa foi porque algo parecia detê-la ali, a Mamã mesmo talvez, olhando da prateleira com vinte anos a branco e preto e sorriso de estudo, ladeada, de ponha-se assim¹¹, sorria, só que naquela devia ter sido ao contrário; a Mamã a dizer ao fotógrafo exatamente o que queria e o que não queria, porque aquela era a fotografia que deu ao Papá ao cumprirem um ano de namoro (Papá sempre, aquela lembrança que quase não parecia uma lembrança do seu funeral), eram os anos do pós-guerra¹², e não havia dinheiro para luxos.

¹⁰ “...no la habían podido atender.”. Neste caso, o verbo “atender” em espanhol tem a mesma conotação do verbo “ajudar” em português uma vez que no contexto da obra, o sujeito alvo dessa ação estava numa situação de fragilidade e perigo.

¹¹ O referente linguístico na LT, do pronome de tratamento “usted” espanhol, é “senhor” ou “você”. No uso da variante PE, este último tipo de tratamento tem vindo a desaparecer do uso coloquial por se considerar uma forma de tratamento informal que atualmente é mais usada em ambiente familiar. Num contexto mais formal, esta forma de tratamento tem vindo a cair em desuso, e cito um trecho do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: *em Portugal você é basicamente usado como tratamento entre pessoas do mesmo nível, ou de superior para inferior. Tal tratamento jamais se ouve de inferior para superior o que seria considerado acinte*. Assim sendo, o mais correto será usar “senhor/a” ou então omitir-se sempre que se encontre subentendido na forma verbal. Neste caso, “póngase usted así” tomou-se como opção omitir o pronome, uma vez que o mesmo se subentende na forma verbal, ficando “ponha-se assim”. As duas soluções aqui apresentadas serão utilizadas, conforme os casos, em exemplos futuros idênticos.

¹² “Los años de posguerra eran,”, este caso é exemplo da alteração da ordem SVO no espanhol. Na LT, a posição do sujeito vem normalmente antes do verbo. Na tradução optou-se por manter o padrão SVO da língua portuguesa, antepondo o verbo ao complemento. Em casos semelhantes, relacionados com alteração da posição dos elementos na frase, far-se-á modificação de acordo com a gramática do português, salvo se se considerar que essa ordem dos elementos tem significação enfática.

Algo tinha acontecido, contudo, essa tarde. E não é que a preocupasse que a Mamã a fosse visitar como da última vez a Manuel e aos miúdos, e ao Antonio e Luisa, e inclusivamente de Valência¹³ a Maria Fernanda para nada, para exhibir¹⁴ talvez o hematoma enorme e exigir o afeto devido, senão que de repente teve a sensação de que algo tinha acontecido com a Mamã, algo das mil e uma caras¹⁵ ou única da Mamã uma vez mais ali¹⁶, de repente autoritário e de repente não, como a fotografia da sala diante dela, como uma coleção de abanicos atrás de uma vitrina.

Disse o seu nome à entrada do hospital e sentiu-se culpada quando a informaram que a tinham atendido de urgência. Havia gente à espera no elevador, assim que subiu a correr pela escada.

«Como estás?», perguntou quando abriu a porta e a viu na cama, junto a um médico que parecia estar à espera que lhe dessem um termómetro.

«Filha», respondeu ela meio lastimosa, e apontou depois para o médico para que respondesse mais cientificamente.

¹³ “desde Valencia”, a preposição “desde” denota a distância ou o lugar (origem) a que se refere o facto narrado (DRAE); na tradução, por uma questão de coerência lexical e gramatical, é mais correto utilizar a preposição “de” que também exprime uma relação de movimento, neste caso a origem da viagem seria Valência, (DHLP); Newmark (2010: 118) diz que se devem transferir os nomes geográficos, exceto os que tenham já traduções reconhecidas na LT, assim em conformidade com este teórico, transferir-se-ão apenas os nomes que não estiverem nestas condições. “Valencia” é uma cidade espanhola que tem tradução reconhecida para português (Valência), logo traduziu-se.

¹⁴ “...para enseñar...”, em espanhol o verbo “enseñar”, segundo o DRAE significa “deixar ver algo involuntariamente”. Na LT, considerou-se que o verbo que mais se aproxima da ideia do autor é o “exibir”, que no DHLP significa “mostrar”.

¹⁵ “Las mil caras” é uma expressão idiomática da LO que tem como expressão homóloga na LT “Mil e uma caras”.

¹⁶ “...puesto otra vez allí”, este é um exemplo claro de um idiomatismo que não pode ser traduzido à letra, sob pena de comprometer o sentido do original. Em português, a ideia de ocorrência repetida de um facto ou ideia exprime-se através da expressão “uma vez mais”.

«A sua mãe fraturou a anca em dois lados. A fratura é limpa mas a união será difícil.»

«Difícil por causa da minha artrose¹⁷ degenerativa, verdade doutor?»

«Sim, e também pela idade.»

Aquela pequena conversa era exatamente a Mamã ou, pelo menos, uma parte enorme dela. Tinham-lhe vestido uma feia bata azul celeste sobre o colete. A semipenumbra do quarto acentuava-lhe umas olheiras quase roxas onde se distinguia uma pequena veia, como um estranho musgo que lhe crescera debaixo da pele. Tinha as mãos com as palmas abertas para cima e estendidas, o que lhe dava, junto à palidez, o aspeto do cadáver de um cruxificado.

«Já chamaste a María Fernanda para lhe dizer como estou?»

«Não, ainda não, dói-te?»

«Como se me estivessem cães a devorar.»¹⁸

«Bom.»

«E o Antonio, chama também o Antonio.»

O médico saiu sem fazer barulho, como uma aparição branca, assegurando que voltaria depois. A roupa da Mamã, uma bata com a qual a deviam ter meio cobrido para tirá-la do banho, estava num saco de plástico sobre o cadeirão.

¹⁷ “...por mi artrosis...”, em espanhol para apontar a causa de algo utiliza-se a preposição “por” seguida da causa (neste caso, artrosis). Em português, e mais concretamente neste exemplo, há que introduzir o substantivo “causa” antes do motivo que provocou a lesão: “...por causa da minha artrose...”.

¹⁸ “Como si me estuvieran devorando los perros.”, nesta frase, a alteração foi no sentido de aproximar mais o texto à gramática da LT: a colocação do verbo depois do sujeito que pratica a ação contrariamente ao que se verifica na LO. Sabendo que o espanhol apresenta maior flexibilidade na ordem dos elementos dos sintagmas, sempre que tal cause estranheza na LT, adaptar-se-á essa ordem ao registo discursivo do português.

«Filha, só me acontecem desgraças¹⁹», disse, começando a choramingar.

«Se tivesses deixado a rapariga dar-te banho²⁰...»

«A rapariga é uma desavergonhada, uma ladra. Quero que a despeças e me procures outra.»

«Estás sempre com a mesma conversa²¹ e afinal nunca ninguém te roubou, se o dizes por causa do teu pregador²² verás como aparece numa semana onde menos pensavas.»

«Tem o quarto como²³ uma pocilga.»

«E a ti que te importa²⁴ como esteja o seu quarto enquanto a casa estiver bem?»

¹⁹ “...no me ocurren más que desgracias”, numa tradução palavra por palavra do original obter-se-ia como produto final a frase “não me acontecem mais que desgraças”. Apesar desta expressão fazer sentido, a carência da naturalidade de uma língua definida por P. Newmark (2010: 43) é notória. No reportório do português existe uma expressão que tem o mesmo sentido: “só me acontecem desgraças”.

²⁰ “Si dejaras que te bañara la chica”, neste exemplo modificaram-se três aspetos: como “si dejaras” se reporta a uma possibilidade, em português usa-se o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo “se tivesses deixado”; a seguinte modificação foi a já comentada alteração da ordem dos elementos: “que te bañara la chica”; esta alteração leva obrigatoriamente à terceira: o verbo “bañar” em espanhol passa a substantivo no português, antecedido pelo verbo “dar”.

²¹ “Siempre estás con lo mismo” é uma expressão coloquial do uso do espanhol que é o mesmo que dizer em português “Estás sempre com a mesma conversa”.

²² Embora exista em português o termo “broche” com o mesmo significado do original, a sua conotação sexual do calão poderia comprometer a interpretação e a intenção do autor, assim optou-se por traduzir com o termo “pregador” que significa exatamente a mesma coisa.

²³ “...hecha una pocilga”, o adjetivo “hecha” em espanhol, segundo o DRAE significa “semelhante; que se assemelha” e usa-se para introduzir termos de comparação, neste caso para comparar o quarto a uma pocilga. Em português, para obter o mesmo efeito do original basta substituir o dito adjetivo pela conjunção “como”.

«E passa o dia a telefonar para a Venezuela.»

«Então²⁵ não a deixes...»

A conversa, mais do que pela rapariga, tentou mantê-la para que não voltasse às suas dores. Entretanto tirou a bata do saco, a bata grená com as iniciais M.A.A. bordadas em amarelo, María Antonia Alonso, dona María Antonia Alonso, como lhe chamavam os trabalhadores na época em que²⁶ ainda existia a «Molduras Alonso», como lhe chamava Joaquín, como a tinha inclusivamente que chamar Antonio quando estava na fábrica quando começou²⁷ a trabalhar porque não queria continuar com os estudos.

Agora aquela bata parecia mais a Mamã que a própria Mamã²⁸, ou pelo menos parecia-o de uma forma mais habitual, menos triste. Não é que lhe repugnasse a velhice, mas

²⁴ “qué más te da”, em espanhol é muito frequente a expressão “me dá igual” que significa “não me importa”, “é me indiferente” ou “tanto faz”. Assim sendo, a tradução eleita foi “que te importa”, uma vez que se trata de uma pergunta retórica com o intuito de dissuadir a Mamã de dar importância àquele facto.

²⁵ “Pues no la dejes”, no DRAE “pues” é uma conjunção que tem diversos sentidos consoante o tom com que se pronuncia. Embora o português tenha como referente linguístico a conjunção “pois”, por uma questão de ênfase e naturalidade procurou-se outro termo que nestas situações é mais comumente utilizado na linguagem corrente: o advérbio “então”. Este termo denota o mesmo sentido de admiração e espanto que o original (DHLP).

²⁶ “...en los días en los que...” é uma expressão que em espanhol se utiliza para nos reportarmos a uma determinada época em que ocorreu algum acontecimento que pretendemos realçar. Em português utiliza-se a expressão “...na época em que...”.

²⁷ “...al empezar”, neste caso a opção foi a seguinte: substituiu-se o infinitivo do verbo “empezar” pela estrutura advérbio + verbo no pretérito perfeito e manteve-se a restante frase.

²⁸ “...la misma Mamá”, o adjetivo “mismo” no DRAE significa “algo exatamente igual”. A conotação que se pode atribuir a esta expressão é a de que a bata assemelhava-se tanto à Mamã como se fizesse parte dela ou tivesse nascido com ela. A forma de colocar o mesmo sentido e ênfase na afirmação é substituir o adjetivo “mismo” pelo adjetivo “própria” que no DHLP significa “verdadeiro” ou “autêntico”. Esta substituição surgirá mais à frente noutros exemplos.

sim a velhice nela, e talvez o medo de que a sua fosse semelhante. Sentindo-se culpada, pensou que gostaria de morrer antes de ser daquela forma, como a Mamã. Quando saiu do hospital para ir buscar algumas coisas indispensáveis (escova de dentes, comprimidos, uma toalha em condições), respirou com alívio o ar frio da rua. Apanhou um táxi e enquanto ia para casa²⁹ recordou a morte da mãe de Manuel, fazia já seis anos. Recordou-a por causa do hospital; sempre que entrava num hospital recordava aquilo e que, na última semana em que esteve em Bilbao, não tinha querido separar-se da cama, nem deixar de beijá-la, nem soltar-lhe a mão. Não tinha sido diferente o cheiro, nem a impersonalidade do quarto, e contudo tinha feito aquelas coisas sem esforço algum, como um ato de perfeita necessidade e justiça³⁰.

Essa tarde, pelo contrário, antes de sair do quarto, quando a Mamã lhe tinha pedido um beijo tinha-lho dado quase insensível, beijou-a quase que por favor³¹, e aquilo não era justo porque uma fratura da anca naquela idade sim podia ser definitivamente algo sério. Telefonar-lhes-ia de casa, era o melhor, e facilmente os encontraria porque era sábado e era tarde; ao Antonio a semana deixava-o suficientemente cansado para sair e María Fernanda, pelo que tinha dito a Mamã, tinha gripe³².

²⁹ “...iba hacia su casa...”, neste exemplo a preposição “hacia” denota a direção do movimiento no que respeita a um destino (DRAE). Esta preposição, neste caso, obriga à utilização do adjetivo possessivo “su”, que no português se omite, e mantém-se a restante estrutura do original (verbo “ir” + preposição “para” + substantivo “casa”).

³⁰ “...como volcada hacia un acto de perfecta necesidad y justicia.”, neste caso optou-se por omitir o participio passado do verbo “volcada” e a preposição “hacia”. Ao colocar esses dois elementos na LT, esta tornar-se-ia forçada e antinatural.

³¹ “...casi costándole trabajo le había dado un beso a Mamá...”, a ideia principal a traduzir é que o beijo foi dado quase que por obrigação, sem vontade. Em português, a expressão “quase que por favor” encaixa com a coloquialidade e ideia do original.

³² “Les llamaría desde casa, eso era lo mejor, y les encontraría sin esfuerzo porque era sábado y tarde; a Antonio le dejaba la semana lo suficientemente cansado como para salir y María Fernanda tenía, por lo que había dicho Mamá, gripe.”, a primeira alteração tem a ver com a tendência natural do PE para o uso da mesóclise, ou seja, colocação do pronome oblíquo no meio do verbo “telefonar-lhes-ia...”; a opção seguinte foi a preposição “desde” que em espanhol denota o lugar de onde se

Foi mais fácil não fingir com o Antonio. Ainda perdurava a ressaca do conflito³³ com a Mamã no último Natal e limitou-se a perguntar como estava e a pedir-lhe o número do quarto do hospital.

«Vais vê-la?»³⁴

«Sim, amanhã.»

«Está mal», disse ela, e gostava de ter pensado que o tinha dito conscientemente³⁵, mas não tinha sido assim. Aquelas palavras, que não tinham pretendido mais que salvar uma

procede, assim o diz o DRAE, em português pode-se encontrar no DHLP a preposição “de” que mantém esse mesmo sentido; de seguida optou-se por omitir na tradução o pronome demonstrativo “eso” que neste caso, assinala o que se acabou de dizer (DRAE) e que no idiomatismo do português não tem expressão; a reformulação seguinte foi “facilmente os encontraria”, em português *fazer algo sem esforço* é o mesmo que dizer *fazer algo facilmente*, pelo que atendendo ao uso natural da língua tomou-se essa opção; “a semana deixava-o” foi outra modificação, desta vez na ordem dos elementos, a posição do substantivo “semana” passou, em relação ao verbo, de posposto para anteposto; a locução conjuntiva “como para” traduz-se diretamente pela preposição “para”, assim que, de futuro adotar-se-á este procedimento; por último, no original o verbo “tenía” surge separado do substantivo “gripe”, na tradução anulou-se essa interrupção e juntou-se verbo e substantivo “tinha gripe.”

³³ “Aún le duraba la resaca del encontronazo...”, neste exemplo, a solução encontrada para resolver o problema do *background* cultural foi: eliminar o pronome pessoal “le”; substituir o verbo “duraba” que, neste contexto e olhando para o DRAE, significa “subsistir ou permanecer”. Em português, para expressar sentimentos dolorosos e sofrimento é mais adequado o verbo “perdurar” que significa igualmente “permanecer” ou “subsistir” (DHLP); e mudança do substantivo “encontronazo” que significa “encontrão” (DRAE), pelo substantivo “conflito” que em português significa “discussão acalorada” (DHLP), este termo faz mais sentido, uma vez que a situação a que se reporta deixa transparecer mau-estar entre as partes.

³⁴ “Irás a verla?”, substituição do tempo do verbo auxiliar da perifrástica, que no original se empregou no futuro, mas que na tradução, tendo em conta o uso da LT, é mais correto utilizar no presente do indicativo.

³⁵ “y le hubiese gustado pensar que lo había dicho conscientemente”, no original esta conjugação perifrástica (pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo + infinitivo) faz parte do coloquialismo

despedida que aventurava ser mais difícil que ordinária, tinham aberto outro espaço de possibilidades que lhe dava medo pensar³⁶. Claro que estava mal, qualquer pessoa da idade da Mamã que fraturasse a anca ficava mal³⁷, mas não era isso que tinham significado aquelas palavras, mas sim algo parecido a um pacto silencioso entre eles, as vítimas, ao que aquela forma subtilíssima de se entenderem³⁸ dava uma culpabilidade maior.

«Irei amanhã então, sem falta», disse Antonio, e desligaram.

María Fernanda não atendeu o telefone até ter tocado pelo menos sete chamadas, e quando o fez notou-lhe o cansaço da gripe na voz.

espanhol. Para se transmitir a mesma ideia, mas com a expressividade própria da LT foi necessário conjugar os verbos da seguinte forma: (pretérito imperfeito “gostava” + verbo auxiliar no infinitivo “ter” + verbo principal no particípio passado “pensado”); na locução verbal seguinte substituiu-se o verbo “haber” do original pelo verbo “ter”.

³⁶ Substituição do verbo “calcular”, que em espanhol significa “refletir algo com atenção e cuidado” (DRAE), pelo verbo português “pensar” pois, tal como está descrito no DHLP, é o que se utiliza para “determinar pela reflexão” ou “submeter algo ao proceso de raciocínio lógico”. Em português o verbo “calcular” utiliza-se mais no campo das matemáticas ou para presumir algo.

³⁷ “...una persona de la edad de Mamá que se rompía la cadera estaba mal”, neste exemplo a ideia seria fazer uma comparação dos efeitos da lesão na Mamã com qualquer outra pessoa da idade dela, assim tentando manter este pensamento procedeu-se à substituição de três aspetos que se julgaram relevantes: o artigo indefinido “una” traduziu-se pelo pronome indefinido “qualquer”, porque se está a referir a uma pessoa indeterminada; os verbos pronominais em espanhol são muito comuns e normais, em português nem por isso, o verbo “romperse” significa “alguém partir alguma coisa” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010), em português, visto tratar-se de um osso e utilizando um termo mais técnico, traduziu-se por “fraturar”, mudou-se ainda o tempo verbal deste verbo, do pretérito imperfeito do indicativo para o pretérito imperfeito do conjuntivo por se tratar de uma suposição; a última alteração foi substituir o verbo “estaba” por “ficava”, uma vez que na LT este tem subjacente uma ideia de mudança súbita e não planeada.

³⁸ Em espanhol o verbo “entenderse” tem igual forma para o singular e para o plural, em português a forma correta, atendendo ao contexto, é conjugar o verbo na terceira pessoa do plural.

«A Mamã fraturou a anca – disse à queima-roupa³⁹, e antes que lhe desse tempo de perguntar: ...Caiu no duche.»

«Ajudaram-na rápido?»

«Demoraram porque se tinha fechado com o ferrolho e antes⁴⁰ tiveram que partir a fechadura.»

«Na verdade, não sei para que pagamos a essa rapariga para a Mamã, supõe-se que esteja ali para ajudá-la⁴¹», disse María Fernanda, perdido já o tom débil, com indignação.

«Quem não se deixa ajudar é a Mamã», respondeu ela, dando-se conta de que defendia a rapariga quase sem saber o que é que tinha acontecido.»

«A Mamã já não está em condições⁴² nem tem idade para dizer o que quer e o que não quer, diz-se-lhe o que tem de fazer e pronto.»

«O que queres? Deitar-me a culpa a mim ou quê?»

«O que quero é que estejas atenta⁴³.»

³⁹ “a bocajarro” é uma expressão idiomática espanhola que significa dizer alguma coisa de forma inesperada. Embora esta expressão não apareça no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, existe em português a equivalente “À queima-roupa” para expressar o mesmo sentido.

⁴⁰ Neste caso alterou-se a posição sintática do advérbio “antes” que no original está depois do sintagma verbal “tiveram que partir”. Essa posição no português marca mais a ideia de contrariedade (pelo contrário) e no original o significado do advérbio “antes” denota prioridade de tempo, assim colocou-se o advérbio em posição pré-verbal a fim de conferir o mesmo sentido à tradução.

⁴¹ “se supone que está ahí para ayudarla”, uma vez que se trata de uma suposição é mais coerente e natural utilizar na tradução o presente do conjuntivo.

⁴² O termo “disposición” em espanhol denota estado de saúde (DRAE). Na LT, apesar de figurar no DHLP a mesma expressão com o mesmo sentido, normalmente para fazer referência a um estado de saúde utiliza-se o termo “condições”.

«Isso é muito fácil de dizer aí de Valência⁴⁴.»

«Olha, não vamos começar⁴⁵.» María Fernanda calou-se um segundo, como se na realidade o que lhe tivesse gostado fosse continuar com a mesma conversa de sempre, e as duas deram-se conta de que mesmo num momento como aquele não podiam evitar deixar a Mamã de lado e brigarem-se.

Aquela conversa tinha também alguma coisa de estranho.

Costumava telefonar a María Fernanda de casa, sentada na sala e com a porta fechada, mas agora o facto de o estar a fazer da casa da Mamã dava às palavras um sabor de discussão antiga, de raivas e desesperações adolescentes. Em frente dela, numa moldura de prata grande, havia a ampliação de uma imagem que gostaria de ter destruído⁴⁶: as duas em fato de banho, María Fernanda em biquíni, ela não, riam com vinte anos numa praia de

⁴³ “pendiente” em espanhol significa “estar atento a algo” (DRAE), pelo que se traduziu com o adjetivo “atenta”.

⁴⁴ “desde Valencia” pressupõe a origem do lugar onde ocorre a ação sobre a qual se está a falar. Em português a introdução do advérbio “aí” (nesse lugar) complementado com a preposição “de” confere à oração o sentido do original (a partir de Valência).

⁴⁵ O Imperativo negativo “no empecemos” é formado a partir da forma verbal do subjuntivo, forma bastante utilizada no espanhol. Para conferir mais espontaneidade à LT, depois do advérbio de negação e para expressar uma ordem ou um pedido, deve-se empregar o verbo auxiliar (neste caso “ir”) no presente do indicativo seguido do verbo principal no infinitivo.

⁴⁶ “...que le hubiera gustado destruir”, mais um caso de uma perifrástica verbal que muda de estrutura ao transferir de uma língua para outra: neste exemplo o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo “hubiera gustado” + infinitivo “destruir” deu origem, na tradução, ao condicional “gostaria” + infinitivo verbo auxiliar “ter” + participio passado verbo principal “destruído”. Estas alterações na estrutura verbal são constantes e recorrentes neste trabalho, pelo que se julga desnecessário comentar todas elas. Os próximos casos semelhantes far-se-á de acordo com a gramática da LT.

Cádiz. Para ser mais exato⁴⁷, María Fernanda ria e ela olhava-a com algo que parecia um sorriso imitativo, a sua cara de foto – pensou-, a cara que Manuel dizia que punha sempre quando alguém lhe apontava uma máquina⁴⁸. Aquela fotografia devolveu-lhe, com uma intensidade que pensava ter esquecido, a dependência que durante todos aqueles anos tinha sentido de María Fernanda. Mesmo sendo a mais velha, um ano e meio mais velha, María Fernanda era sempre quem acabava explicando-lhe as coisas, a extrovertida, a das chamadas telefónicas. Fora do seu alcance tinha-se sentido sempre melhor e junto a ela, até que conheceu Manuel e se casou dois anos mais tarde, adquiria sem remédio aquele não sei quê⁴⁹ idiota, aquela timidez ingénua da fotografia.

Como que em jogo, como que representando os papéis de uma tragicomédia, adotou quase com naturalidade o papel de irmã responsável durante aqueles anos⁵⁰. Escandalizou-se das suas relações sexuais com aquele rapaz de Somontes não porque realmente a escandalizaram (ela mesma tinha-as quase tido com Manuel), mas sim porque o reverso daquela impostura a obrigava a escandalizar-se, a acreditar inclusive cegamente que era sincero o seu escândalo. Sempre lhe tinha desagradado a contemplação do erotismo alheio e María Fernanda não foi uma exceção. Se alguém tinha a culpa disso era a Mamã, pensou. Demasiado bonita para ser viúva e demasiado atrevida para levar para a frente uma fábrica durante aqueles anos em que

⁴⁷ No texto da LO, o adjetivo “exacto” aparece no plural. Neste caso, o procedimento adotado, a *transposição* (Newmark, 2010: 122) consistiu em colocar o mesmo adjetivo mas usando o singular por se considerar que faz mais sentido do ponto de vista lexical.

⁴⁸ No texto da LO “cámara” refere-se a uma câmara fotográfica. No português é entendível se dissermos apenas “máquina” omitindo a palavra “fotográfica”. Por uma questão de fidelidade ao texto da LO, na tradução optou-se por omitir também a palavra “fotográfica”.

⁴⁹ “nosequé” é uma expressão utilizada no espanhol para referir algo que não podemos identificar exatamente. Em português também podemos utilizar a expressão “não sei quê” para nos referirmos a coisas vagas e indefinidas (*Dicionário Priberam*).

⁵⁰ No original a expressão “aquellos años” aparece no final da oração com valor de complemento circunstancial de tempo. Em português, para essa expressão ter sentido e adquirir o mesmo valor terá de se acrescentar a preposição “durante” uma vez que é esta que permite estabelecer uma relação de tempo entre os elementos da frase.

a recordaria sempre como aquela que foi, não a Mamã, mas sim a dona María Antonia Alonso. Joaquín, se é que alguma vez chegou a ser de todo necessário, não foi mais que um pau-mandado, um boneco que exigia respeitabilidade e talvez a melhor criação da Mamã. O que era melhor que – e supor isto era supor uma maldade de intenção que quem sabe não teve – após a morte do Papá apanhar o último labrego chegado da aldeia e convertê-lo em gerente da fábrica⁵¹? Não era como demonstrar perante os que soubessem olhar que na realidade era ela quem continuava a fazer tudo? Não era como dizer que até o Papá tinha sido substituível? A deferência que tinha⁵² com Joaquín nos primeiros anos tinha algo de imperial e depreciativo, algo como aquelas mulheres dos imperadores romanos que se despiam sem vergonha diante dos escravos porque nem sequer os consideravam homens, o mesmo que tinha algo de imperial e depreciativo este silêncio súbito⁵³ de María Fernanda ao telefone, como se o seu ato de superioridade intelectual fosse interromper uma discussão que não levava a lado nenhum⁵⁴.

⁵¹ “¿Qué mejor – y suponer esto era suponer una maldad de intención que quizá no tuvo – que tras la muerte de Papá tomar al último palurdo llegado del pueblo y convertirlo en gerente de la fábrica?” o pronome interrogativo “qué” indica uma pergunta retórica e é a partícula inicial da frase. No português, para fazer este tipo de perguntas segue-se a estrutura: “O que era melhor” seguida do travessão e depois o pronome relativo “que –”; a seguir introduziu-se a explicação “e supor isto era supor uma maldade de intenção que quem sabe não teve” e depois o resto da oração “após a morte do Papá apanhar o último labrego chegado da aldeia e convertê-lo em gerente da fábrica?”; outra alteração foi a substituição do verbo original “tomar” que significa o mesmo que “apanhar” no (DRAE). Em português, este último verbo é o que melhor se adapta ao contexto.

⁵² “La deferencia que usaba”, no léxico português este verbo é sensível no contexto em que surge. O verbo “ter” foi a opção de escolha mais viável que se encontrou, tendo em conta que se refere ao plano cognitivo.

⁵³ “...este silencio de pronto...”, neste exemplo, a locução adverbial “de pronto” em espanhol está a caracterizar o silêncio de María Fernanda que surgiu inesperadamente e repentinamente. No processo de tradução esta locução adverbial foi substituída pelo adjetivo “súbito” que significa “repentino; inesperado” (DHLP).

⁵⁴ A expressão “no llevar a ninguna parte” tem como equivalente na língua de chegada “não levar a lado nenhum”.

«Ficas⁵⁵ com ela esta noite, verdade?»

«Sim», respondeu ela, quase duvidando.

«Não ias ficar», disse María Fernanda.

«O quê?»

«Se eu não te dissesse⁵⁶ eras capaz de não ficar com ela.»

«Não é verdade, não comeces tu agora⁵⁷ ..., apenas não necessita tanto como pensas, não está assim tão mal.⁵⁸»

«A Mamã parte a anca e tu dizes que não está assim tão mal. A que chamas tu estar mal?»

A conversa durou ainda um pouco mais, e antes de desligar pediram perdão pelo tom, como sempre pediam perdão depois de discutir, algo que não acrescentava nem

⁵⁵ “Te quedarás...”, em espanhol utiliza-se o futuro para designar ações que ocorrerão depois do momento atual. No caso português, apesar de a ação ir ocorrer num momento posterior àquele em que se está a falar, como ocorrerá no mesmo dia, utiliza-se o presente do indicativo. Este é um traço distintivo das duas línguas cuja ocorrência se irá certamente repetir, pelo que se julga desnecessário comentá-las todas.

⁵⁶ “No te lo digo yo...” é um traço distintivo do espanhol: utilização do presente do indicativo em orações com valor hipotético. Esta oração transmite uma hipótese (ela não ficaria com a Mamã se María Fernanda não lhe dissesse para ficar). Em português, a melhor forma de transmitir a ideia do original é transferir o verbo para o pretérito imperfeito do conjuntivo, antecedendo-o da conjunção “se”.

⁵⁷ “no seas tú la que empiece ahora”, neste caso, no original está patente o presente do subjuntivo, contudo na LT com o advérbio “agora” utiliza-se o presente do indicativo.

⁵⁸ “es sólo que no lo necesita tanto como crees, no está tan mal.”, para uma construção mais espontânea e fluida do português acrescentou-se o advérbio “assim” antes da locução adverbial “tão mal”.

solucionava nada, numa espécie de ato reflexo de fêmeas bem ensinadas pela Mamã. Ainda que estivesse nervosa, não o estava o suficiente para não reconhecer que nenhuma das duas tinha razão quando se punham assim, que quase nem sequer importava ter razão. Mas daquela vez, como da última que se viram no Natal, a impossibilidade de manter uma conversa normal com a sua irmã acrescentava outro peso à sua convicção de que iam ser muito difíceis as semanas seguintes, até que dessem alta à Mamã.

Falar com Manuel foi como render-se a um descanso reservado para o final. Contou-lhe o estado da sua mãe e as conversas com os seus irmãos, como se descrever cada detalhe fosse a única forma de encontrar consolo. Ele ofereceu-se para acompanhá-la durante a noite no hospital, mas ela disse-lhe que não, que ficasse com os miúdos.

«Podemos chamar uma *baby sitter*⁵⁹, sabes que isso não é problema⁶⁰.»

«Não, fica tu aí, prefiro que fiques⁶¹ tu.»

Era curioso como, tendo contado tudo a Manuel, não lhe tinha contado nada na realidade, soube-o quando ele lhe perguntou como estava, não a sua mãe, ela, e não soube o que responder.

«Não sei», disse.

«Mas estás nervosa?», perguntou.

«Não sei, não sei como estou.»

«Vem para casa quando adormeça.»

⁵⁹ “Canguro” neste contexto atribui-se à pessoa que toma conta de crianças na ausência dos pais (DRAE). Em português, utiliza-se o *estrangirismo* “baby sitter” para designar a pessoa que presta esses serviços. Colocou-se em itálico para destacar essa incorporação de palavra estrangeira na língua portuguesa.

⁶⁰ “sabes que no es problema.”, tendo em atenção a combinação de palavras do léxico português, arrisca-se afirmar que é indispensável neste caso a introdução do pronome demonstrativo “isso”, porque se reporta a algo que já foi mencionado antes (DHLP).

⁶¹ “prefiero que estés tú”, por uma questão de naturalidade substituiu-se o verbo “estar” na LO pelo verbo “ficar” na LT.

De volta, já no hospital, a Mamã esperava inquieta.

«Chamaste-os?»

«Sim.»

«O que disse o Antonio?»

«Que vem amanhã.»

«Que tinha que fazer?»

«Não sei.»

Fez-se um pequeno silêncio⁶², como se a Mamã quisesse abrir um espaço distinto, rodear de nada o que ia dizer a seguir.

«Sabes que dia é hoje, verdade?»

«Não», respondeu ela, mas soube que dia era no exato momento de responder «Não», e a Mamã deve tê-lo notado⁶³ no seu gesto porque não deu mais explicações.

«Deus é muito engraçado⁶⁴», disse muito ao final, como se com aquelas palavras quisesse concluir o que devia ser dito sobre o assunto e voltando a ser mais do que nunca a

⁶² “Hubo un pequeño silencio”, da análise que se fez às duas línguas, uma das principais diferenças está no uso dos verbos. O idiomatismo das duas línguas tem um léxico bastante divergente, no que diz respeito a esta classe gramatical, e este caso é prova disso: para o mesmo significado, as duas línguas utilizam verbos diferentes (em espanhol utiliza-se o verbo “haber” e em português utiliza-se o “fazer”).

⁶³ Como já se referiu, os diferentes modos de falar das duas línguas obriga a diferentes conjugações dos modos verbais, assim a perifrástica do original “...debió de notarlo...” (pretérito perfeito + infinitivo impessoal) transformou-se na estrutura: presente do indicativo + infinitivo pessoal + participio passado.

⁶⁴ A expressão “Dios es un buen bromista” está enraizada na cultura espanhola e é de uso comum. Em português não existe tradução equivalente, pelo que se optou traduzir pelo sentido: “Deus é muito engraçado”.

dona María Antonia, aquela criatura a quem os últimos anos tinham dado um disfarce diferente, enganoso, mas apenas por segundos, os que tardou em voltar a fechar aquele silêncio e começar com um choro meio fingido. Não era possível chamar casualidade àquilo.

«Dez anos?»

«Nove», disse a Mamã, e calaram-se as duas, como sob uma ordem.

Fazia nove anos exatos quase ao milímetro, porque esta era também a hora, de noite, que tinha ardido a fábrica⁶⁵. Recordava aquela noite quase completa, mas as cenas, ao contrário de outro tipo de memórias, pareciam perfeitamente imóveis. Eram, sobretudo, Mamã e Antonio e Joaquín, ao voltar de contemplar o estado em que tinha ficado a Molduras Alonso, discutindo na sala de estar da Mamã. Joaquín dizendo, porque era evidente⁶⁶ que não tinha sido um incêndio acidental, que a culpa era de Antonio, do modo como geria⁶⁷, ameaçando os devedores, gritando aos empregados, criando inimigos. Ela, que tinha ido à casa da Mamã apenas para ver se a sua presença ajudava, sentiu-se fora do lugar. A Mamã ainda não chorara, choraria talvez mais tarde, então era apenas a perfeita imagem do juiz. Antonio, com os seus por enquanto vinte e dois anos, mais que defender-se apresentando provas contra o que Joaquín dizia, não fazia mais que desqualificá-lo. Sem deixar de olhá-los, mas ao mesmo tempo como se não estivesse quase prestando-lhes atenção, a Mamã levantou-se do assento, foi até Antonio e deu-lhe uma sonora bofetada.

⁶⁵ “Nueve años exactos casi al milímetro, porque ésta era también la hora, de noche, hacía que había ardido la fábrica”, a alteração neste caso foi colocar o pretérito imperfeito do verbo (“fazia”) no início da frase por questões lexicais. Este parágrafo revela bem o estilo do autor onde ele joga com as palavras desarticulando-as num modo de escrever muito pessoal.

⁶⁶ Fazendo jus ao modo de falar português, omitiu-se o substantivo “coisa” na tradução.

⁶⁷ “del modo en que hacía las gestiones Antonio”, neste caso, traduziu-se o sentido da expressão “hacer las gestiones” pelo verbo “gerir” e omitiu-se o nome próprio “Antonio” para evitar uma repetição que causaria estranheza no léxico da LT.

«Vai para casa, filho», disse-lhe depois, sem que se notasse uma ligeira ira nas suas palavras, como se aquela bofetada tivesse sido um perfeito ato de justiça e o facto de ir para casa⁶⁸ o único possível.

Ela pensaria depois que era sempre igual com as pessoas com quem tinha convivido de forma habitual; parecia que não estavam ali, que eram quase invisíveis, até que de repente um acontecimento isolado lhes dava peso real, essência. Dessa forma parecia que Antonio não tinha existido até então e que a bofetada da Mamã lhe tinha conferido uma entidade descomunal. Viu o seu orgulho ferido, mais que contra a Mamã contra o facto de que a Mamã tivesse preferido Joaquín, viu a sua desesperação e o seu medo ao mesmo tempo, porque agora que tinha ardidado a fábrica não só não tinha trabalho, como também nem sequer podia contentar-se com um curso secundário⁶⁹ que lhe servisse para conseguir outras coisas. Tudo aquilo, mais que a imagem do seu irmão prestes a chorar em público pela primeira vez, dava cheiro e peso a Antonio, que até então tinha sido para ela pouco mais que Antoñito⁷⁰, o pequeno, com quem uma diferença de idade de quase dez anos tornava a comunicação praticamente impossível⁷¹, reduzida a banalidades de monotonia.

⁶⁸ “...y el hecho de que se fuera a casa...”, neste exemplo, a diferença está no verbo que é de movimento e denota a ação de ir para algum lado. No original aparece no pretérito imperfeito do subjuntivo seguido da preposição “a”. Na tradução a estrutura modificou-se da seguinte forma: verbo “ir” no infinitivo seguido da preposição “para”.

⁶⁹ “Bachiller” em espanhol é o equivalente ao Ensino Secundário Português.

⁷⁰ No original o diminutivo de Antonio aparece como “Antoñito”. Em português manteve-se igual ao original à semelhança dos nomes próprios.

⁷¹ “...hacia la comunicación prácticamente imposible”, substituição do verbo “hacer” que significa “causar ou ocasionar” (DRAE). Neste exemplo, interpretou-se esta frase do seguinte modo: a diferença de idade modificava a comunicação, tornando-a praticamente impossível. O verbo que em português melhor cabe neste contexto é o “tornar” que significa “transformar” (DHLP). Esta relação de significado entre estes dois verbos é comum nas duas línguas e repetir-se-á mais à frente.

Mas a cena não terminou ali. Antonio foi-se embora⁷² devagar, sem nenhuma manifestação de raiva mas abrindo, com aquele modo tão inusual nele, a brecha de um rancor que nunca acabaria de se curar⁷³ e ficaram no quarto a Mamã, o Joaquín e ela. O silêncio, apenas interrompido pela verborreia de Joaquín elogiando o seu gesto, parecia servir à Mamã para pensar no próximo movimento.

«Ponha-se de pé, Joaquín», disse por fim a Mamã, criando outro espaço de estranheza porque se tuteavam.

A bofetada que deu a Joaquín, de tão inesperada, foi quase ridícula e fê-lo reagir com um gesto infantil que o obrigou a proteger-se em vão.

«É a última vez que fala assim do meu filho.»

Joaquín abalou da casa da Mamã convertido outra vez em quem tinha sido quando chegou pela primeira vez à fábrica, um labrego que não teria tido onde cair morto se não tivesse sido ela. O fato cinzento, a colônia penetrante, penteado para trás, com gel⁷⁴, faziam-no ser então e mais ridiculamente que nunca, quem era na realidade, quem talvez nunca tivesse deixado de ser.

A ela pareceu-lhe então que se Joaquín não tivesse saído de casa⁷⁵, a Mamã nunca se teria apercebido da sua presença. Sentou-se de novo no cadeirão e ficou a olhá-la

⁷² “se marchó”, em espanhol “marcharse” significa “ir ou partir de um lugar” (DRAE). No uso do português, para o mesmo sentido, aplica-se a locução “ir-se embora”.

⁷³ “...que nunca terminaría de curarse”, em espanhol o verbo “terminar” significa “pôr fim a algo” (DRAE), tendo em conta o idiomatismo da LT, optou-se por traduzir este verbo pelo seu equivalente: “acabar”, que significa “terminar; concluir” (DHLP).

⁷⁴ “Engominado” é um adjetivo que o autor usou para caracterizar o modo como o cabelo estava penteado. Dado não existir no léxico do português um adjetivo que servisse esse propósito, a solução foi descrever o modo como este estava: “com gel”.

⁷⁵ “...no se hubiese ido de casa”, neste exemplo o verbo “irse” tem o significado de “sair ou ir-se embora de algum sitio” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010). No uso do português, para o mesmo sentido, aplica-se o verbo “sair”.

inexpressivamente, como se já não quisesse fingir mais. Então deu-lhe medo, um medo habitual e pretérito, tão habitual que quase não parecia medo mas sim algo estranho ao ser referido a ela: compaixão. Fazia anos que se tinha ido embora de casa, estava casada, tinha um bom trabalho, respeitavam-na e no entanto não sabia o que fazer com aquele sentimento de compaixão pela sua própria mãe. O que qualquer pessoa teria compreendido como um movimento natural parecia-lhe a ela estranho e incómodo. Na família de Manuel não era complicado. Se na família de Manuel não era complicado significava que não tinha porque sê-lo necessariamente. A ideia de se aproximar dela e abraçá-la passou-lhe pela cabeça aquela noite agilíssima e dolorosa, como a folha de uma lâmina.

«E tu o que estás aqui a fazer?», perguntou a Mamã de repente.

Não teria sabido explicar qual foi exatamente a sua reação àquelas palavras. Era como se a Mamã a tivesse esbofeteado também a ela. Primeiro sentiu-se ridícula, depois apertou com força as mandíbulas para evitar que se notasse. Quando saiu de casa esteve prestes a voltar a abrir a porta e gritar-lhe que se alegrava de que tivesse ardido a maldita fábrica. Chorou no elevador. Não era dor. Também não era raiva.

De repente tudo é lento e absurdo. A imagem da Mamã em silêncio sobre a cama do hospital e a da fotografia com o cabelo em canudos na sala confundem-se numa só⁷⁶, sem ser, por isso, verdadeira. Não ama⁷⁷, na realidade, María Fernanda. Antonio é pouco mais que alguém a quem compadece pelo seu azar, a quem despreza sem má intenção e teme, como se teme um cão de uma raça violenta. Nem sequer Manuel escapa a esta lentidão e faz-se, de repente, grotesco. Sem evolução visível, sem raciocínio lógico, a sua ternura converte-

⁷⁶ “...se confunden haciéndose una”, o significado desta expressão é que quase não se notava diferença entre a imagem da Mamã deitada sobre a cama e a imagem da fotografia com o cabelo em canudos. A ideia da locução verbal “confunden haciéndose”, em português transmite-se em apenas um dos dois verbos, por isso optou-se por manter o verbo “confundir”, omitir o “hacerse” e introduzir a seguir ao substantivo o adjetivo “só”.

⁷⁷ Nesta obra, o verbo “querer” refere-se a um sentimento profundo, do ponto de vista cultural é mais correto traduzi-lo sempre pelo verbo “amar”.

se num leve incómodo⁷⁸ que a asfixia, tal como a asfixiam, ao mesmo tempo, os miúdos, não a sua realidade mas sim as suas imagens, o seu conceito, a responsabilidade que implicam.

Recorda o último encontro com María Fernanda aquele Natal na cozinha da casa da Mamã, a eterna falsa alegria que reúne as duas em torno da mesma conversa sobre quem engordou mais, o deleite com que comprovou que ela estava mais magra, Antonio e Luisa na sala, sem se falarem em frente ao programa natalício da televisão, esperando para jantar, e tudo, lembranças e presente, se transformam em Mamã. Agora já não pode deixar de odiá-la. É como se a esta hora concreta, este dia e não qualquer outro em que talvez teria tido mais motivo, odiasse sem remédio e sem possibilidade de perdão a Mamã, a fizesse a única responsável desta lentidão que consegue que tudo pareça absurdo, como se agora se tivesse partido aquela membrana que continha o rancor e, em vez de tê-lo feito em forma de explosão, estivesse a deixar escapar o líquido do desprezo lenta e silenciosamente.

«Só me acontecem desgraças, filha» disse a Mamã, e a ela põem-na de pé de repente essas palavras, como se tivera estado no limite do suportável sem sabê-lo, e dirige-se para a porta.

«Onde vais?»

«Venho já.»

«Onde vais?»

Não fez barulho ao fechar a porta⁷⁹, nem ao descer correndo para a rua. Era 1,30 da madrugada quando o táxi parou à porta de casa. Subiu no elevador com um nó na garganta como se quisesse chorar ou contar um segredo vergonhoso. Os miúdos dormiam. Manuel disse: «Como estás?», quando entrou no quarto, mas ela não respondeu.

⁷⁸ O adjetivo “blanda” tem o sentido de algo “leve, ligeiro ou suave” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010). Escolheu-se o adjetivo que, por uma questão de eufonia, melhor se ajustou ao substantivo e fez-se concordância em género.

⁷⁹ Achou-se conveniente acrescentar “a porta” para clarificar a ideia implícita do verbo “fechar”. Ainda que no espanhol o uso desse substantivo seja dispensável, no português considerou-se necessária a sua utilização.

«Estás bem?»

Ao deitar-se junto a ele, chegou-lhe um ligeiro cheiro a pasta de dentes.

«Estás bem?»

Sentiu-se feia junto a Manuel e alguma coisa obscura⁸⁰ se satisfez nessa fealdade. Levou a mão até a sua entreperna e começou-o a acariciar até que o conseguiu excitar.

«O que tens?»

Quando se meteu em cima dele fê-lo sem o olhar na cara, desejando magoar-se, tentando magoar-se, como se procurasse desesperadamente um castigo. Manuel não quis submeter-se⁸¹ ao jogo facilmente. Primeiro perguntando-lhe porque fazia aquilo e depois revolvendo-se para trás, como afastando-se da sua própria satisfação, olhou-a fixamente, afastando-lhe⁸² o cabelo da cara com a mão. Não falaram mais e o silêncio acentuou⁸³ a tristeza da carne de Manuel afundando-se nela sem a compreender.

Mas tem também este silêncio:

A Mamã esperando no hospital.

A María Fernanda.

⁸⁰ “algo”, enquanto pronome indefinido, significa “alguma coisa” (DRAE). Sempre que se julgar necessário, e para que não se confunda com o advérbio “algo” que significa “um pouco”, optar-se-á por colocar o sinónimo “alguma coisa”.

⁸¹ O verbo original “plegar” significa “ceder ou submeter-se” (DRAE), uma vez que o sentido é o de “sujeitar-se ao jogo”, decidiu-se traduzir com o verbo “submeter” que é o mesmo que “sujeitar” (DHLP).

⁸² Atendendo ao uso natural da língua portuguesa, considerou-se mais indicado o verbo “afastar” para descrever o ato de tirar o cabelo da cara.

⁸³ Traduziu-se tendo em atenção, no original, ao contexto da frase e ao sentido do verbo “recalcar”, que, segundo o *Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010, significa “acentuar”.

O Antonio respondendo que amanhã irá ver a Mamã e que será difícil.

Os miúdos a dormir no quarto ao lado.

E à força de tentar magoar-se acaba por magoar Manuel, que adquire uma formusura estranha com as calças do pijama baixas até aos joelhos e que, desistindo de entender, ou pelo menos de fazê-lo nesse momento, deita-a sobre a cama tentando adotar uma posição mais habitual sem que ela o deixe porque não sabe a razão mas sim que agora tem de ir até ao final com este absurdo⁸⁴, fundir-se nele, e Manuel aceita-o imóvel até que chega, muito ao longe, uma satisfação efémera e uma secura metálica na garganta que, ao separar-se, se satisfaz mais que no seu prazer na beleza da familiar ereção de Manuel, na simplicidade da sua sexualidade. São de Manuel as mãos que lhe afastam o cabelo até à orelha, e as que se detêm acariciando-lhe a bochecha, e a respiração.

«Diz-me o que se passou.»

Começou pelo cheiro, por aquela lembrança de cheiro a madeira recém-polida na fábrica que se levantava das montanhas de serrim que ficavam junto às máquinas de serrar⁸⁵ da Molduras Alonso. A María Fernanda ter-lhe-ia parecido ridículo começar a responder assim à pergunta de Manuel, mas teve naquele momento para ela uma força de coerência lógica que não teria tido nenhuma outra resposta. E não só o cheiro. Quando a Mamã não estava por perto ela recordava ter-se posto de joelhos sobre um daqueles montões de serrim e ter afundado as mãos neles, como nas tripas de um animal quente. Não podia ter mais de dez anos então, mas recordava ainda aquele aroma húmido, quase doce, da madeira e Joaquín a seu lado, cuidando-a como a uma besta bem amestrada e quase com medo, sem se atrever a recriminá-la de nada. Reconhecer aquilo, compreendeu-o devagar e sem terminar de olhar abertamente para Manuel, era como atentar contra ela mesma, aceitar que não só

⁸⁴ “...tiene que llegar ahora hasta el final de este absurdo”, as alterações neste caso passaram por substituir dois elementos da frase: o verbo “llegar” pelo verbo “ir” e a preposição “de” pela preposição “com”. Estas modificações permitiram conferir maior naturalidade à expressão na LT.

⁸⁵ “serradoras” refere-se às máquinas usadas para serrar (DRAE). Na LT substituiu-se esse termo por outro equivalente que cumprisse função da máquina em questão.

nunca tinha odiado de todo a fábrica mas que de facto havia algo que tinha amado com perfeita ternura, e se lhe tinha parecido tão estranha aquela tarde, tão ridícula, era no fundo porque tinha sido tudo ao contrário; perfeitamente clara e significativa. Reconhecer que tinha amado a fábrica não era diferente de reconhecer que tinha amado a Mamã, não a mulher que estava agora na cama do hospital com a anca partida, mas sim a dona María Antonia, a que se passeava em silêncio entre as máquinas de serrar com Joaquín ao lado como um enorme cão de caça, com uma autoridade feminina e fortíssima, ou talvez não tê-la amado mas sim ter-se sentido seduzida pelo seu poder, o mesmo que de forma natural e durante toda a adolescência María Fernanda tinha exercido sobre ela.

Mamã e María Fernanda, eram as duas caras de um mesmo medo. Estar a dizer isto agora a Manuel produzia-lhe a mesma estranheza de ter encontrado uma palavra que descrevesse na perfeição um sentimento habitual e, ao tê-lo feito, notou que a realidade completa adquiriria uma importância diferente.

«Hoje faz nove anos que ardeu a fábrica», disse, e Manuel entreabriu os lábios com uma careta que parecia um sorriso muito leve, involuntário.

«Ena⁸⁶», Respondeu.

«Eu não me tinha dado conta, a minha mãe é que me disse no hospital.»

«Como está?»

«Mal.»

«O que disse o teu irmão?»

«Que irá vê-la amanhã.»

«Creio que tu também deverias ir.»

«Sim.»

Dizer «Sim», ceder à sensatez de Manuel e ao mesmo tempo saber que era ela mesma quem tomava a decisão teve de repente uma beleza tão quotidiana, tão simples, que

⁸⁶ A interjeição “Vaya” pode traduzir-se à letra pela interjeição portuguesa “Ena” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010).

lhe deu vontade de fingir mais dor para que aquele diálogo se estendesse até à última hora da noite.

«Vais voltar ao hospital?»

«Não sei. Achas⁸⁷ que deveria?»

«Creio que necessitas de descansar um pouco.»

«Sim – respondeu ela, e ao ver que Manuel fazia um gesto de cansaço terminou -: Tens razão.»

Atrás do tabique no quarto ao lado, ouviu-se uma tosse de criança.

A dor de estômago piorou ao entrar no quarto do hospital com aquele cheiro penetrante que vinha do corredor oscilando entre uma neutralidade esterilizada e um vago ar de suor rançoso. A Mamã estava acordada.

«Não dormi nada em toda a noite», disse de seguida, recriminando-a por não ter ficado⁸⁸. Ela não respondeu imediatamente.

«Já te deram o pequeno-almoço?», perguntou por fim.

«Não mudes de tema, não me trates como se fosse imbecil, estou-te a dizer que não dormi nada em toda a noite. Sou tua mãe. – As palavras da Mamã tinham a aparente incoerência de quem trata de dizer numa só frase o que tem estado a pensar num longo espaço de tempo-. As mães são para se amarem. Ou os teus filhos não te amam?».

⁸⁷ Neste caso, o verbo “creer” traduziu-se pelo verbo “achar” porque a conjugação do verbo “crer” em português não é de uso comum. Habitualmente utiliza-se o verbo “achar” quando se pergunta a opinião de outrem sobre algum assunto.

⁸⁸ “...recriminándole que no se hubiera quedado.”, mais um caso em que foi necessário adaptar a estrutura verbal à LT: o verbo “quedar” no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo deu lugar na tradução à perífrástica composta pelo verbo auxiliar “ter” no infinitivo + verbo principal “ficar” no particípio passado.

O gesto concentrado da testa indicava a presença real de uma dor intensa, em nada parecido ao fingimento habitual com o qual se queixava sempre que vinha a casa ao falar com Manuel ou com os miúdos, como se estivesse convencida de que o amor vinha necessariamente a seguir⁸⁹ à compaixão.

«Sim, amam sim⁹⁰.»

«Pois então. Tu nunca me disseste isso a mim, tu nunca me disseste: Mãe, amo-te.»

Assim era a Mamã exatamente, ou pelo menos o lado⁹¹ mais ridículo da Mamã. Parecia-o mais que nunca agora que a delgadeza se lhe acentuava naquela careta de lástima clareando, depois das olheiras, o desvalimento de um rosto que, como o seu, sempre tinha tido uma formosura aristocrática, firme. Aquele melodrama não era de todo um fingimento, mas sim a demonstração mais clara da sua incapacidade, da sua falta de recursos afetivos. Pedia amor, e se considerasse que não o estava a receber, então exigia amor, e exigia-o além do mais daquela forma, tanto como teria exigido que voltassem a polir umas molduras quando ainda existia a fábrica.

Ainda assim, atrás daquelas mil e uma caras ou única da Mamã, havia algo que estava a mudar, que talvez tivesse mudado já naquela mesma noite. Tal como tinha havido um antes e um depois quando ardeu a fábrica, parecia agora abrir-se um depois com aquela reação tão quotidianamente melodramática da Mamã na qual, contudo, havia algo diferente.

⁸⁹ A locução “seguiria necessariamente” transmite uma priorização de sentimentos, isto é, primeiro vinha a compaixão e logo a seguir o amor. Para transmitir a mesma ideia na LT adaptou-se a estrutura gramatical da seguinte forma: verbo “vir” no pretérito imperfeito do indicativo + advérbio “necessariamente” que significa “como consequência natural” + locução adverbial “a seguir” que é o mesmo que dizer “logo depois ou imediatamente depois” (*Dicionário Priberam*).

⁹⁰ “Sí, sí me quieren.”, a repetição do advérbio “sí” reforça a afirmação. O modo mais natural de o fazer na LT é: advérbio + verbo + novamente advérbio.

⁹¹ Neste exemplo interpretou-se o substantivo “cara” como a “maneira de ver ou mostrar algo” (DRAE). Na LT utiliza-se o substantivo “lado” para o mesmo sentido, pelo que se fez a devida substituição.

Tomou o pequeno-almoço em silêncio e com dificuldade porque o colete que lhe tinham posto não lhe permitia inclinar-se, e quando terminou perguntou-lhe a que horas tinha dito o Antonio que passaria a visitá-la.

«Não sei a hora, disse-me que viria hoje», respondeu ela, quase temendo que lhe perguntasse mais.

«Não vem.»

«Disse-me que viria, a sério.»

E de repente sentiu-se ridícula, como uma menina que tendo mentido uma vez, e ao descobrir-se⁹², persistisse na sua mentira prometendo-a mil vezes.

«Não vem.»

O certo era que se lhe tivessem dado a escolher, também ela teria preferido que Antonio não viesse. O último Natal tinha alterado, como nada o tinha feito desde que ardeu a fábrica, as relações entre todos mas sem as resolver também, deixando-as num estado de tensão que os tinha levado a unir-se em dois grupos: Antonio e ela por um lado, como se os dois tivessem reconhecido a sua condição de vítimas, e Mamã e María Fernanda por outro. Sem que se tivesse passado nada de diferente de qualquer outro ano, todos tinham parecido sentir a necessidade imperiosa de se afirmar frente aos demais, e aquilo, para além de nada solucionar⁹³, deu às horas que durou o jantar de Natal em casa da Mamã uma falsidade teatral, quase grotesca, na qual os três, sob a aparência de uma reunião normal, se recriminavam uns aos outros, ainda que nunca abertamente, da sua própria infelicidade. Manuel, os miúdos, Luisa, a mulher de Antonio, pareciam meros comparsas daquele

⁹² “...hubiese mentido una vez y, descubierta,” o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo do verbo “mentir”, na tradução modifica-se para a conjugação do verbo principal “mentir” no particípio passado auxiliado pelo verbo “ter” no gerúndio. Este modo exprime anterioridade, ou seja, uma ação concluída antes da expressa pelo verbo da oração principal.

⁹³ “en vez de solucionar nada”, o sentido deste segmento é o seguinte: “não só não solucionou nada, como ainda estragou o jantar de Natal”. Para se transmitir a mesma ideia na LT, alterando o menos possível, optou-se por reestruturar da seguinte forma: substituição da locução “en vez de” pela locução adverbial “para além de”.

enfrentamento silencioso presidido pela Mamã, que terminou, como terminava todos os anos, abandonando⁹⁴ a reunião depois da sobremesa para cantar vilancicos junto ao presépio que costumava pôr junto à entrada. Se não tivesse sido porque Antonio partiu aquela taça contra a borda da mesa é possível que até tivessem saído dali com a sensação de fracasso assumido de um Natal qualquer.

«Vamos cantar vilancicos», disse a Mamã, e Antonio estilhaçou a taça com um golpe seco. Ela tentou depois que tudo tivesse parecido um acidente, mas o seu fingimento, como a alegria dos vilancicos, de repente pareceu-lhe odioso.

Antonio e Mamã não tinham⁹⁵ voltado a falar desde então e o facto de que fosse agora chegar devolvia-lhe o nervosismo do dia de Natal. Propôs acender a televisão só para preencher aquele silêncio⁹⁶, também para que a Mamã deixasse de se queixar, mas arrependeu-se depois porque quis que deixasse num programa que simulava um julgamento. Um homem que assegurava ter tido dois enfartes disputava contra uma companhia tabaqueira assegurando que quando se tornou dependente os maços não indicavam nenhuma prevenção perante esse tipo de perigos.

«O senhor- dizia o procurador – consultou o seu médico quando notou os primeiros sintomas e, como consta neste relatório, ele recomendou-lhe encarecidamente que deixasse de fumar⁹⁷...»

⁹⁴ Neste contexto, o verbo “levantar” em espanhol significa “abandonar um sítio” (DRAE). A melhor tradução, neste caso, é utilizar o verbo “abandonar” que significa “afastar-se de um local” (DHLP).

⁹⁵ “había” está na terceira pessoa do singular, o que parece ser uma gralha porque se refere a duas pessoas (Antonio e Mamã). Assim, é mais lógico colocar o verbo na terceira pessoa do plural.

⁹⁶ “...sólo por ocupar aquel silencio”, o verbo “ocupar” em espanhol significa “ocupar” ou “preencher” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010). Por uma questão lexical o verbo “preencher” insere-se melhor no contexto em questão.

⁹⁷ “...le recomendó encarecidamente dejar de fumar...”, neste exemplo a única alteração foi trocar o infinitivo do verbo “deixar” pelo pretérito imperfeito do conjuntivo “deixasse”, uma vez que é este o tempo verbal indicado para expressar recomendações, desejos ou pedidos.

Antonio apareceu à porta com a seriedade de alguém a quem lhe tivessem obrigado a fazer um ato desagradável contra a sua vontade, só além do mais, sem Luisa, algo que sem dúvida teria tornado tudo mais fácil. Ela pensou então que aquela reunião parecia uma reunião prevista e que, sem María Fernanda ali, o gesto da Mamã adquiriria um leve tom de desvalimento.

«Mas eu já era viciado nessa data, vocês são os responsáveis... - tremeu-lhe a voz ao homem da televisão e o *cameraman*⁹⁸, intuindo uma lágrima, ofereceu-lhe um primeiro plano -, responsáveis pela minha morte e das de milhares de homens e mulheres como eu que...»

A Mamã já não olhava para a televisão, mas sim olhava-a Antonio, como se até mesmo naquela circunstância estivesse a tentar escapar da Mamã.

«Aproxima-te, filho.»

O movimento brusco de Antonio atingiu um caderno que pendurava junto à porta, com as anotações sobre as refeições que o médico tinha feito, e ficou a tilintar num vaivém rítmico, incomodativo.

«Aproxima-te.»

Devia estar frio na rua porque Antonio tinha as orelhas e o nariz levemente avermelhados.

«Por acaso responsabiliza-se uma destilaria de álcool pelas mortes ocorridas em acidentes de trânsito em que os condutores estavam ébrios? – disse o procurador alisando a gravata -. Por acaso não é responsabilidade do consumidor fazer um uso comedido e responsável do produto?»

Ainda que tivesse trinta e nove anos agora diante da Mamã parecia ter quinze, parecia apenas uma criança bruta que voltava de uma briga e não encontrara para se justificar mais que aquele silêncio. Aproximou-se devagar, com uma mistura de rancor e

⁹⁸ Neste exemplo substituiu-se o termo “el cámara”, pelo *estrangeirismo* “cameraman” (aquele que filma). Por ser uma palavra estrangeira incorporada na nossa língua, colocou-se em itálico para dar destaque.

medo que ela não recordava ter-lhe visto desde que ardeu a fábrica e a Mamã o esbofeteou diante de Joaquín.

«Você gostaria de morrer?», disse o homem da televisão.

«Eu não desejo que você morra, só estou a dizer que a responsabilidade era sua...»

A Mamã pediu água. De repente a conversa do programa tinha-se tornado incomodativa e ela levantou-se demasiado rápido para ir buscá-la, tornando evidente o que talvez não o tinha sido até então: que também ela estava incomodada. Quando voltou, a Mamã bebeu-a devagar, sem deixar de olhar Antonio.

«Você sabe o que é um cancro?» O homem da televisão tirou o chapéu que usava e reluziu uma careca branca da quimioterapia. O público ficou congelado num tímido «Oh».

«Acho que estamos a exagerar⁹⁹.»

«Eu vou morrer – respondeu o homem-. Não é para exagerar?»

A conversa do programa, mesmo sendo tão evidentemente trágico e verdadeiro que aquele homem ia morrer, tinha uma impostura teatral que a fazia grotescamente ridícula.

«Eu vou morrer», repetiu o homem.

«É necessário que vejamos esta porcaria¹⁰⁰ de programa?», perguntou bruscamente Antonio, quase gritando ainda que sem dar-se conta de que o fazia.

⁹⁹ “sacar algo de quício” é uma expressão idiomática espanhola que significa “tirar algo do seu estado natural”. À semelhança do caso anterior, esta expressão idiomática não consta no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, pelo que se traduziu o sentido da mesma por outras palavras.

¹⁰⁰ “Es necesario que veamos esta mierda...”, o termo “mierda” tem igual significado em ambas as línguas: “coisa sem valor ou mal feita” (DRAE e DHL). Contudo, a intensidade deste termo difere nas duas línguas: em espanhol, ele faz parte da linguagem coloquial utilizada no quotidiano e é usada com naturalidade; em português, é uma palavra com um impacto negativo muito forte. Tendo em conta que o público-alvo da tradução é essencialmente o leitor português, neste caso e noutros

«A mim não me parece uma porcaria – respondeu a Mamã -. Esse homem vai morrer...»

Mas não era o facto de ir morrer que o fazia grotesco, mas sim a evidência de que estava a representar o papel da sua própria morte, como a Mamã tinha começado a atuar, ainda que a sua dor fosse real, o papel da sua convalescença.

«Dá-me um beijo – disse a Mamã-. Dá um beijo à tua mãe.»

O gesto de Antonio paralisou-se numa careta de estranheza que desarticulou por completo o que até então tinha podido ocultar o silêncio. Se a Mamã estava consciente¹⁰¹ ou não do que pedia, parecia, chegado àquele extremo, de pouca importância. Antonio aproximou-se dela e beijou-a depressa na face, tentando que assim fosse menos palpável o esforço estava a fazer¹⁰².

«Tu amas-me, verdade filho?»

«Amo-te e então ¹⁰³?»

«Tu amas-me, verdade?»

futuros, preferiu-se substituir o termo “mierda” pelo adjetivo “porcaria” que significa “ que é ruim ou de má qualidade” (DHLP).

¹⁰¹ “...era consciente...”, por uma questão de ênfase do adjetivo “consciente” optou-se por substituir o verbo “ser” pelo verbo “estar”, uma vez que este último denota uma mudança ou uma transição de estado cf. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-verbos-ser-e-estar-com-um-adjectivo/29991>

¹⁰² “...fuese menos palpable el esfuerzo que le costaba”, o verbo “costar” na LO significa “causar ou ocasionar dificuldade” (DRAE). Na tradução, o que melhor traduz a intenção do autor é a locução verbal “estava a fazer” porque, em português o mais correto e comum é dizer que “se fez algo com esforço” e não que “algo custou esforço”.

¹⁰³ “Qué si te quiero?”, a expressão “qué” utiliza-se em espanhol para perguntar o sentido de alguma coisa. Não tendo tradução direta para o português, traduziu-se o sentido mudando a estrutura: colocação do advérbio “então” que em português também é usado com o sentido de questionar o que foi dito anteriormente (*Diccionario Priberam*).

E era uma modulação, a da pergunta da Mamã, entre patética e autoritária porque, ao mesmo tempo que fingida, não admitia um não como resposta. O «claro» com o qual Antonio respondeu não foi mais que a única forma digna e rápida que encontrou para escapar, e ainda permaneceram um pouco mais reunidos até que uma visita repentina do médico tornou tudo mais fácil deixando-os de novo no terreno de quem aparenta normal preocupação. A Mamã não comentou nada depois que abalara Antonio com uma desculpa que, pronunciada a um domingo, tinha o claro carácter de uma vingança: que tinha de trabalhar, o que fez foi pressupor¹⁰⁴ que ela ia pedir licença para não ir ao escritório no dia seguinte.

«Amanhã, quando vieres pela manhã, passas antes por casa e trazes-me o outro roupão, o verde.»

«Eu amanhã trabalho, Mamã.»

«Então dizes-lhes que te deem o dia livre. Alguém terá de ficar aqui comigo, não?»

Na televisão o juiz declarou culpada a companhia tabaqueira. O público aplaudiu acaloradamente.

Não sabia exatamente o que é que a apavorava, mas não queria estar sozinha. Seria, em todo o caso, que não tinha podido evitar pôr-se ao lado de Antonio e que algo lhe fazia ao mesmo tempo envergonhar-se daquilo. Muito menos Antonio tinha toda a razão. Ninguém, na realidade, a tinha, e quando Manuel lhe perguntou como tinha sido a tarde¹⁰⁵ ao chegar a casa, pensou que nem sequer ele poderia entender tudo por muito que

¹⁰⁴ “lo que sí hizo fue dar por sentado...”, a expressão “dar algo por sentado” significa “ter a certeza de algo”. Não havendo uma expressão equivalente no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, traduziu-se pelo verbo “pressupor” que significa “conjeturar ou presumir” (DHLP). Omitiu-se ainda o advérbio “sí” por se considerar que na LT se tornaria excessivo e desnecessário.

¹⁰⁵ “...qué tal había ido la tarde...”, a expressão “qué tal”, empregue no original, faz parte do idiomatismo espanhol e é equivalente à conjunção portuguesa “como”. Assim sendo, traduziu-se pela equivalente na LT.

descrevesse as palavras da Mamã ou as reações de Antonio. Tudo vinha na realidade de muito longe e tinha sido calado durante demasiados anos para que agora, naquele espaço de tempo e com umas palavras concretas, pudesse ser explicado. E da mesma forma que não podia ser explicado também não podia ser resolvido. Era. A sua relação com a Mamã, com María Fernanda ou com Antonio era; não podia ser descrita, nem transformada, nem resolvida; levantava-se em frente dela como uma teia de aranha de pedra na qual os ódios ou rancores já não pareciam ódios ou rancores reais, mas sim formas irresolúveis de pessoas que tinham desistido de se conhecer se é que alguma vez tinham chegado sequer a tentá-lo. Por isso quando conheceu a família de Manuel teve aquela sensação permanente de irrealidade, de que o seu amor não respondia mais que a um fingimento mais elaborado que o da sua família. Descobrir depois que aquele afeto era verdadeiro voltou-a contra a Mamã de forma subtil porque, da mesma forma que a mãe de Manuel tinha sido a responsável com a sua própria presença do carinho de todos, a Mamã devia sê-lo da dissolução e da inveja.

A forma como amou a mãe de Manuel tinha na sua ansiedade algo de uma menina órfã que tenta agradar aos seus pais adotivos até ao ponto de parecer ridícula, e cada vez que pensava nela (agora que já tinha morrido) dava-lhe uma vontade quase confortável de chorar na lembrança da sua bondade e da sua pequenez silenciosa. Contudo também não se podia enganar; por muito que tivesse tentado que a sua família se parecesse com a família de Manuel, no final sempre acabava por vencer a sombra da Mamã. Eles estavam demasiado distantes e a Mamã, desde que ardeu a fábrica, tinha adquirido o hábito¹⁰⁶ de passar por sua casa todos os fins-de-semana com Manuel e as crianças. Se lhe tivesse dado alguma vez a oportunidade de a recriminar de alguma coisa ter-lhe-ia dito que não era o facto de que viesse o que a incomodava, mas sim que o fizesse daquela forma; sem lho agradecer sequer, com a condescendência com que se olha para alguém que não faz mais que cumprir a sua estrita obrigação. Desistiu de brigar com ela porque sempre que o fazia tinha a sensação de que para além de estar a ser cruel com a Mamã, tinha também medo que Manuel notasse o

¹⁰⁶ “la costumbre” é um substantivo feminino que significa “hábito” (DRAE). Embora exista o termo “costume” que é lexicalmente mais próximo, neste caso optou-se pelo substantivo masculino “hábito” por uma questão de eufonia. Relativamente ao verbo, também se optou por alterar o verbo original “tomar” que significa “contrair ou adquirir” (DRAE), pelo verbo “adquirir” em português que significa “passar a ter ou obter” (DHLPE).

seu nervosismo¹⁰⁷. A Mamã podia chegar a ser muito convincente, e a ela os nervos faziam-na atuar com rudeza, pelo que quando havia uma discussão ela tinha sempre a sensação de sair derrotada. Consolava-a pensar que todo o mundo aceitava a sua vingança silenciosa¹⁰⁸ da vida e que a sua com respeito à Mamã era aquela: oferecer-lhe a sua casa, a sua família, mas não o seu afeto. Por isso naquela noite ao voltar do hospital tirou o retrato que a Mamã tinha posto na sala, por isso e porque de repente não pode suportar o seu cabelo em canudos, os seus vinte anos a branco e preto, o seu sorriso de estudo fotográfico. Depois telefonou para o escritório e disse que não poderia ir no dia seguinte, que a sua mãe estava gravemente doente¹⁰⁹, que devia cuidar dela.

María Fernanda ficava sempre igual nas fotografias¹¹⁰; o mesmo sorriso aberto, o mesmo brilho no cabelo, a expressão dos olhos exatamente repetida. Vê-la crescer nos álbuns de fotos era como contemplar um estudo artístico do passar do tempo num rosto imutável e formoso que, sem mudar de estrutura, parecia no entanto desgastar-se levissimamente a cada segundo. Pensava às vezes que se a mesma María Fernanda não tivesse sido tão consciente da sua beleza, ela não teria podido deixar de se render ao orgulho

¹⁰⁷ “...tenía la sensación además de estar siendo cruel con Mamá, y miedo también de que Manuel notara su nerviosismo.”, neste exemplo a alteração que merece destaque é a introdução do verbo “ter” no perneio da oração, onde se lê no original “y miedo también” passou a ler-se “tinha também medo”. No espanhol em muitas situações o verbo “ter” ou “ser” é dispensável para o entendimento das ideias, enquanto que no português essa componente verbal é essencial.

¹⁰⁸ “Se consolaba pensando que todo el mundo se tomaba su venganza silenciosa”, neste exemplo o verbo “tomar” tem o sentido de “aceitar ou concordar com” (DRAE), por esse motivo escolheu-se o verbo que na cultura portuguesa melhor exprime a ideia do autor: “aceitar”.

¹⁰⁹ “grave” em espanhol, segundo o DRAE significa “enfermo de cuidado”. Em português a expressão que mais se aproxima do original é “gravemente doente”.

¹¹⁰ “María Fernanda siempre salía igual en las fotografías”, este é mais um exemplo em que foi necessário mudar o verbo “salir” que no contexto cultural da língua de chegada não tem expressividade. O verbo que se usa na LT em contexto fotográfico é o “ficar”.

de ser sua irmã, como não lhe importava de facto ser a mulher de Manuel ainda que aquilo a afastasse para segundo plano. Se alguma vez chegou a sentir inveja foi, mais que pela sua beleza, pela sua segurança em si mesma, pela sua capacidade de se adaptar a qualquer ambiente, qualquer conversa. Se era ou não uma contradição que tantas vezes lhe tivesse gostado na sua irmã aquilo que a desagradava na Mamã, era algo que não lhe importava demasiado, como também não lhe importava demasiado que fosse segunda-feira e que estivesse a perder dias de férias para cuidá-la. Antonio demoraria a voltar a aparecer no hospital e María Fernanda, por muito que telefonasse de Valência, não ajudava mais que acrescentar o nervosismo da Mamã, a fazê-la queixar-se pela incomodidade do quarto em vez de ajudá-la a assumi-la para que lhe custasse menos. Mais tarde ela telefonava para o colégio onde Manuel ensinava e enumerava os factos:

1. A Mamã tinha pior aspeto.
2. O médico falava de complicação do sistema digestivo.
3. Tinha comido um caldo e iogurte.
4. Não havia notícias de Antonio.
5. A rapariga que trabalhava para a Mamã tinha-lhe deixado um recado de uma chamada de Joaquín.

Esforçava-se em descrever os factos, em explicá-los o mais claramente que podia a Manuel como se ao fazê-lo fosse aclarar as estranhas reacções que lhe produziam, ou o medo que de novo lhe dava o hospital, ou a sensação de perfeito assombro com a qual ela, que sempre se tinha considerado vítima da Mamã, contemplava a possibilidade de ter sido talvez mais culpada do que aquilo que pensava, de que talvez a Mamã não tivesse sido tão descuidada, e tentava penetrar no ainda mais difícil mundo do seu rancor¹¹¹, forçando-se a extrair dele factos concretos que justificassem a sua incapacidade em perdoá-la. Via então que até nos momentos nos quais ela tinha acreditado ser mais clara a culpa da Mamã, brilhava agora um ressentimento finíssimo de dúvida que de repente se voltava contra ela mesma convertendo-a em tudo aquilo que nunca tinha querido ser: injusta, cínica, apressada no juízo, incapaz de compreensão, e a figura da Mamã a mudar nela («Esta fratura poderá

¹¹¹ “Intentaba adentrarse en el más difícil aún mundo de su rencor”, em espanhol “adentrar” significa “penetrar no interior de algo” (DRAE), assim traduziu-se com o verbo “penetrar” que quer dizer “entrar ou passar para dentro” (DHLP) e está mais enraizado na cultura portuguesa.

levar ¹¹² a uma degeneração progressiva de todo o organismo», tinha dito o médico), a lutar por ela, («temos observado algumas reações»), senão amável ao menos compreensível, («não necessariamente ligadas à fratura que revelam a deterioração de outros órgãos»), ou pior ainda, que o facto de que o médico tivesse falado daquela forma, com a seriedade de quem não descarta uma morte rápida, a tivesse feito enfrentar o facto lógico, mas ao mesmo tempo definitivamente absurdo, de que a Mamã, como qualquer ser humano, morreria em algum momento.

Comprou umas revistas só para dissimular melhor o seu desconcerto, para ocultá-lo, se é que era possível¹¹³, atrás de algum comentário frívolo com o qual tinha obtido sempre uma resposta segura da Mamã, e embora o tivesse conseguido¹¹⁴ essa tarde, a conversa tinha um claro tom fingido que em qualquer outra situação teria chamado medo mas que agora não sabia como chamar.

«O Antonio parece-se com o Papá, verdade?»

Era perguntar apenas uma parte daquilo, a menos difícil, e a Mamã, que parecia ter estado todo o dia aberta àquela conversa invisível, fechou-se para ela («Às vezes»), como se

¹¹² “Esta fractura podría llevar a una degeneración...”, considerou-se mais correto utilizar o verbo no futuro porque na conversa, o médico admite que possa vir a ocorrer algo no futuro (uma degeneração progressiva). Assim, traduziu-se com o verbo “poder” no futuro do indicativo.

¹¹³ Embora o estilo literário deste autor seja composto por frases longas e com pouca pontuação, e a intenção seja tentar manter este estilo, neste caso considerou-se necessário colocar a expressão da oração intercalar “se é que era possível” entre vírgulas para a isolar e não comprometer o sentido do texto da LO.

¹¹⁴ “...y aunque lo consiguió...”, em espanhol a conjunção “aunque” traduz-se pela conjunção portuguesa “embora” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010) que se usa sempre seguida do verbo no modo conjuntivo, dessa forma e por se tratar de uma conjunção concessiva, alterou-se o verbo para o pretérito mais que perfeito do modo conjuntivo: “tivesse conseguido”.

quisesse acreditar, reservando uma resposta mais longa, que lhe restava mais tempo ¹¹⁵ («Às vezes só»).

O quanto era fácil falar de María Fernanda ¹¹⁶ tinha-o de complicado fazê-lo de Antonio, ou do Papá. Papá sempre, aquela lembrança que quase não parecia uma lembrança do seu funeral, a imagem do seu retrato desenhado a carvão ¹¹⁷ na sala, no escritório da fábrica, mas nunca nada que transcendera à repetição da sua testa achatada em Antonio, o seu olhar de macho incapaz e simples em Antonio, porque sempre que lhe tinha perguntado por ele, a Mamã tinha respondido com um retrato insubstancial que mais parecia copiado de uma novela casta de costumes do que a descrição real de quem tinha sido: um ser desnecessário.

Por isso não lhe disse que tinha chamado Joaquín. Dizer-lho teria sido reconhecer à Mamã uma nova vitória, a única talvez que tinha levado a sério depois que ardera a fábrica. Que Joaquín pedira a sua liquidação depois do incêndio, que ela, em vez de a conceder, o despedira antes ¹¹⁸ (um gesto simbólico de quem soube desde o princípio que haveria de sair-lhe mais caro), teve a decepção na Mamã de quem contempla uma reação orgulhosa de um menino mimado, e embora tivesse o seu dinheiro, pagou em troca com o seu descrédito

¹¹⁵ “que le quedaba más tiempo...”, o verbo “quedar” em espanhol quer dizer “sobrar ou restar” (DRAE), pelo que se traduziu da seguinte forma: “que lhe restava mais tempo”.

¹¹⁶ “Todo lo fácil que era hablar de ...”, esta expressão espanhola traduziu-se tendo em conta o propósito do autor em referir a facilidade ou dificuldade que era falar das personagens María Fernanda, Antonio ou Papá. A melhor forma de o fazer foi a seguinte: “O quanto era fácil falar de...”.

¹¹⁷ “...retrato a carbonillo...”, em espanhol “carbonillo” é um pau de carvão que serve para desenhar (DRAE), o modo mais eficaz que se encontrou para traduzir esta expressão foi: colocar a forma como o desenho foi esboçado “a carvão”.

¹¹⁸ “...que ella, sin concedérsela, le despidiera antes...”, neste exemplo modificou-se o segmento composto pela preposição “sin” seguida do verbo “concedérsela” por outro mais naturalizado na LT: “em vez de a conceder”. Entendeu-se que desta forma se exprimiria igualmente o sentido do original, num modo de falar mais português.

quando tentou estabelecer um negócio por sua conta aproveitando a carteira de clientes da Molduras Alonso.

O único ato real da crueldade da Mamã, o único no qual talvez ela mesma poderia reconhecer que tinha sido deliberadamente cruel, foi esperar que Joaquín tivesse investido todo o dinheiro para o destruir, e como não foi preciso mais que um par de chamadas telefônicas para o conseguir, fê-lo aliás espaçadamente e com tanta subtileza que nem sequer o próprio Joaquín pôde entender o motivo da sua falência. A Mamã foi limpa e certa, e simples como a definição mais pura de um crime perfeito, mas para fechar aquela vitória necessitava do arrependimento de Joaquín, tê-lo de novo a seus pés como um cão que, tendo tentado escapar, voltara a casa pela necessidade de comida.

Não lhe dizer que tinha telefonado a Joaquín era também a última prova de que, mesmo reconhecendo que a desatenção que a Mamã tinha tido sempre com ela podia não ser de todo voluntária, não se ia deixar vencer tão facilmente por aquele sentimento que de repente a fazia compadecer-se pela Mamã, desejar perdoá-la inclusivamente quando ainda não lhe tinha pedido perdão.

«Poderia não ser apenas uma complicação do sistema digestivo, poderia ser geral», tinha dito o médico preparando outro terreno, com um tom completamente diferente de o da tarde, com um «poderia» significativo que em nada se parecia ao «será uma recuperação lenta» confiante da primeira vez, e o facto de não dizer nada à Mamã, nem dos relatórios do médico, deixava-a agora numa posição privilegiada, como quem contempla, sem fazer nada¹¹⁹, um cego que caminha confiadamente para um muro.

Há vinte e dois anos atrás¹²⁰ ela dormia no mesmo quarto que María Fernanda. Parecia absurdo recordá-lo agora, mas na realidade não o era tanto porque algo no gesto da

¹¹⁹ Este é mais um exemplo em que se considerou pertinente colocar o adjunto adverbial “sem fazer nada” <http://www.universopolicial.com/2008/11/uso-da-vrgula-tire-suas-dvidas-aqui.html> entre vírgulas porque indica uma circunstância de modo.

¹²⁰ “Hacía veintidós años...”, o verbo “hacer” no pretérito imperfeito do indicativo indica “ter decorrido certo tempo” (DRAE). Em português, colocou-se o verbo “haver” no presente do indicativo e acrescentou-se o advérbio “atrás” que quer dizer “no passado” (DHLP), obtendo-se

Mamã as tinha descontextualizado às duas para as tornar traços de uma percepção mais simples, mais concreta. Na parede, junto à cabeceira da sua cama, María Fernanda tinha posto uma fotografia de Kirk Douglas naquele filme em que fazia de Ulises, meio despido, com uns calções¹²¹ que mais pareciam um farrapo, prestes a brigar com outro muito maior que ele, olhando-o como se o fosse comer em vez de lhe bater, e tinha-o posto pelo muitíssimo que gostava de Kirk Douglas, principalmente pelo muitíssimo que gostava daquele buraquito da escassa barba na sua cara de besta, tal como tinha cara de besta aquele rapaz de Somontes que fazia tiro aos pratos¹²² com o qual acabou por se deitar e como, depois que lho dissera, ela a imaginava de pernas abertas sobre ele de tal maneira que¹²³ não podia evitar uma certa repugnância pela sexualidade de María Fernanda, ou a cara de bruto do Papá nas fotografias, sem nunca tocar na Mamã («Nunca se podem prever as reações que vai ter o organismo de uma pessoa idosa nestas circunstâncias», tinha dito o médico), porque não eram, no fundo, tão diferentes, nem sequer agora que María Fernanda estava mais gorda e a Mamã consumida, com a pele aclarada com um tom bege terra, uma da outra. Se teve medo de apresentar Manuel a María Fernanda não era só pela sua insegurança, senão também porque temeu que lhe fascinasse o seu erotismo. A Mamã deixava vestir saias à sua irmã¹²⁴ que a ela quase não lhe permitia experimentar, e fazia-o além do mais com a desculpa esfarrapada¹²⁵ de que havia «maneiras e maneiras» de usá-las, que enquanto em

assim o mesmo significado, ou seja, “ter decorrido determinado período de tempo”, neste caso, vinte e dois anos.

¹²¹ O substantivo “calzón” em português passa para o plural.

¹²² Em português este jogo denomina-se também no plural.

¹²³ “...abierta de piernas sobre él con un punto en el que...”, neste passo procurou-se substituir expressões cristalizadas na LO por outras com efeito equivalente na LT: “...de pernas abertas sobre ele de tal maneira que...”.

¹²⁴ “Mamã le dejaba ponerse a su hermana faldas...”, o verbo “ponerse” em espanhol significa “vestir-se ou ataviar-se” (DRAE), a tradução mais lógica é usando o verbo “vestir”.

¹²⁵ Em português “pobre desculpa” apesar de ter sentido, não é um termo comum. A expressão utilizada na LT para o mesmo contexto é “desculpa esfarrapada”.

María Fernanda ficava natural nela parecia que ia fazer o seu turno de rua («Uma puta, é isso que parece»), o que acabava, com aquele tom brutal que a Mamã às vezes tinha ao voltar da fábrica, por dissuadi-la. Manuel não só não se rendeu a María Fernanda, como também mal lhe prestou atenção e a ela pareceu-lhe a primeira e melhor vitória sobre a sua irmã, aquela em que um homem finalmente a escolhia¹²⁶. Se depois demoraram em conseguir um espaço de intimidade foi algo que não lhe importou muito a partir do momento em que não a assustava a sexualidade de Manuel. No carro, não importava que fosse tarde mas sim que a localidade estivesse afastada, podia sentir a sua mão introduzida através dos botões da blusa aberta, sobre o peito («Efetivamente, este agravamento poderia atribuir-se à artrose», tinha dito o médico), quieta a mão de Manuel, ou levantando ligeiramente com os dedos o soutien, mas sobretudo aberta, sem tão-pouco¹²⁷ querer despir-se porque era sem dúvida mais confortável aquela sexualidade com roupa que acabava humedecendo as calças de Manuel, a fazê-lo sorrir, a baixar as janelas do carro para que se desembaciassem os vidros, mais confortável, de certeza, que a de María Fernanda no seu exercício de ginástica sexual com o rapaz de Somontes campeão de tiro ao prato, tal como Kirk Douglas quando se concentrava no tiro, a mesma cara de besta, o mesmo buraquito da escassa barba, que acabou – quando María Fernanda o deixou- a telefonar para casa a toda a hora como um cordeiro, como um cão de caça, como Joaquín a entrar aos domingos na sala de jantar durante os anos de fábrica dizendo «María Antonia, temos de resolver depois o assunto do empreiteiro das máquinas de serrar», «Depois, Joaquín», bebendo o vinho devagar, satisfeito, como se apenas tivesse querido demonstrar que podia tutear a Mamã, não a esta mulher que se retorcia agora de quando em quando com uma pontada de dor na anca («Só me acontecem desgraças»), mas sim a dona María Antonia, a que morreu na realidade há nove anos quando ardeu a fábrica para deixar, nos seus ossos, esta outra mulher que apenas herdou dela o seu silencioso desejo de saber tudo sobre todos, de controlar todos.

¹²⁶ “...por fin la elegía”, a locução adverbial “por fim” foi substituída pelo advérbio “finalmente” porque este atribui maior ênfase à expressão. Colocou-se ainda uma vírgula antes do pronome “aquela” para separar a explicação da ideia anteriormente afirmada.

¹²⁷ “...sin tampoco”, o advérbio de negação que até aqui se traduziu por “também não” (DRAE), neste caso optou-se pelo sinónimo “tão-pouco” por uma questão de conjugação com a preposição “sem”.

Foi a casa jantar aproveitando que a Mamã adormecera¹²⁸ e ao entrar – Manuel estava a dar de jantar aos miúdos – pareceu-lhe um pouco ridículo o quotidiano da cena em comparação com a intensidade do que tinha estado a pensar durante todo o dia.

«Que tal?», perguntou ele.

E ela:

«Tudo bem.»

«Telefonou o teu irmão. Estava nervoso. Aconteceu alguma coisa?»

«Não. O que disse?»

«Que lhe telefones.»

«Está tudo bem de certeza?»

«Sim.»

Antonio estava em casa, Luisa atendeu o telefone e passou-lho de seguida, com o cuidado de uma chamada importante.

«Que diabo foi aquilo ontem¹²⁹?», perguntou Antonio com a brusquidão própria que lhe produziam as reações dos outros.

«Aquilo o quê¹³⁰?»

¹²⁸ A expressão perifrástica da LO “quedarse adormilado”, pode-se traduzir e tem o mesmo sentido do verbo “adormecer” na LT.

¹²⁹ “A qué coño vino lo de ayer?”, a interjeição “coño” em espanhol usa-se para “expressar diversos estados de ânimo, especialmente estranheza ou aborrecimento” (DRAE), sendo a tradução à letra deste termo uma opção inviável pelo seu carácter extremamente pejorativo, optou-se por outra expressão que transmitisse igualmente o mesmo estado de ânimo, sem causar um impacto negativo tão forte. A solução que se encontrou foi: “Que diabo foi aquilo ontem?”.

¹³⁰ “Qué de ayer”, Sabendo que, numa tradução nem sempre é possível, nem fácil, reproduzir fielmente a nível do léxico e da gramática, por vezes há que optar por soluções que transmitam a mesma sensação mas por outras palavras. Do esforço em encontrar na LT uma frase que assegurasse

«Como aquilo o quê? A cena triste¹³¹ da Mamã. Que raio¹³² se passa contigo?»

«Não fales assim comigo, Antonio.»

«Desculpa.»

Não se podia dizer que não lhe agradasse aquela conversa. Revelava no fundo que ela, como irmã mais velha, era a única autoridade que Antonio reconhecia.

«Bom, já sabes o que somos para a Mamã; tu o fracassado e eu a sonsa.»

«Então o que pretendia com aquilo de ontem?»

«Testar-te, suponho, testar-nos aos dois.»

Reconhecê-lo tão claramente deu um carácter de medo às palavras que a fez levantar os olhos na direção de Manuel. Não tinha deixado de olhá-la desde que começou a conversa e os miúdos de patear, surpreendidos talvez por aquela interrupção tão injustificada da cena.

«Mas testar-nos porquê?»

«Eu creio que está a morrer, Antonio, e o pior, creio que sabe que¹³³ está a morrer. Está muito estranha¹³⁴; quase não falou hoje, e está pálida, eu creio que está a morrer, Antonio.»

a ideia do original, surgiu um resultado um pouco afastado do texto da LO, mas que se julga igualmente válido: “Aquilo o quê?”.

¹³¹ “la escenita...”, em espanhol os diminutivos com “ito/a” são mais usados na linguagem coloquial e em alguns casos têm um significado depreciativo <http://www.bomespanhol.com.br/gramatica/os-diminutivos-e-aumentativos> . Em português, usa-se o termo “cena triste” com carácter igualmente depreciativo.

¹³² “Qué cojones...”, esta é outra interjeição coloquial, própria do modo de falar da LO, usada para “expresar aborrecimiento ou estranheza” (DRAE). Na LT, usa-se a expressão “Que raio” para questionar algo com o mesmo sentimento de estranheza (*Dicionário Priberam*).

¹³³ “...da perfecta cuenta de que...”, a locução verbal coloquial “darse cuenta de algo” significa “compreender ou entender” (DRAE). Na tradução tentou-se encontrar um termo que sendo mais

Tinha dito tudo tão depressa que Manuel mal tinha tido tempo de reagir. Antonio também não o fez e a ela de repente tudo lhe pareceu fingido: as palavras que tinha utilizado para se referir à Mamã, o gesto de Manuel, o silêncio de Antonio, como se fosse possível referir-se à morte de alguém¹³⁵ sem adotar alguma forma de atuação, de fingimento.

«O médico disse-te alguma coisa¹³⁶?»

«O médico faz comentários, já sabes, para lavar dali as suas mãos¹³⁷. Diz que a Mamã pode piorar progressivamente.»

«O que disse?». Perguntou a voz de Luisa, quase impercetível, atrás de Antonio.

«Espera, já te conto¹³⁸ – respondeu ele, e depois -: Vais amanhã?»

habitual, transmitisse igualmente a ideia original, a escolha foi o verbo “saber” cujo significado é “conhecer” ou “estar informado” (DHLP).

¹³⁴ A tradução para “rara” segundo o *Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010, é “esquisita; estranha”. Na sintaxe do português e neste contexto, o adjetivo “estranho” no grau superlativo absoluto sintético confere à oração um sentido pouco comum e afastado do original. Considerou-se melhor opção colocar o advérbio “muito” antes do adjetivo “estranha” para dar a dimensão e a intensidade do original.

¹³⁵ O pronome indefinido “nadie”, em espanhol significa “nenhuma pessoa” (DRAE), em português usa-se com o mesmo sentido o pronome indefinido inverso: “alguém” que significa “pessoa não identificada” (DHLP).

¹³⁶ Embora em português também se utilize o termo “algo”, neste caso, por uma questão de expressividade natural da LT, optou-se por substituir o pronome “algo” pelo quantificador “alguma” seguido do substantivo “coisa”. Ainda de acordo com o léxico português, preferiu-se começar a frase com o substantivo “médico”.

¹³⁷ A expressão idiomática “lavarse las manos” no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003: 157) de Ana Belén García Benito, significa “alguém que se descarta de um assunto ou responsabilidade”. Traduziu-se pela equivalente a portuguesa “lavar dali as mãos” que significa “isentar-se de responsabilidades”.

«Sim.»

«Há que telefonar à Maria Fernanda.»

Aquela era a forma habitual com que Antonio expressava que não seria ele quem o faria.

«Eu ligo-lhe, amanhã ligo-lhe do hospital.»

«Ela ligou a meio da tarde», disse Manuel adivinhando a conversa.

«O que disse?»

«Que ligava depois.»

«Eu encarrego-me disso¹³⁹ - disse ela dirigindo-se a Antonio -, ligo-te amanhã então.»

«De acordo.»

E desligaram. De repente o olhar de Manuel incomodou-a.

«Como te sentes?», perguntou.

«Não sei – respondeu ela -, não faço ideia¹⁴⁰.»

Medo. Medo de que saíssem deficientes mentais, ou com algum defeito físico, ou feios, ou demasiado gordos, e pesadelos em que os via aos dois, desde que soube que iam ser gémeos, unidos nas costas, obrigados a partilhar um só braço ou uma só perna, monstros

¹³⁸ “Calla, te cuento ahora”, esta é uma expressão que representa um traço cultural da LO. Como a maioria destas expressões são destituídas de uma tradução literal, procurou-se traduzir o sentido através de outras palavras, e a solução foi a seguinte: “Espera, já te conto”.

¹³⁹ Na expressão “Yo me encargo”, o verbo espanhol “encargar” indica “pôr-se algo ao cuidado de alguém” (DRAE). Na tradução utilizou-se o verbo “encarregar” que manifesta o mesmo entendimento: “tomar a seu cargo ou incumbir a alguém uma tarefa” (DHLP).

¹⁴⁰ A expressão espanhola “no tengo ni idea” equivale à expressão portuguesa “não faço ideia”.

em que a fealdade se parecia com ela, ainda que de forma grotesca. Agora que tinham três anos e meio parecia idiota pensá-lo, mas naquela época¹⁴¹, a partir do meio da gravidez, a sua figura de mulher adulta grávida, tantos anos a tomar a pílula¹⁴², tanto artigo de revista feminina, deram-lhe um medo atroz e uma certeza quase absoluta de que algo horrível ia suceder aos miúdos. A Mamã converteu-se em avó sem lhe conceder sequer o mérito de aquele medo, sem mal compreender que, se tinha esperado tanto para ser mãe, era na realidade porque desejava demonstrar-lhe algo, deixar claro que também podia – como María Fernanda- ser uma profissional. Houve um momento em que inclusivamente pareceu-lhe que para a Mamã era mais importante ser a madrinha de batismo de ambos que o próprio facto de que tivessem nascido, e aquilo produziu-lhe uma sensação tão violenta de rejeição que esteve prestes a pedir a uma amiga qualquer que os amadrinhasse.

Fê-lo por fim a Mamã, como não podia deixar de ser¹⁴³, mas Manuel teve que empenhar-se a fundo para tranquilizá-la para que não se lhe notasse a tensão durante a cerimónia. E depois teve medo, um medo absurdo e injustificado, como o que tinha agora depois de falar com María Fernanda, de ter discutido – um pouco¹⁴⁴ – com ela.

¹⁴¹ “pero entonces” é uma expressão que em espanhol pode utilizar-se para nos reportarmos a uma determinada época em que ocorreu algum acontecimento que se pretende referir. Na tradução, perspectivou-se a expressão “naquela época” como a melhor alternativa.

¹⁴² No espanhol é muito comum a elipse verbal. No exemplo “tantos años de pílula”, omitiu-se o verbo que indica a ação de tomar a pilula. Na tradução, a frase ficaria desajustada da língua padrão se não se introduzisse o verbo “tomar” antes do substantivo.

¹⁴³ “como no podía ser de otra forma”, tentando-se conjugar a estrutura da LT com o sentido da frase, a única solução foi: começar com a conjunção “como” tal qual o original; introduzir o verbo “deixar” para formar a locução verbal “deixar de ser”; e omitir a expressão “de outra forma”. Deste modo obteve-se uma expressão bastante vincada no léxico do português e que se considerou traduzir na perfeição a intenção do autor.

¹⁴⁴ A locução adverbial “más bien” está mencionada no DRAE para “indicar a não total adequação ao termo a que se antepõe”. Optou-se por traduzir por “um pouco” dado que o advérbio “pouco” atenua de certa forma a ideia anterior.

O sexo com Manuel não acrescentou nada àquela noite, mas necessitava-o de forma compulsiva. Foi, na realidade, uma armadilha à qual se lançou consciente de que também não ia fazê-la sentir-se melhor mas com a qual ao menos conseguiria acelerar o passar daquela noite. E se voltou depois ao hospital foi porque também não queria ficar com Manuel, porque ficar com ele teria sido ter de lhe explicar demasiadas coisas.

Teve, ao sair de casa, a estranha sensação de os estar a abandonar e palpitavam-lhe na garganta todas as palavras que não tinha dito a María Fernanda. Como sempre que discutia com ela, o mal-estar deixava, nas horas que se seguiam à conversa, a impotência de quem revia o diálogo completo procurando as palavras que teria sido mais acertado responder, e arrependendo-se das que se disseram. E, como sempre era igual, aquele fracasso tinha um sabor de história repetida desde a adolescência, familiar.

A Mamã, embora estivesse a dormir quando chegou, acordou com o simples ruído que produziu ao sentar-se no cadeirão que estava junto à cama.

«Onde estiveste?»

«Em casa, fui¹⁴⁵ dar de jantar aos miúdos», mentiu.

«Pois.»

A boca seca dava à Mamã um tom ainda mais¹⁴⁶ lastimoso. Ela foi ao pequeno lavatório e voltou com um copo de água que bebeu apressadamente e que, ao não poder inclinar-se bem, não conseguiu evitar que se lhe entornara sobre a camisa de dormir. Os lábios tremeram-lhe num movimento teatral.

«Quero que me tirem daqui», disse.

¹⁴⁵ No original a locução verbal “he idos” tem o verbo no plural. Presume-se que seja uma gralha, como tal fez-se a devida correção.

¹⁴⁶ A expressão “si cabe”, não tendo uma equivalente na LT, foi transposta mediante outra expressão mais naturalizada naquela língua: “ainda mais”.

«Que te tiremos daqui? E para onde queres ir? Não estás bem, Mamã, os médicos têm de te observar¹⁴⁷, não podes ir assim para casa.»

Tinha adotado outra vez aquele tom fingido: agora era como se lhe estivesse a falar como se ela fosse uma menina¹⁴⁸ tentando dissuadi-la de um capricho absurdo, mas o certo é que também não tinha sido natural o tom trágico com o qual a Mamã tinha pedido para que a tirassem do hospital.

«Não digo para casa. Quero ir para outro hospital, um privado, estes médicos estão a matar-me.»

«Pelo amor de Deus, aqui ninguém te está a matar¹⁴⁹.»

«Quero ir.»

«Não tens dinheiro para isso, Mamã.»

Disse-o consciente da crueldade que supunha ser para a Mamã escutar aquelas palavras¹⁵⁰, mas não teve a reação esperada, a habitual, essa careta de asco de quem contempla em si próprio um pecado ridículo e involuntário, mas sim uma seriedade absorta que parecia ter previsto a sua resposta e se satisfizera, quase, em ter acertado.

¹⁴⁷ Na tradução substituiu-se o verbo “ver” pelo verbo “observar” já que, em português é este o mais indicado para o sentido médico e segundo o DHLP caracteriza-se por “fazer uma observação científica”.

¹⁴⁸ “ahora pareciera que le estuviera hablando a una niña”, nesta frase, reformulou-se a expressão comparativa que sustenta a ideia principal “como se ela fosse uma menina”, adaptando-a à sintaxe portuguesa.

¹⁴⁹ “Por Dios, nadie te está matando aquí.”, a expressão espanhola “Por Dios” equivale à expressão portuguesa “Pelo amor de Deus”.

¹⁵⁰ “Lo dijo consciente de la crueldade que suponía escuchar aquellas palabras para Mamá” neste exemplo a única alteração foi a já normal troca da ordem das palavras na oração, e a introdução do verbo “ser” formando a locução verbal “supunha ser”.

«Quero o meu milhão¹⁵¹», respondeu olhando-a diretamente nos olhos.

«Que milhão?»

«O que vos dei ao Manuel e a ti para a casa.»

«Isso foi há quinze anos, Mamã.»

«Mas eu quero o meu milhão.»

Recordava perfeitamente aquele dinheiro porque tinha sido sempre um dos cavalos de batalha preferidos da Mamã, uma presença que fazia aparições estelares, frequentemente depois de discussões, e que inclusivamente Manuel – tão tranquilo habitualmente- adoecia ao ponto de não lhe dirigir a palavra. Agora aparecia de novo, mas desta vez com uma seriedade que não recordava o tom com que se recorda um favor para pedir outro, mas sim com a dureza de um requerimento de justiça.

«Não tenho esse milhão, estou afogada em dívidas¹⁵², sabes disso perfeitamente.»

Aquelas palavras foram a única forma que encontrou para pedir misericórdia, embora soubesse desde então que não haveria de ser um perdão fácil.

«Se me amasses davas-me esse milhão, se me amasses de verdade não poderias suportar ver-me nesta porcária de hospital.»

A escuridão da noite tornava neste caso mais claro o que a Mamã estava a pedir¹⁵³; não podia ser libertada daquela dívida porque era precisamente aquela dívida uma espécie de ultimato de amor, a única forma que a Mamã entendia o amor.

¹⁵¹ A naturalidade e o sentido da expressão da LO só é verdadeiramente reproduzida se na LT se acrescentar o pronome possessivo “meu” que confere a ideia de que a Mamã queria algo que supostamente lhe pertencia.

¹⁵² “papeles” neste contexto significam os documentos que contêm a obrigação de pagar uma determinada quantidade, como uma livrança ou uma letra bancária (DRAE), na tradução optou-se por traduzir pelo significado real desses papéis (dívida).

«Teria que pedir um crédito, hipotecar a casa», disse, como que falando para si mesma, porque sabia que aquilo, mais que fazer a Mamã reconsiderar o seu pedido, a reafirmaria na sua importância. O olhar da Mamã abandonou o seu gesto de seriedade por um de desvalimento, de súplica, que o tornou insofrível como de repente se fez insofrível¹⁵⁴, mais que nunca, o cheiro a carne velha da Mamã, o som da sua língua contra o céu-da-boca ao engolir saliva.

«A María Fernanda vem amanhã – disse-. Falei com ela hoje.»

Mas nem sequer perante aquilo a Mamã reagiu.

«Vais-me dar o dinheiro, verdade filha?»

Outra vez o cheiro. Outra vez o asco congestionado na garganta, e a tensão fazendo-lhe retorcer os dedos.

«Tu sabes o que implica para mim dar-te um milhão, Mamã? Percebes o que implica, hem¹⁵⁵?»

Tinha-lhe gritado sem querer, deu-se conta disso quando se calou¹⁵⁶, e também porque não tardaram em ouvir-se os passos do vigia dirigindo-se ao quarto.

¹⁵³ “La nocturnidad hacía en este caso más claro lo que estaba pidiendo Mamá”, neste caso a opção passou por encontrar uma solução que explicasse que era de noite e que não havia luz. O resultado foi: “A escuridão da noite tornava neste caso mais claro o que a Mamã estava a pedir”.

¹⁵⁴ “que se le hizo insufrible como de pronto se hizo insufrible”, este parece ser um jogo de palavras do autor. Na opinião de Peter Newmark (2010: 52), se as orações compridas e com estruturas complicadas são parte essencial do texto e algo típico do autor e não das normas convencionais da LO, o dever do tradutor é reproduzir a desviação correspondente das normas da LT.

¹⁵⁵ A interjeição “eh?” é usada no léxico espanhol para perguntar algo (DRAE). Na tradução utilizou-se a interjeição apontada no DHLP para fazer perguntas com espanto ou indignação: “hem”.

¹⁵⁶ “se dio cuenta al callar”, a expressão “darse cuenta” tem tradução direta para o português: “deu-se conta”; a seguir introduziu-se, a contração da preposição “de” com o pronome “isso”, a conjunção adverbial temporal “quando” e o pronome pessoal “se”; por último conjugou-se o verbo “calar” no pretérito perfeito do indicativo.

«Vais dar-mo, verdade filha?»

«Sim Mamã, vou dar-to, nem que seja a ultima coisa que faça¹⁵⁷.»

«Estou a pedir o que é meu.»

«E eu estou a dar-to, mas cala-te de uma vez.»

«Tu não sabes os esforços que fiz para vos meter nas melhores escolas.»

«Cala-te!»

O vigia entrou e pediu-lhe bruscamente que saísse. A Mamã tinha começado a chorar e falava com o dramatismo histriónico de quem se acostumou a fingir um sentimento que não conhece.

«As mães são para se amarem e respeitarem, não lhe parece? – perguntou a Mamã ao vigia, que não pôde evitar olhá-la com a censura silenciosa com que se despreza um criminoso -. Amam-se e respeitam-se.»

«Claro, senhora, tranquilize-se.»

«Eu só estava a pedir um dinheiro que era meu, e amor era o que estava a pedir, amor.»

Quando a Mamã disse aquilo ela deixou de se opor aos empurrões do vigia e saiu a correr pelo corredor para se afastar o quanto antes dali. Chegou a casa a suar. Manuel dormia.

O que parece absurdo não é a ideia da morte em geral, mas sim a realidade concreta da morte da Mamã. Maria Fernanda já estará no hospital. Já terá falado com o médico. Já

¹⁵⁷ “va a ser lo último que te voy a dar.”, esta expressão não se pode traduzir palavra por palavra por ser uma expressão própria da língua espanhola, dessa forma, tentou-se outra solução divergente na gramática mas convergente no sentido: “nem que seja a ultima coisa que faça.”.

terá dito a verdade à Mamã. Mas¹⁵⁸ está frio, o céu está limpo¹⁵⁹ e a Mamã tê-lo-á visto¹⁶⁰ da sua cama e depois ter-se-á voltado para María Fernanda, e terá chorado, talvez.

Dizes a uma mulher que vai morrer, dizes-lhe «Vais morrer», não importa que o faças devagar, nem carinhosamente, nem que lhe pegues na mão ao fazê-lo, dizes-lhe «Vais morrer», algo que tinha sabido durante toda a sua vida e inclusivamente no qual tinha refletido profundamente em mais de uma ocasião, como qualquer pessoa que tenha feito setenta anos, e parece como se se tivesse ouvido o bater real de uma porta, como a mãe de Manuel se deteve quando lhe disseram, «Vais morrer», e olhou para ela em vez de olhar para Manuel, ou para o seu irmão, ou para os filhos do seu irmão, a ela, que estava junto à porta, afastada por puro pudor da cama, como se pretendesse escapar assim da atuação que seria suposto ter perante eles e que foi impossível nesses quatro, cinco segundos, em que o rosto lhe congelou¹⁶¹ numa careta quase estúpida («Vais morrer»), mais parecida a um sorriso do que a qualquer outro gesto.

Por isso não há surpresa alguma quando María Fernanda lhe pergunta do hospital porque não tinha dito nada à Mamã da sua situação. Não é capaz de manter uma discussão com María Fernanda. Está demasiado cansada, quase não dormiu em toda a noite.

¹⁵⁸ “Aunque” traduziu-se por “mas” porque de entre todas as conjunções esta parece ser a única que permite o uso do verbo que a sucede no presente do indicativo.

¹⁵⁹ Omissão da locução “de nuvens”. Em português basta dizer que “o céu está limpo” para se deduzir que não há nuvens. Ou se diz que “está limpo” ou se diz “não há nuvens”.

¹⁶⁰ “lo habrá mirado”, substituiu-se por “tê-lo-á visto”. Até aqui traduziu-se sempre o verbo “mirar” por “olhar”, neste caso em concreto o verbo “ver” no particípio passado é a solução correta, tanto a nível da sintaxe como do léxico do português.

¹⁶¹ “...el rostro se le quedó congelado...”, seguindo o conselho de Newmark (2010: 51) acerca do conflito entre as palavras da LO e o pensamento da LT, ele aconselha o tradutor a não esquecer as palavras da LO, porque estas são sempre o ponto de partida. Deve-se sim criar e interpretar com base sempre nessas palavras. Foi o que se tentou fazer: interpretar e recrear o sentido da frase com base nas palavras da LO: “...o rosto lhe congelou...”.

Também não era para ter aquela reação com a Mamã por causa do dinheiro, ou não se dava conta de que não fazia mais que pedir o que era seu.

«Já sei – responde ela só para a fazer calar-. Olha, diz à Mamã que o Manuel foi pedir um crédito ao banco esta manhã e que dentro de pouco tempo¹⁶² terá o seu milhão.»

Que¹⁶³, se iria depois, quando saísse do escritório¹⁶⁴.

«Não, não vou, já aí estás tu. Que falta faço eu?»

Não se tratava disso, que se se podia saber o que tinha, porque também ela estava cansada, o que é que ela pensava¹⁶⁵, não só tinha febre como também tinha vindo a conduzir desde Valencia.

«O que queres que te diga¹⁶⁶.»

¹⁶² Dizer em espanhol “dentro de nada” é o equivalente a dizer “dentro de pouco tempo” na LT.

¹⁶³ Neste caso introduziu-se uma vírgula à conjunção integrante “que” para a isolar e assim realçar a intenção do autor em dar continuidade à sequência de perguntas iniciada por María Fernanda três parágrafos acima.

¹⁶⁴ “Que si iba a ir después, cuando terminara en la oficina.”, a modificação mais relevante neste caso foi a substituição do verbo “terminar” pelo verbo “sair” na LT. A ideia geral da frase é perguntar se iria visitar a Mamã, quando acabasse o que estava a fazer no escritório, ou seja, quando saísse. Procurando uma estrutura o mais próxima possível do original traduziu-se da seguinte forma: “Que se iria depois, quando saísse do escritório.”. Este é mais um exemplo do estilo literário inovador em que o autor rompe com a grafia desarticulando o discurso. Manteve-se o estilo por se considerar que o mesmo não afeta a compreensão e torna a leitura mais desafiante e interessante.

¹⁶⁵ “...que si se podía saber qué le pasaba, que ella también estaba cansada, qué se había creído”, este jogo de palavras é outro exemplo do estilo literário do autor: demasiados “que” e “qué” que dificultam o entendimento da frase. Foram precisas algumas leituras para se decifrar o sentido do original que tem o tom da pergunta retórica: “que se se podia saber o que tinha, porque também ela estava cansada, o que é que ela pensava”.

A ela nada, a ela não queria que lhe dissesse nada, mas que pelo menos fosse ao hospital desculpar-se com a Mamã, devia-lho, tal como o devia a Antonio, que lhe telefonasse para que fosse essa tarde também.

«Porque não lhe telefonas tu?»

Mais sabia porquê¹⁶⁷.

«Não, não sei.»

Que não se fizesse de imbecil, mais sabia que Antonio não queria falar com ela.

«Porque tens tanta certeza? Já tentaste alguma vez?»

Aceitou no final as duas coisas: telefonar ao Antonio e ir ao hospital depois do escritório. O Manuel telefonou do banco para lhe pedir o número do seu bilhete de identidade¹⁶⁸, necessitava-o para o crédito. A ama telefonou para dizer que um dos gémeos tinha febre e que o outro estava tonto até mais não poder, que tinha partido a estatueta do palhaço da bancada de propósito e tinha-lhe dado um cachaço. Maria Fernanda telefonou outra vez. O Antonio respondeu que não sabia se iria, que tinha de pensar. A criada da Mamã deu-lhe outro recado do telefonema de Joaquim. Manuel telefonou para dizer que lhes davam o crédito. O seu chefe perguntou-lhe se pensava converter o seu horário de trabalho num consultório familiar. Entornou-se-lhe o café sobre um relatório. Foi para a casa de banho a chorar. Uma colega que lá estava deu-lhe um abraço, que já sabia que podia contar

¹⁶⁶ Outro caso do estilo do autor, em que este rompe com a grafia e não coloca a pontuação correspondente para assinalar a pergunta. Manteve-se o estilo por se considerar que se entende claramente o modo interrogativo da mesma.

¹⁶⁷ “De sobra sabia por qué”, a locução adverbial “de sobra” significa “abundantemente ou com excesso” (DRAE). O advérbio “mais” é o equivalente mais próximo e foi a opção de tradução.

¹⁶⁸ O “número de carné”, em espanhol, é o documento de identificação que equivale, em português, ao “bilhete de identidade” ou “cartão de cidadão”. Como este último é mais recente e o antigo “bilhete de identidade” ainda não foi totalmente extinto, optou-se pelo termo mais comum e antigo.

com ela para o que precisasse¹⁶⁹, como e onde quisesse, ela também sabia¹⁷⁰ o que era ver morrer uma mãe.

Ao sair do escritório pensou que se o dia tivesse sido menos formoso, mais frio pelo menos, tudo teria sido mais fácil, e comprovou com escândalo os limites da sua frieza; o pouco que lhe importava que a Mamã estivesse a morrer, a indiferença que lhe produziam as queixas de María Fernanda ou a dor de Antonio.

Quando chegou a casa, Manuel disse-lhe que a sua irmã tinha telefonado duas vezes para dizer-lhe que não fosse ao hospital, que a sua mãe seria transferida naquela mesma tarde¹⁷¹ para uma clinica privada. Chorou outra vez, só para que Manuel a abraçasse. Manuel cheirava a tabaco e a menta.

«Queres que vá contigo?»

«Não.»

«Queres que te leve e espere por ti no carro enquanto tu sobes para a ver?»

«E os miúdos?»

«Ficam com a vizinha, já falei com ela.»

Era cálido o amor de Manuel, e simplíssimo. Teria desejado render-se a ele como uma menina que espera um conselho todo-poderoso e lógico. Teria desejado dizer-lhe: «Diz-

¹⁶⁹ “ya sabía ella que la tenía para lo que quisiera”, esta frase é mais um exemplo da expressividade coloquial do espanhol. Na busca do grau máximo de correspondência entre as duas línguas, adaptou-se o sentido à LT: “que já sabia que podia contar com ela para o que precisasse”.

¹⁷⁰ “ella también conocía lo que era ver morir a una madre”, substituição do verbo “conocía” por “sabía”. Em espanhol, “conocer” significa “entender; advertir, saber” (DRAE). Em português, neste contexto, o verbo mais indicado é o “saber” que significa também “conhecer” (DHLPE).

¹⁷¹ “que a su madre la trasladaban aquella misma tarde...”, este exemplo reflete a diferença cultural dos dois países. Em espanhol “levar alguém de um lado para outro” é “trasladar” (DRAE). Em português, e em contexto hospitalar, para mudar um doente de um hospital para outro, utiliza-se o termo “transferir”.

me o que faço, como o faço.» Não falaram no carro mais que do crédito e suas condições. Três anos. Podiam fazê-lo, mas não haveria férias em agosto, a não ser, e aqui Manuel deteve-se como diante de um espaço que não convinha pisar, a não ser, claro, que a mãe dela...

«Não quero nenhum dinheiro da minha mãe, é a última coisa que quero no mundo¹⁷², estás a ouvir? é dinheiro da minha mãe.»

«Claro», disse Manuel.

Estavam os três, e se não tivesse sido María Fernanda o silêncio teria sido mais difícil do que nunca. Ninguém ali se olhava diretamente nem mais que o necessário e se falavam faziam-no dirigindo-se à Mamã, nunca à sua cara mas sim às mãos, à sombra dos joelhos debaixo dos lençóis. A Mamã empestava. Ela não recordava outra forma de cheiro mais aguda nem desagradável do que aquela, porque persistia na pituitária mesmo quando se afastava do quarto¹⁷³. Tinha piorado visivelmente desde ontem. Os médicos atribuíam-no à transferência de hospital e à incompetência de quem lhe tinha posto o colete, ao que parece sem o apertar o suficiente. A dor que lhe produzia agora era para o seu próprio bem, repetia sem cansaço o médico cada vez que entrava no quarto, como se lhe percesse uma tortura desnecessária aquela que fazia apertar os lábios à Mamã num gesto de careta permanente. O quarto era discretamente agradável, como o de um hotel de classe, mas também não escapava à frieza anónima de um hospital. Os detalhes próprios de uma clinica privada: a jarrita com a rosa, as cortinas, não faziam mais que ressaltar o desvalimento da Mamã, acentuá-lo até um ponto em que a sua dor se tornava feia de tão grotesca. María Fernanda dirigia-se sempre a ela, inclusivamente quando estava a falar na realidade com Antonio, e

¹⁷² “lo último que quiero en el mundo”, na construção do espanhol, e mais concretamente neste caso, o adjetivo “lo último” não necessita do substantivo para ter expressividade. Tal não sucede no caso português, onde o adjetivo se relaciona sempre a um nome. Adicionou-se o substantivo “coisa” e atendendo ao sentido da frase, fez-se concordância em género entre o adjetivo e o substantivo. Esta ocorrência surgirá outras vezes e proceder-se-á sempre desta forma.

¹⁷³ “...persistia en la pituitaria aun alejándose de la habitación.”, achou-se conveniente, para um melhor entendimento do sentido da frase acrescentar o advérbio “quando” antes do verbo.

Antonio, que chegou depois, não variou em toda a tarde aquele gesto de comparsa intercambiável, de bruto tímido, que caracterizava o seu nervosismo.

A Mamã adormeceu tarde e aproveitaram aquele momento para falar com o médico, que não pôde evitar, como num bem aprendido mecanismo de defesa, adotar um tom científico para falar do agravamento da Mamã.

«Quanto tempo», disse Antonio num tom desprovido da entoação de uma pergunta que fez calar o médico bruscamente.

«O senhor quer dizer quanto tempo lhe resta de vida?», perguntou o médico.

«Sim.»

«Não posso crer que sejas tão animal», replicou María Fernanda olhando diretamente para Antonio pela primeira vez.

«E eu não posso crer que tu sejas tão hipócrita.»

«Pode-se saber quem pensas que és para me falar assim?»

De entre os dois, ela não pôde evitar preferir a brusquidão de Antonio ao gesto de escândalo fingido com que María Fernanda fugiu de um diálogo no qual, falando honestamente, antes ou depois teria acabado dando-lhe razão.

«Quanto tempo lhe resta?», interveio ela para acabar o quanto antes¹⁷⁴ e para descansar a incomodidade do médico.

«O agravamento é progressivo e rápido. Foi enorme desde que chegou aqui. Nunca se pode prever com total segurança. Talvez um mês, talvez menos. Basicamente depende dela mesma.»

O que devia estar a pensar o médico, a quem a excessiva juventude não tinha dado ainda o dom do fingimento, era que os três se brigavam por dinheiro. A realidade, como quase sempre, não só era muito mais complexa, como nem sequer eles mesmos poderiam tê-

¹⁷⁴ A expressão “lo antes posible” é equivalente da expressão portuguesa “o quanto antes”.

la explicado. A soma do património da Mamã era quase insignificante ao ser dividida entre três, e se não era o carinho ou a preocupação o que os reunia agora em torno da sua morte, parecia difícil não aceitar que os três tinham algo de espectadores. A morbosidade que teria tido aquele sentimento ao ser referido a qualquer outra pessoa não a tinha contudo com a Mamã. Como se os três se considerassem espectadores exclusivos, possuidores únicos de entrada num anfiteatro de três cadeiras em cujo palco a Mamã estivesse a representar a sua própria morte, e o estivessem a fazer para além disso com a seriedade de alguma coisa querida e não querida ao mesmo tempo, uma vezes grotesca e outras vezes com um patetismo comovedor. María Fernanda vingou-se em Antonio¹⁷⁵ ao nem se incomodar¹⁷⁶ a olhá-lo quando depois ficaram sozinhos, discutindo se deviam ou não dizer à Mamã. Ela foi a única que opinou que não deviam fazê-lo, que o melhor era esperar até que a situação estivesse próxima, e embora tenha explicado que lhe parecia o melhor para não a preocupar, no fundo o que sentia era medo da reação da Mamã ao sentir a proximidade¹⁷⁷ da sua morte.

Como Antonio se pôs do seu lado, decidiram não o fazer, esperar cinco dias pelo menos, ver se melhorava e dizê-lo então, mas no dia seguinte, quando voltou do escritório para visitar a Mamã, deu-se conta de que María Fernanda já lhe tinha dito tudo. Notou-o,

¹⁷⁵ “se cobró su venganza en Antonio”, a expressão espanhola “cobrarse una venganza” não consta no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, pelo que se traduziu pelo sentido da mesma: “vingar-se de algo ou alguém” <http://www.wordmagicsoft.com/diccionario/es-en/cobrar%20venganza.php>

¹⁷⁶ “Tomarse la molestia” é uma expressão idiomática do espanhol que no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, não tem um equivalente direto na LT pelo que se teve de encontrar outra solução, neste caso um verbo, que transmitisse o mesmo sentido do original: “ao nem se incomodar”.

¹⁷⁷ “conocer la cercanía”, o verbo “conhecer” em português tem pouco valor neste contexto. O que melhor se adapta ao sentido da frase é o verbo “sentir” porque é o que permite ter a perceção de alguma coisa através dos sentidos e dos sentimentos (DHLP).

mais do que nas suas palavras ¹⁷⁸, no silêncio enrarecido do quarto e no olhar da Mamã, descarregado sobre ela de repente com a dureza com que se julga um traidor.

«Tu gostarias que não te dissessem que vais morrer, filha?», perguntou a Mamã desnecessariamente.

«Sim – respondeu ela acreditando estar a ser sincera pela primeira vez -, creio que preferiria que não me dissessem.»

«Está claro que eu não sou como tu¹⁷⁹.»

María Fernanda não a olhou a princípio, nem durante a meia hora em que a Mamã articulou um monólogo que, como sempre, as excluía às duas, mas no qual a verdade da morte produzia um distanciamento estranho. Aquilo, que era a princípio o inteiramente real, a grande verdade, parecia distanciá-la mais ainda de quem tinha sido durante toda a sua vida, parecia que agora menos do que nunca a Mamã fosse morrer e que até a notícia da sua morte a tivesse revitalizado de alguma forma.

María Fernanda voltava para Valência aquela mesma tarde de comboio. E se quase não se despediram ao ir-se embora foi porque uma parte da sua irmã¹⁸⁰ reconheceu de repente as consequências que tinha tido falar com a Mamã. Tinha sido sempre igual, mas agora parecia, por fim, compreendê-lo. Ia-se embora pela porta grande tendo satisfeito a expectativa de filha nobre, mas deixando-lhe a ela o problema.

María Fernanda estava mais gorda, mais feia também. O cansaço coloria-lhe muito depressa as pálpebras e dava-lhe à pele dos pómulos um brilho lânguido, inconsistente. Ela

¹⁷⁸ “antes que en sus palabras”, a conjunção adversativa “antes” denota uma ideia de contrariedade e preferência de uma coisa em relação a outra (DRAE). A locução conjuntiva “mais do que” foi a opção que se considerou mais apropriada para a tradução em causa.

¹⁷⁹ “Está claro que yo no soy tú”, se se traduzir esta expressão palavra por palavra para português fica-se com a sensação que se perdeu conteúdo. A introdução da conjunção “como” recupera a ideia do original para a tradução.

¹⁸⁰ “algo de su hermana”, neste caso “algo” é um advérbio que significa “um pouco” (DRAE). Neste contexto e do ponto de vista lexical, é mais correto dizer “uma parte de”.

contemplou naquele momento a fealdade da sua irmã como um triunfo quase maior que o do seu arrependimento. O ato do perdão (não teria importado sequer que María Fernanda tivesse reconhecido o seu erro chorando) não acrescentava nada na realidade. O que parecia realmente significativo não era o discurso melodramático da Mamã, galdosiano¹⁸¹ e absurdamente bem pronunciado, sobre a filha honesta e a insincera, e a morte e o que ela tinha lutado toda a sua vida para obter isto em troca, mas sim que María Fernanda estava real e objetivamente, naquele preciso momento, mais feia que ela. O perdão, se é que o silêncio foi um perdão afinal, era fugir de outra verdade; a de que o ato verdadeiramente salvífico não era outorgar o perdão, mas sim pedi-lo. Aquela complacência, que pensada mais tarde lhe produziu um estranho sentimento de medo, parecia queixar-se de algo da situação; teria preferido quase ser ela a pedir perdão a María Fernanda naquela circunstância, porque dessa forma o triunfo teria tido o estrondo do perfeitamente absoluto. E no entanto era verdade que a Mamã estava a morrer, como era verdade que Antonio não perdoaria a Mamã, ou que a Mamã não perdoaria Antonio, e que os dois poderiam argumentar perfeitamente os seus rancores, descrevê-los no tempo, atribuir-lhes datas e factos que os justificassem sem ter, por isso, razão.

María Fernanda foi-se embora vencida às 9,35, em cima da hora¹⁸² para o último comboio como se esgotar o tempo fosse outra forma de pedir perdão¹⁸³. A Mamã, quando ficaram sozinhas, olhou-a como a um amigo cuja falsidade ficou a descoberto.

¹⁸¹ A palavra “galdosiano” é uma palavra cultural que se refere ao estilo do romancista e novelista Espanhol Benito Pérez Galdós. Galdós foi o fundador do realismo em Espanha com a obra *La fontana de oro* (1870). As obras deste autor refletiram de maneira muito fiel e minuciosa a realidade social e política da sua época (tensões e conflitos do séc. XIX) com conteúdos idealistas, individualistas, dramáticos <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3355329>. Segundo Newmark (2010: 118) “se transfieren las palabras culturales para dar a la obra colorido local, para atraer al lector, para causar una sensación de intimidad entre el texto y el lector...”.

¹⁸² “con la hora justa”, em espanhol significa que se chegou a algum sítio “em cima da hora”. Esta é uma expressão do espanhol coloquial, que se traduziu pelo sentido.

¹⁸³ Esta oração é um exemplo do estilo literário do autor em que predominam as frases longas e sem pontuação. Como na tradução esta ausência de pontuação não afeta o efeito pretendido pelo autor, optou-se por manter este estilo.

Manuel não se afastava. Se o fazia em alguns momentos era apenas inconscientemente ao falar talvez do crédito que tinham contraído e que, no prazo que tinham escolhido, demorariam três anos a liquidar. Ouvi-lo, no entanto, falar de dinheiro com aquela seriedade tão pouco habitual nele produzia-lhe uma curiosa familiaridade na lembrança da adolescência, as refeições nas quais Joaquín informava lenta e meticulosamente da fábrica com a precisão com que um labrego conta cem vezes o seu monte de moedas. Pensou que talvez por isso teve durante toda a noite a sensação de estar a compreender algo, de ter perdido demasiado tempo numa pista absurda passando ao mesmo tempo sem o suspeitar continuamente junto à verdade. A verdade era de repente, outra vez, a fábrica, mas agora como um ser vivo, como mais outro membro da família, o preferido talvez, cuja vida ou morte ou memória não fosse para a Mamã diferente da de um ser humano. A fábrica era como um rio de trinta anos na sua própria vida que tinha determinado a alegria ou a tristeza da Mamã e que nem sequer agora, que já não existia, tinha deixado de alguma forma de a determinar. Toda a morte deixava na memória entre os objetos que a sua proximidade acariciou um ou dois cuja própria presença se tornava de repente simbólica, como se a morte esvaziasse no seu último ato o que o rodeava enchendo-o dela, dando-lhe outro significado. Algo parecido devia ter acontecido¹⁸⁴ na sensibilidade da Mamã com Joaquín e Antonio depois que ardera a fábrica. Que um deles fosse seu filho deve-lhe ter causado o mesmo incómodo que produz não poder suportar uma pessoa bondosa a quem, para além de com desgosto, acaba por se afastar com desesperação. Não é que considerasse Antonio um fracassado, mas considerava-o responsável pelo seu fracasso e lembrança, e ainda mais, da fábrica. Por isso a Mamã mal queria saber do dinheiro que Antonio conseguia a alugar o solar da Molduras Alonso e contudo tinha-lhe exigido a ela que devolvesse um milhão que pertencia à lembrança da opulência. Não era, na realidade, apenas dinheiro o que

¹⁸⁴ “Algo parecido había debido de ocurrir”, segundo o DRAE “ocurrir” pode traduzir-se por “acontecer ou suceder”. Relativamente à conjugação verbal, o pretérito mais que perfeito do indicativo “había debido” + infinitivo “ocorrer” é alterado para o pretérito imperfeito do indicativo “devia” + verbo principal no particípio passado “acontecer” auxiliado pelo verbo “ter” no infinitivo. Este tempo verbal usa-se quando o locutor enuncia os factos ocorridos e se transporta mentalmente para o momento da ocorrência https://pt.wiktionary.org/wiki/pret%C3%A9rito_imperfeito

a Mamã queria, mas sim um dinheiro que lhe recordasse o antigo escritório da fábrica, a mesa descomunal com o jogo elegante de escritório para abrir a correspondência, queria que lhe devolvessem a sua despreocupação económica e que escondessem os restos do seu fracasso o mais dignamente possível. Por isso eram mais Mamã que a própria Mamã as cortinas do quarto do hospital, o cadeirão elegante para as visitas¹⁸⁵, a rosa aberta na floreira, formosa e anónima ao mesmo tempo, como a elegância de um hotel de luxo.

O mundo era apenas cheiro pela manhã no quarto do hospital e a Mamã isto: uma criatura que voltava a ser ela mesma durante as primeiras horas e mais tarde, ao passar a sonolência do nolotil, começou a articular uma queixa aguda como a de um animal cujo som foi incrementando até algo que parecia um grito sem o ser inteiramente e que, ao secar-lhe tão depressa a língua, não lhe permitia falar. A ela dava-lhe a sensação de que a Mamã, depois de que abalara María Fernanda ontem pela tarde, tinha atravessado uma parede finíssima, um limite sem possível volta atrás. Durante uns minutos teve quase a certeza que ia morrer. Foi durante um aparente descanso, depois de um daqueles queixumes prolongados e monocórdicos que terminou, em vez de em descanso, numa tensa contenção da respiração. Teve medo. Ela, que não tinha tido medo até então, que não poderia ter dito com verdade que nenhum dos seus sentimentos se parecera ao do medo, sentiu-se de repente a resvalar e cair num abismo enorme nos olhos abertos da Mamã. Apenas nos seus olhos. O resto do corpo permanecia endurecido¹⁸⁶ pela dor, preso ainda, mais do que nunca, àquela aparência de fingimento que tinha a dor na Mamã, a queixa na Mamã, o amor na Mamã, a preocupação, tudo fingido menos os seus olhos abertos, ásperos como nós, pedindo talvez clemência. Gritou a palavra «Doutor». Recordava ter gritado a palavra «Doutor» várias vezes em voz muito alta, e também a palavra «Mamã», e a palavra «Doutor» de novo. Recordava ter gritado talvez não para que salvassem a Mamã, mas sim para que a salvassem

¹⁸⁵ “para el invitado” é outro exemplo que evidencia a diferença cultural das duas línguas. Na LT, o termo “convidado” usa-se em contextos festivos. Num ambiente hospitalar é mais adequado utilizar-se o termo “visita”, pelo que se fez a respetiva substituição.

¹⁸⁶ O adjetivo “agarrotado” no DRAE significa “teso ou rígido”. Em português, procurou-se um termo equivalente que representasse fielmente o original e a resposta foi o adjetivo “endurecido” que significa “algo que se tornou duro” (DHLP).

a ela da Mamã, para que outra presença alheia a resgatasse daquele absurdo tão verdadeiro, tão brutalmente real da morte aparecendo diante dela. O médico apareceu a correr e empurrou-a com uma pancada seca. A enfermeira também. Ela olhava os joelhos da Mamã, quase invisíveis debaixo dos lençóis.

Pensou depois, nas horas que sucederam aquilo, que pior inclusivamente que aquela aparição ruidosa, quase teatral da morte, era então esse silêncio no qual já nem sequer importava perdoar ou não a Mamã. A vida, que parecia imensa, era de repente minúscula e insignificante, não merecia quase ser contada. Embora em todo o caso¹⁸⁷, mais do que a vida, o que não merecia ser contado fosse a morte, pela forma como a morte fazia duas pessoas tão diferentes como a mãe de Manuel e a Mamã adotar as mesmas atitudes, os mesmos gestos. Se numa tinham sido entranháveis e noutra pareciam grotescos não era, afinal, pelos gestos em si mesmos, mas sim pela forma em que ela, como espectadora, os tinha interpretado, notava-o agora ao comprovar que lhe repugnava na Mamã o que na outra a tinha enternecido. Não, não lhe restava já mais ódio («Podemos administrar-lhe morfina», tinha dito o médico), mas sim algo mais difícil de interpretar que o ódio: María Fernanda, talvez, com vinte e dois anos enfrentando a Mamã, dizendo-lhe que ia trabalhar para Valência, viver para Valência, «Sozinha», disse a Mamã, e ela: «Não, com o Pedro», quando Pedro era um simples estudante recém-licenciado em Medicina, «Não vás», disse a Mamã, e ela: «Sim, amanhã», «Por cima do meu cadáver», «Por cima do teu cadáver», que foi, na realidade, o que a deixou depois orgulhosa dela, aquela resolução inamovível que recebia depois nas cartas contando o feliz que era com um certo tom de condescendência com a irmã sonsa, o irmão inútil, a Mamã dizendo «Adivinho de onde tirou essa coragem, do vosso pai não, isso de certeza» («O ataque desta manhã afetou boa parte do sistema nervoso», tinha dito o médico), e ficava na sala de jantar¹⁸⁸, com uma vaga resistência em ir-se embora, o

¹⁸⁷ “Aunque acaso”, a conjunção “aunque” significa “embora” e o advérbio “acaso” significa “em todo o caso” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010), assim, conjugaram-se os dois significados na expressão “Embora em todo o caso”.

¹⁸⁸ “comedor”, neste caso refere-se à sala de jantar porque a ação que o autor descreve passa-se num local privado e familiar (a casa da Mamã).

cheiro masculinizado da colónia de Joaquín, o seu cabelo alisado para trás¹⁸⁹ e o seu caminhar provinciano, delatado mais ainda pelo bom gosto com que a Mamã lhe escolhia os fatos. Não, já nem sequer importava perdoar a Mamã, e se telefonou a Antonio foi porque se supunha que era o que devia fazer depois do que tinha sucedido naquela manhã, contar-lhe que a Mamã tinha pedido que chamassem um sacerdote, Mamã, um sacerdote («A morfina aliviar-lhe-ia quase toda a dor, mas é possível que caia num estado profundo de sonolência, ou que delire», tinha dito o médico), que se decidissem aliviá-la com morfina talvez devesse¹⁹⁰ ir vê-la primeiro, o padre iria naquela mesma tarde, talvez houvesse que dizer a María Fernanda que voltasse outra vez.

O sacerdote é jovem e bonito. De uma formosura quase obscena, quase mórbida. Chegou tarde mas aproxima-se da Mamã com uma expressividade que demonstra a sua falta de recursos e que, ao mesmo tempo, o salva aos olhos dela. Cada segundo que chega é antigo, cada sentimento vivido. Pergunta ao médico o seu nome e ele responde, antes de se ir embora, que é María Antonia.

«María Antonia Alonso», disse a Mamã.

«María Antonia, está disposta a confessar-se?», pergunta o sacerdote.

«Não tenho nada do que me confessar, chamei-o para que me abençoe.»

¹⁸⁹ “su pelo repeinado hacia atrás...”, neste exemplo temos o caso de uma das dificuldades típicas do tradutor: uma palavra aparentemente intraduzível, ou seja, não se encontrou tradução na LT para a palavra “repeinado”. Optou-se por traduzir colocando a forma como o cabelo estava penteado: “alisado para trás”.

¹⁹⁰ Substituição do tempo verbal “debería” por “devesse”. Em português o uso do condicional a seguir ao advérbio “talvez” não se utiliza. Este advérbio só admite verbos no modo conjuntivo e neste caso o pretérito imperfeito é o correto porque é o que indica uma possibilidade, tal como o advérbio que o antecede.

«Todos temos algo do que nos confessar- disse o jovem sacerdote, conseguindo que a sua perplexidade não se notasse¹⁹¹ demasiado-. O justo peca sete vezes ao dia, disse o Senhor.»

«Não me interessa o que faça o justo – responde a Mamã -, como dizia esse: lutei o bom combate e agora exijo a minha coroa.»

«O texto de São Paulo¹⁹² não é exatamente assim, diz lutei o bom combate, guardei a fé, e agora espero a coroa da justiça que me estava reservada.»

A precisão do jovem sacerdote irrita ligeiramente a Mamã, que não pôde evitar revolver-se na cama com desesperação.

«Isso, quero a minha coroa.»

«Espero, diz São Paulo.»

«É o mesmo.»

Faz-se um silêncio breve no qual a vida se torna de repente mais cruel que absurda e no qual a Mamã se converte de novo na María Antonia Alonso voltando da fábrica, gritando ao telefone com Joaquín para que revissem¹⁹³ as molduras até que as tivessem polido corretamente.

¹⁹¹ “consiguiendo que su perplejidad no se note demasiado”, na LO o verbo “notar” está no presente do subjuntivo, contudo na gramática da LT, uma vez que o contexto é passado e o verbo principal “disse” também está no passado, utiliza-se o pretérito imperfeito do conjuntivo (*Gramática de Português* de Vasco Moreira e Hilário Pimenta, Porto Editora, 2008).

¹⁹² “San Pablo” é o nome de um Santo. Newmark (2010: 118) defende que se devem transferir os nomes próprios, exceto o do Papa e membros das famílias reais. Apesar do autor não fazer referência direta à categoria dos Santos, entendeu-se incluir estes na exceção das não-transferências, à semelhança do Papa, até porque estes já têm traduções reconhecidas no português.

¹⁹³ Introdução da preposição “para” e alteração do tempo verbal do verbo “rever” para o pretérito imperfeito do conjuntivo por se tratar de uma ordem ou um pedido.

«Não tenho nada do que me arrepender – diz a Mamã outra vez-, peço o que é meu, nada mais do que o que é meu, isso é o que peço- e depois, olhando para ela como a uma traidora inexcusável-, e amor, peço também amor.»

O sacerdote notou a sua repulsão a essas últimas palavras porque a olhou mais que o necessário. Agora sente de novo o peso da Mamã, a artificialidade com que se benze, pensa: «Não me amaste, arrepende-te.» O sacerdote põe um corporal sobre a cama, junto à Mamã, e uma hóstia consagrada a qual trata com frágil, quase ridícula, doçura. Depois abre o seu missal e recita:

«Recomendo-te, querida irmã María Antonia, a Deus omnipotente, entrego-te ao mesmo que te criou para que voltes para o teu Deus, que te formou do barro da terra.»

A Mamã olha-a e retira o seu olhar em apenas um segundo, com o desagrado com que se contempla um leproso. Agora fechou os olhos. Agora é como se não tivesse mãos, nem pés, como se aquele fingimento de religiosidade fosse o máximo responsável do seu ateísmo, do de María Fernanda e Antonio. Pensa que um só movimento de sinceridade àquelas palavras salvaria de repente a Mamã, purificá-la-ia de uma só vez¹⁹⁴ e ela seria capaz de perdoá-la.

«Quando a tua alma se separe do corpo saiam-lhe ao encontro as esplêndidas hierarquias dos anjos, saia a receber-te o triunfante exército dos generosos mártires; ponha-se em torno de ti a florida multidão dos confessores, receba-te o jubiloso coro das virgens; e no seio do feliz descanso te abracem estreitamente os patriarcas.»

Mas a luz nos olhos fechados da Mamã permanece obsessiva, acusadora, e ela pensa de repente que a sua vida não é esta contemplação do sorriso com que uma moribunda escuta um tributo que crê merecer. Agora ama-a como se ama uma menina imbecil e egoísta que, ainda assim, teve um castigo superior ao que merece.

«Nada experimentes de quanto horrorize nas trevas, de quanto ranja nas chamas, nem de quanto aflija nos tormentos. Renda-se o ferocíssimo Satanás com os seus ministros à tua

¹⁹⁴ “...de un solo golpe...”, a locução adverbial “de golpe” significa “de uma só vez” (DRAE), pelo que se traduziu por essa expressão.

chegada ao juízo vendo-te acompanhada pelos anjos, estremeça-se e fuja do horrível caos da noite eterna.»

«Ámen», diz a Mamã, e entra absurdamente, parando-se no umbral como que diante de uma imagem estranha, Antonio. O sacerdote detém-se marcando com o dedo a linha do seu missal e olha-o. Talvez Antonio pense¹⁹⁵: «Não me amaste, arrepende-te.» Soa a vida, de forma ainda mais ridícula atrás da janela do hospital, à maneira de uma buzina de um autocarro.

«Leve-te Jesus Cristo, filho de Deus vivo, aos pomares sempre amenos do paraíso; reconheça-te entre as suas ovelhas como verdadeiro pastor. Vejas cara a cara o teu redentor e estando sempre na sua presença olhes com olhos ditosos a verdade manifesta. Gozes da doçura da contemplação divina pelos séculos dos séculos.»

«Ámen», diz a Mamã.

«O corpo de Cristo.»

«Ámen.»

A forma branca, redonda e simples desfaz-se agora na boca da Mamã.

«Vos suplicamos, Senhor, que esqueceis os delitos da sua juventude e os seus pecados de ignorância e que por vossa grande misericórdia vos lembreis dela na vossa glória.»

«A que propósito vem isto – diz Antonio -, a quem quer enganar.»

«Está a morrer – responde ela -, está a morrer de verdade, Antonio.»

No silêncio com que se despede o padre fica a Mamã com os olhos fechados, como uma suja divindade.

Joaquín foi essa noite a sua casa absurdamente, tocou ao interfone e perguntou por ela, que estava já em pijama e que teve de voltar a vestir-se para descer à rua. Manuel

¹⁹⁵ Substituição do verbo no modo indicativo “Quizá piensa Antonio:” para o conjuntivo “Talvez Antonio pense:”, porque se trata de uma hipótese e em português nessas situações utiliza-se sempre o modo conjuntivo.

surpreendeu-se inclusivamente mais que ela mesma, que reconheceu que alguma parte profunda, semi-inconsciente, estava à espera dessa visita há muitas semanas¹⁹⁶. O tempo tinha sido desnecessariamente cruel no rosto de Joaquín, ou pelo menos isso foi o que lhe pareceu quando o viu à espera no portal, fumando a mesma marca de cigarros, adotando o mesmo gesto que adotava quando¹⁹⁷ a Mamã o chamava ao seu escritório nos tempos em que ainda existia a fábrica. Tal como se imaginava¹⁹⁸ um homem mais velho quando o descreviam como cansado; as mãos e os olhos cansados, as calças demasiado caídas, ou demasiado subidas, a camisa delatando a idade em forma de mancha de café nos punhos, Joaquín tinha adquirido aquele desvalimento simples de uma velhice que ainda pôde encarregar-se de si mesma. Ela propôs irem a algum bar, mas ele respondeu que preferia sentar-se por ali, em qualquer banco da rua.

Durante os primeiros minutos invadiu-a uma sensação de estranheza própria de quem visita, depois de muitos anos de ausência, uma casa que pertenceu à infância; tudo lhe parecia mais pequeno, mais acolhedor; e aquele homem, por quem nunca tinha sentido um afeto especial, comoveu-a de alguma forma na sua velhice, como se também Joaquín tivesse sido afinal pouco menos que outra vítima da Mamã.

«Como está a tua mãe?»

¹⁹⁶ “...desde hacía semanas.”, a preposição “desde” denota, em tempo, “o ponto a que procede o que se está a contar” e o verbo “hacer” no pretérito imperfeito do indicativo indica “ter decorrido certo tempo” (DRAE). Em português basta colocar o verbo “haver” no presente do indicativo para obter o mesmo significado.

¹⁹⁷ “adoptando el mismo gesto que quando...”, por uma questão de coerência lexical é imprescindível a repetição do verbo no pretérito imperfeito do indicativo “adotava”.

¹⁹⁸ “Igual que una imaginaba...”, a conjunção “igual que” tem tradução direta à conjunção portuguesa “tal como” (*Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto Editora, 2010); o pronome indeterminado “una” usa-se no espanhol para mencionar a pessoa que fala ou outra indeterminada (DRAE) que em português equivale ao pronome “se”.

«Está a morrer, Joaquín, está a morrer¹⁹⁹.» Disse aquelas palavras sem pena, sabendo que Luisa estava com ela no hospital e que talvez estivesse a morrer naquele mesmo instante, mas Joaquín recebeu-as, ainda que no fundo já as soubesse, como uma notícia repentina agachando a cabeça.

«Não sei se deveria ir vê-la», disse.

«Creio que não o merece, Joaquín.»

Sabia-o; aquele era o pior, o último castigo ao qual podia submeter a sua mãe, e no entanto a cena do sacerdote naquela tarde, a sensação de ter dado uma última oportunidade à Mamã de ser sincera ter-se sentido defraudada davam-lhe agora a força suficiente para não ter misericórdia.

«Eu também não me comportei muito bem com ela.»

«Ninguém, na opinião da minha mãe, se comportou bem com ela.»

«Não é isso..., é que realmente não me comportei bem com ela.»

De repente teve quase desejo de consolá-lo, de pegar-lhe na mão. Joaquín tinha-se posto repentina e solenemente sério, tinha deixado inclusivamente de olhá-la.

«Vejamos²⁰⁰. O que fizeste de tão terrível, pode-se saber?»

«Queimei a fábrica.»

«O quê?»

«Eu queimei a fábrica.»

¹⁹⁹ “Se muere, Joaquín, se está muriendo.” O verbo “morir” está na forma pronominal reflexiva, forma esta, que em português não se usa para o referido verbo. A forma correta de o conjugar é “Está a morrer, Joaquín, está a morrer.”

²⁰⁰ “A ver” é uma expressão coloquial característica do espanhol e têm o mesmo sentido da expressão portuguesa “vejamos”.

Joaquín tinha-o dito sem pressa, lentamente, como um longo remorso assumido, e ela, que tinha estado prestes a consolá-lo, sentiu-se atraçoada, e voltou a olhá-lo talvez com a desconfiança de então, como a um labrego mal-agradecido. Mas não era apenas o rancor. A primeira surpresa deu lugar a uma sensação estranha de agradável humanidade; Joaquín era o primeiro naquela semana que se reconhecia culpado de algo, e aquele sentimento de culpa não só o salvava a ele como também, e curiosamente, à própria Mamã.

«Mas porque o fizeste?»

«Agora já não sei – respondeu-, sei que o fiz, e sei que naquele momento parecia a única coisa que podia fazer²⁰¹.»

Joaquín falava do seu medo com a condescendência com que um velho fala de uma paixão juvenil; envergonhando-se um pouco, mas também perfeitamente consciente do peso que teve na sua vida quando a viveu. Uma parte dela tinha perdoado imediatamente Joaquín, perdoava-o agora, quando o tentava explicar um pouco melhor, descrevendo os dias que precederam ao incêndio, descrevendo o medo e o remorso dos anos que lhe sucederam como se descreve uma vida alheia e ridícula que é, no entanto, compreensível, outra parte desprezava-o por fazê-la culpada da infelicidade da Mamã, do Antonio sobretudo, sentia quase desejo de o esbofetear ali mesmo.

«Mas medo porquê?»

«Cinco meses antes do incêndio eu tinha pedido à tua mãe que se casasse comigo. Não te surpresas. Passávamos o dia todo juntos, e isso foi durante muito tempo. Na realidade já não sei sequer se era sincero o meu desejo de casar²⁰², apenas sabia que queria estar com ela, pertencer-lhe.»

²⁰¹ “...en aquel momento parecia lo único que podía hacer.”, na construção do espanhol, e mais especificamente neste caso, o adjetivo “único” não necessita de substantivo para ter expressividade. Tal não sucede no caso português, onde o adjetivo se relaciona quase sempre a um nome. Atendendo ao sentido da frase, fez-se concordância em género entre o adjetivo e o substantivo e traduziu-se por “a única coisa”.

²⁰² “casarme”, na tradução eliminou-se o pronome reflexivo “me”, que gramaticalmente neste contexto não se realiza pois já estava explícito na oração pelo pronome “meu”, antes do substantivo “desejo” e que se refere à primeira pessoa do singular.

«E o que te respondeu?»

«Disse-me que necessitava de um gerente, não de um marido.»

«Mamã», sussurrou ela, e de repente foi absurdo sussurrar «Mamã».

«Eu queria ser dela, suponho, como eram dela a fábrica, ou como vocês eram dela; pensei muito nisso depois²⁰³, pensei muito nisso porque se me tivessem perguntado porque queimava a fábrica quando o estava a fazer não teria sabido o que responder. Nos²⁰⁴ meses que passaram depois de que lhe pedira que casasse comigo, aquele sentimento tornou-se insuportável, dava-me a sensação de que me tinham deixado despido, e ela tratava-me igual, íamos comer e resolver os papéis dos empreiteiros como sempre, mas eu já não podia suportar pertencer-lhe, asfixiava-me. O teu irmão naquele tempo²⁰⁵ começou a gerir muitas coisas também, fazia-o muito mal, suponho que era porque tinha que sobrepor-se a ser o filho de quem era.»

Joaquín falava devagar, tranquilo, como se nem sequer aquelas palavras fossem uma confissão. Ela sentiu que se lhe acelerava o pulso, que entendia, e que aquele entendimento a salvava.

«O que mais, Joaquín.»

«Uma daquelas noites viajámos para Sória para arranjar umas máquinas e hospedámo-nos num hotel. Pus-me como um louco. Disse-lhe que a amava. Tentei entrar no seu quarto. No dia seguinte ela não quis falar do assunto. Eu não sei já se a amava ou não, suponho que não.»

«Não a amavas», disse ela, arrependendo-se.

²⁰³ “lo he pensado mucho después”, na tradução acrescentou-se a contração da preposição “em” com o pronome “isso”, antes do advérbio “depois”.

²⁰⁴ No léxico da LT faz mais sentido colocar a contração da preposição “nos” em vez do artigo definido “os”.

²⁰⁵ “por aquel entonces” é uma expressão espanhola que em português significa “naquele tempo”.

«Suponho.»

De repente fez frio na rua e a escuridão fez-se um pouco mais densa, como se tivessem coberto a noite de pedras da calçada²⁰⁶.

«Lembras-te de quando eu era criança, o que eu gostava de meter as mãos nos montões de serradura?»

«Sim, lembro – respondeu Joaquín, algo confuso pela mudança tão repentina do tema -, gostavas muito.»

Houve um longo silêncio lento e absurdo. Deixar que Joaquín falasse com a Mamã não solucionaria as coisas. Deixar que Antonio (não poderia fazer outra coisa) o levasse a julgamento também não solucionaria as coisas. Cada pecado levava de alguma forma, no seu mesmo ato, a sua penitência; a de Joaquín tinha durado quase dez anos, trazia-a agora e punha-a na frente, salvando-a também a ela ao dar-lhe a oportunidade de redimir não a sua dor dessa noite, mas sim o seu medo de então.

«Lembras-te de quando íamos a Cádiz no verão? Lembras-te daquela casa que alugávamos sempre?»

«Claro», disse Joaquín.

Afastava-se. Afastava-se agora da estupidez momentânea daquele homem velho como da sua própria dor, olhava-o com o desagrado compreensível do erotismo ou a debilidade alheia, e ao mesmo tempo sentia a possibilidade de o perdoar como uma grandeza não correspondida que alguém lhe estava a dar de bandeja²⁰⁷.

«Irei amanhã – disse Joaquín -, amanhã contar-lhe-ei tudo.»

«Não.»

²⁰⁶ “Adoquines” são as pedras similares às da calçada portuguesa.

²⁰⁷ “Poner en bandeja” é mais uma expressão idiomática espanhola que apesar de não se ter encontrado a sua tradução no *Diccionario de Expresiones Idiomáticas* (Mérida, 2003) de Ana Belén García Benito, sabe-se por conhecimento da língua que significa “facilidade em obter algo” e que tem como equivalente a expressão portuguesa “Dar algo de bandeja”.

«Porque não?»

Não soube o que responder, e não o fez imediatamente. A rua estava como se a tivessem disposto para uma aparição.

«Não irás porque eu perdoo-te.»

«É a tua mãe quem tem que me perdoar.»

«Não estás a entender²⁰⁸; eu perdoo-te em nome da minha mãe. Isto fica entre nós. Dorme bem, Joaquín», disse levantando-se do banco.

«Obrigada.»

Quando entrou no portal e se voltou, comprovou que ainda ali estava, sentado no banco, como um culpado que não acredita que tenham desdenhado em condená-lo.

Já não era o rancor²⁰⁹, nem o ódio, nem a rebeldia, nem Joaquín, nem a fábrica da Molduras Alonso, nem a preferência por María Fernanda, mas sim somente uma mulher que morria, e que morria, além do mais, lentamente, («Não há razão para alarme²¹⁰; esta primeira reação é apenas efeito da morfina», tinha dito o médico), pensou numa menina, pensou que era de repente como uma menina, e aquele pensamento fê-la sorrir, Antonio tinha descido à cafetaria do hospital para beber um whisky, pensou que se lhe tirassem os lençóis e a roupa à Mamã, de repente pareceria uma menina, e empestava agora a suor, a velha, mas continuava

²⁰⁸ “No lo entiendes”, neste caso a opção mais correta foi introduzir o verbo “estar” e colocar o verbo “entender” no infinitivo. Uma vez que esta expressão antecede uma explicação, esta é a forma mais aproximada do original para introduzir a explicação que se vai dar a seguir.

²⁰⁹ “Ya no el rencor, ni el odio...”, por uma questão de coerência do português houve necessidade de introduzir o verbo “ser”.

²¹⁰ “No hay que alarmarse”, neste exemplo, introduziu-se o substantivo seguido da preposição “para” formando-se assim a locução “razão para”. De seguida transformou-se o verbo “alarmarse” no substantivo “alarme”. Desta forma, obteve-se uma tradução com sentido igual, mas estruturas diferentes.

a parecer uma menina; sentou-se na borda da cama para se submergir melhor naquele sentimento que, de súbito perdoava de repente a Mamã ²¹¹ sem que quase a sua vontade atuasse, como num ato de perfeita compaixão, naquela felicidade acompanhada pelas palavras da Mamã, agora sem sentido, «Tenho sede, dá-me água», olhando-se as duas como se mal bastasse, finalmente, aquilo para se compreenderem. Tinha pensado outra vez em Joaquín, várias vezes tinha pensado em Joaquín durante aquela tarde. Tinha imaginado o seu medo ao entrar na fábrica, ao queimá-la, o seu remorso depois, quando a Mamã já não quis saber dele e o abandonou como a um cão de guarda²¹² que é já inútil. Se não lho disse foi apenas porque não queria que a aparição da verdade lhe roubasse aquela mulher que de repente a Mamã começava a ser, talvez inconscientemente, «Está tanto frio aqui», mas com uma simplicidade que a fazia desejar lavá-la, penteá-la, mudar-lhe a roupa apenas porque não parecia a Mamã, apenas porque agora o gesto da sua representação se tornava próximo e amável. Teve uma agradável, quase cálida, vontade de chorar²¹³ junto a ela, de pegar-lhe na mão, («Perderá, provavelmente, a maioria das sensações tácteis», tinha dito o médico), e quando o fez, María Fernanda já devia estar a caminho, sentiu definitivamente a proximidade da morte como o vento na cara uma patinadora sobre o gelo, sentiu que chegava a morte à Mamã, «Está tanto frio, fecha a janela, María Fernanda».

²¹¹ A locução adverbial “de repente” em espanhol significa “subitamente; sem preparação” (DRAE), a tradução que se encontrou mais próxima do original foi “de súbito”, que significa “repentino; inesperado” (DHLP). Logo a seguir, no original, outra locução que quer dizer exatamente a mesma coisa da anterior: “de pronto”, na tradução optou-se por colocar também uma expressão sinónima: “de repente”.

²¹² “Perro guardián” é um cão que é treinado para atacar intrusos (DRAE). Em português a este tipo de cão chama-se “cão de guarda”.

²¹³ “Tuvo unas agradables, casi cálidas, ganas de llorar”, neste caso, recorrendo à *transposição*, procedimento preconizado por Newmark (2010: 122), e uma vez que na LT o substantivo “vontade” usa-se no singular, colocou-se também no singular os adjetivos “agradável” e “cálida”.

Teria podido jurar que nem sequer lhe importou que a confundisse com a sua irmã. Aquilo, mais que realmente uma confusão, parecia a última transformação²¹⁴ na representação da Mamã, uma representação que agora gostava pela primeira vez.

«Já estão fechadas.»

«Não, fecha-as, fecha-as bem.»

E ela levantava-se, caminhava para ali, abria-as e voltava a fechá-las, para que o ruído acompanhasse a sua representação, salvava-se - pensou- de quem tinha sido com aquela irrealidade de gestos absurdos.

«Já está.»

«Continuo a ter frio.»

«Não, já não, vais ver, tapo-te e já vais ver como não tens mais frio.»

«Tu és a única que me ama, María Fernanda.»

«Já sei.»

E ficaram as duas por um momento em silêncio, a Mamã calada, como que reconhecendo-a, e ela com vontade de chorar, como uma condenada à forca à espera que tocasse a campainha, e não tocou, ou pelo menos não como tinha esperado, mas sim em forma de sonho, e de coma, («Podemos mantê-la viva», disse, duas horas mais tarde, o médico), e depois nada, a Mamã a submergir-se num sonho branco e sem imagens no qual talvez ela estivesse, no qual, de certeza, estaria María Fernanda com vinte anos e em²¹⁵ biquíni a tomar banho em Cádiz, a fábrica, Joaquín ou o Papá, ou a sombra de qualquer macho substituível. Parecia que a Mamã morria em dois tempos, e que, menos triste que a primeira morte, era esta outra de olhos fechados, de uma paz que no fundo não lhe correspondia. As mesmas palavras «mantê-la viva» eram como uma reclusão dentro de uma

²¹⁴ O substantivo masculino “quiebro” surge no texto de partida com o sentido de algo que surgiu como uma alteração ou uma mudança. Na tradução e neste contexto, considerou-se o substantivo feminino “transformação”.

²¹⁵ Acrescentou-se a preposição “em” para clarificar que María Fernanda estava a usar um biquíni.

reclusão, e nela a cor branca, e mais ainda para lá do branco a vida tornando-se ridícula, e pequena, e justificada, ao mesmo tempo dura como uma amêndoa mas atravessada agora por um raio finíssimo de compreensão.

«Morreu.»

A palavra²¹⁶ «morreu» mais real que a própria morte da Mamã nos lábios de Antonio, ao telefone a ligar para Manuel, para María Fernanda, a simplicidade absurda de puro fácil da palavra «morreu» para explicar que a Mamã já não existia, que tinha adormecido depois de chamá-la de María Fernanda, de lhe dizer que ela era a única que gostava dela, esperáveis e no entanto absurdas as mãos da Mamã, porque era também verdade que todos os mortos tinham algo em comum.

Lavaram-na e vestiram-na com um cuidado que tinha algo de distante e familiar um vestido azul que reservava para as festas e que guardava, envolvido num saco de lavanderia, numa ponta do armário. Tudo a comovia de repente, tudo, até as fotografias com Joaquín junto à coleção de abanicos na sala de estar da Mamã, até María Fernanda a chegar depois à capela mortuária²¹⁷ com aquela forma ridícula, quase histriónica, de chorar, Antonio e Luisa em silêncio, o abraço de Manuel e a sua vontade de fazer amor com ele quando apareceu no quarto que lhes tinham reservado para a Mamã, absurda, quase ridícula a sua vontade de repente de fazer amor com ele, de irem os dois para casa e fazer amor devagar, a Mamã no ataúde, menos do que nunca ela mesma, como naquela fotografia a branco e preto na qual aparecia junto a Joaquín sem nunca tocar de todo em Joaquín, ou junto ao Papá sem nunca tocar de todo no Papá, ou junto a eles, mas como se os mostrasse, como se os estivesse a ensinar mais que sustendo-os, com o cabelo em canudos que pôs na sala junto à da mãe de Manuel, algo das mil e uma caras ou única da Mamã menos que nunca ela mesma no ataúde.

«Qual foi a última coisa que disse?», perguntou María Fernanda sem vir ao caso, a meio da conversa sobre o arranjo de espaço na campa onde jazia o Papá.

²¹⁶ “Las palabras”, em português esta locução fica no singular para fazer concordância em número com o verbo “morreu” no pretérito perfeito do indicativo.

²¹⁷ “Tanatório”, na LO é o lugar onde se faz o velório (DRAE). No contexto cultural da LT, esses rituais religiosos fazem-se na capela mortuária.

«A última coisa que disse de quê?»

«Ora²¹⁸ a última coisa que disse a Mamã. Ou não disse nada?»

Duvidou um segundo, mas rapidamente a escandalizou a limpeza com que mentiu, ela, que habitualmente se punha tão nervosa:

«Disse, bom, dizia ao princípio que tinha frio, durante muito tempo estive a dizer que tinha frio. Fez-me fechar as janelas, ou melhor²¹⁹, fez-me abrir e fechar as janelas.»

«E de nós? – perguntou Antonio, que não tinha pronunciado uma palavra até então -. Não disse nada de nós pois não²²⁰?»

«Disse que vos amava.»

«Não mintas», respondeu Antonio.

«Disse que vos amava, de verdade, à maneira da Mamã²²¹, claro, como a Mamã dizia as coisas, mas disse que vos amava.»

«Como o disse, vejamos.»

²¹⁸ Neste caso, “pues” é uma interjeição coloquial que confirma um juízo anteriormente formado (DRAE). No texto da LO, esta frase deixa transparecer algum sentimento de impertinência. Como em português a interjeição “Ora” exprime impaciência, ultrapassou-se assim esta dificuldade.

²¹⁹ “más bien” é uma locução adverbial que serve para contrapor duas ideias, reforçando a que se considera mais adequada (DRAE). Na LT, o equivalente mais próximo é a expressão “ou melhor”.

²²⁰ “No dijo nada de nosotros o qué?”, neste caso, a interjeição “qué”, em espanhol, serve para reforçar a negação. A locução “pois não” é a equivalente em português porque reforça a ideia anterior.

²²¹ “como era Mamá”, esta expressão tem o sentido de explicar a forma como a Mamã dizia as coisas. Existe um modo muito próprio e fluido de o fazer “à maneira portuguesa”: utilizando a expressão atrás exemplificada (“à maneira de”).

«Bom, não te está a dizer? O que queres, interrogá-la? – interveio María Fernanda, e ficaram os três em silêncio, à beira daquela mentira que, morta já a Mamã, de repente os reunia inexplicavelmente -. Creio que a Mamã disse isso. Que ia dizer senão isso²²²?»

«A verdade», respondeu Antonio.

«Essa era a verdade», replicou María Fernanda.

«Não, essa era a tua verdade.»

O tom das palavras de Antonio tinha a reprovação simples de um menino bruto, e ela, que nunca tinha tocado em Antonio, que se o beijava nas festas era sempre com a rapidez de quem pretendia desembaraçar de significação um facto incómodo, acariciou-lhe as costas com a palma da mão aberta²²³.

«Disse isso, Antonio.»

A morte só foi real quando Manuel a pronunciou na cama, e no gesto das crianças a morte foi real, e na voz de Joaquín do outro lado do telefone, distante e compreensível agora, e no retrato da Mamã com vinte anos a branco e preto, sorrindo exageradamente, absurda e fora do lugar, junto à mãe de Manuel.

²²² “Qué iba a decir si no?”, nesta frase, na LT é essencial a adição do pronome demonstrativo “isso”, caso contrário perde-se sentido e o conteúdo original.

²²³ “le acarició la espalda com la palma abierta.”, em português há que especificar que se trata da palma da mão para que esta expressão faça sentido.

Considerações Finais

Este trabalho foi um breve estudo de pesquisa, com aplicação prática no campo da tradução literária. Esta dissertação assumiu como objetivo principal a tradução para português do conto *Filiación* do autor contemporâneo espanhol Andrés Barba. Ao mesmo tempo, procurou-se também contribuir de alguma forma para a resolução de dúvidas acerca da tradução lexical e gramatical enquanto se fazia algo de inovador, traduzindo uma obra que ainda não se encontrava traduzida para português.

Dividida em duas partes: uma teórica e uma prática, a parte teórica foi marcada por um longo e cuidado processo de revisão e seleção bibliográfica, onde se elegeram alguns autores que serviram de alicerces à estrutura deste projeto. Embora este estudo tenha sido baseado, grosso modo, em três grandes mestres da tradução (Peter Newmark, García Yebra e Eugene Nida) não se descuraram as ideias e contributos de outros teóricos igualmente importantes, salientando que, no campo da tradução quantas mais leituras se fizerem e mais teóricos se conhecerem, maior será o nível de conhecimento adquirido. A grande diversidade de teóricos a dissertar sobre o tema da tradução dificultou o processo porque obrigou a uma enorme rastreabilidade de informação. Essa seleção, organização e exposição teórica é sempre ingrata porque é impossível colocar tudo o que se pretende. Fica sempre algo por dizer, mas de um modo geral tentou-se elencar as ideias e conceitos mais pertinentes para que a obra não se tornasse demasiado extensa e entediante. A parte prática revelou-se laboriosa pela difícil tarefa de interpretar palavras, determinar contextos, escolher e aplicar métodos e procedimentos de tradução. Esse processo foi constituído por avanços e retrocessos devido à dificuldade em entender algumas palavras e frases porque o significado destas estava determinado por uma colocação pouco frequente ou por uma referência inserida noutra lugar do texto. A proximidade das duas línguas, ao contrário do que se possa pensar, por vezes cria mais incertezas que certezas, pelo que nada se fez de ânimo leve e todas as possibilidades foram equacionadas e muito bem ponderadas. Acima de tudo procurou-se ser o mais fiel possível ao texto original e ao estilo do autor respeitando as estruturas gramaticais e lexicais da língua terminal.

Apesar de todas estas dificuldades, este trabalho revelou-se um excelente exercício prático que permitiu melhorar e aprofundar conhecimentos a nível da língua e da gramática, não só da língua original, como também da língua terminal. A conclusão deste projeto

demonstrou ser uma excelente técnica de aprendizagem e consecutivamente uma mais-valia pessoal, harmonizando três vertentes: trabalho, aquisição de conhecimentos e prazer pessoal.

Outro aspeto que nos levou a avaliar este processo de forma positiva foi ter conseguido vencer obstáculos que no início se consideraram intransponíveis, tais como, uma vida pessoal e profissional que ocupam grande parte do tempo disponível.

Tendo em conta o grau de satisfação pessoal que se atingiu com este projeto, objetivou-se como próxima etapa a tradução integral da obra.

Traduções perfeitas é uma utopia, nem os melhores e mais experientes tradutores as fazem. Terminamos com a perfeita consciência de que muito haverá a melhorar porque esse é o caminho do conhecimento e do progresso. Como diz Newmark (2010: 21-22) “No existe una traducción perfecta, ideal o correcta. Un traductor siempre está ampliando sus conocimientos y mejorando su manera de expresarse; está siempre persiguiendo hechos y palabras”.

Bibliografía

Texto original:

Barba, Andrés, 2002, *La recta intención*, Barcelona, Anagrama.

Obras de apoio:

Anderton, Basil, 1920, *Lure of translation*, in *Sketches from a Library Window*, Cambridge, Heffer, pág. 38-70.

Bassnett, M. S., (2ª ed.) 1991, *Translation studies – new accents*, London, Routledge.

Bassnett, Susan e Trivedi, Harish, 1999, *Post Colonial Translation: Theory and Practice*, London and New York, Routledge.

Bekes, Alejandro, 2010, *Lo Intraducible, Ensayos sobre poesía y traducción*, Valencia, Pre-textos.

Eco, Umberto, 2005, *DIZER QUASE A MESMA COISA Sobre a Tradução*, Algés, Difel.

Fouces, Óscar Díaz, 1999, *Didáctica de la Traducción (Portugués-Español)*, Vigo, Universidad de Vigo.

García, Consuelo Gonzalo, e Yebra, Valentín García, 2005, *Manual de documentación para la traducción literaria*, Madrid, Arco Libros.

Holmes, J. S., 1972, *The name and nature of translation studies*, Amsterdam, Translation Studies Section, Department of General Literary Studies, University of Amsterdam.

Leal, Luís, 1994, *O Labirinto do Texto*, Lisboa, Universitária Editora.

Lefevere, A., 1992a, *Translation/history/culture – a sourcebook*, London, Routledge.

Lefevere, A., 1992b, *Translation, rewriting & manipulation of literary frame*, London, Routledge.

Lima, Conceição, 2010, *Manual de Teoria da tradução*, Lisboa, Edições Colibri.

Maillot, Jean, 1997, *La traducción científica y técnica*, Madrid, Gredos.

- Newmark, Peter, 2010, *Manual de tradução*, 6ª Edição, Madrid, Cátedra.
- Nida, Eugene, 1964, *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*, Leiden, Brill.
- Nida, Eugene, 2012, *Sobre la traducción*, Madrid, Cátedra.
- Palmer, Richard E., 1989, *Hermenêutica*, Lisboa, Edições 70.
- Serrano, Esteban Torre, 1994, *Teoría de la traducción literária*, Madrid, Síntesis.
- Tytler, A. F., 1790, *Essay on the Principles of Translation*, London, Dent.
- Vega, Miguel Ángel, 1994, *Textos clásicos de teoría de la traducción*, Madrid, Cátedra.
- Vilela, Mário, 1994, *Tradução e análise contrastiva: Teoria e aplicação*, Lisboa, Editorial Caminho.
- Yebra, Valentín García, 1994, *Traducción: historia y teoría*, Madrid, Gredos.
- Yebra, Valentín García, 1997, *Teoría y Práctica de la Traducción* (vol. I e II), Madrid, Gredos.

Dicionários e gramáticas:

- Porto Editora, 2010, *Dicionário Escolar Espanhol-Português, Português-Espanhol*, Porto, Porto Editora.
- Moreira, Vasco e Pimenta, Hilário, 2008, *Gramática de Português*, Porto, Porto Editora.
- Benito, Ana Belén García, 2003, *Diccionario de Expresiones idiomáticas (Español – Português)*, Mérida, Junta de Extremadura.
- Houaiss, Instituto Antônio, 2009, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva.

Netgrafia

Dicionário *Real Academia Española* <http://rae.es/recursos/diccionarios/drae>

Dicionário *Priberam* <http://www.priberam.pt/DLPO/>

<http://www.elmundo.es/elmundolibro/2002/09/23/anticuario/1032533642.html> em 14-09-2014

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Voc%C3%AA> em 03-05-2015

<http://www.ruralea.com/tematico.php?ativ=10&local=314> em 31-05-2015

<http://www.filologia.org.br/viisenefil/01.htm> em 31-05-2015

<http://www.amazon.com.br/espa%C3%B1ol-calle-Vocabulario-expresiones-idiom%C3%A1ticas-ebook/dp/B00BL9PVDA> em 21-06-2015

<https://es.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110629202233AAruUHv> em 21-06-2015

<http://www.hispanoteca.eu/Foro-preguntas/ARCHIVO-Foro/Sacar%20a%20alguien%20de%20quicio.htm> em 23-06-2015

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-verbos-ser-e-estar-com-um-adjectivo/29991> em 23-06-2015

<http://www.universopolicial.com/2008/11/uso-da-vrgula-tire-suas-dvidas-aqui.html> em 24-06-2015

<http://www.wordmagicsoft.com/diccionario/es-en/cobrar%20venganza.php> em 26-06-2015

https://pt.wiktionary.org/wiki/pret%C3%A9rito_imperfeito em 26-06-2015

<http://www.bomespanhol.com.br/gramatica/os-diminutivos-e-aumentativos> em 27-06-2015

<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3355329> em 27-06-2015

https://es.wikipedia.org/wiki/Valent%C3%ADn_Garc%C3%ADa_Yebra em 28-06-2015

https://es.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9s_Barba em 19-07-2015

<http://www.elmundo.es/encuentros/invitados/2004/03/1021/> em 19-07-2015

<http://www.clubedoslivros.org/2015/07/na-presenca-de-um-palhaco-de-andres.html> em 20-07-2015

<http://www.wordmagicsoft.com/diccionario/es-en/cobrar%20venganza.php> em 02-09-2015

<http://www.comparatistas.edu.pt/excertos/excertos/a-traducao-da-literatura-espanhola-em-portugal-1940-1990.html> em 03-09-2015

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf> em 14-09-2015

Anexo: Texto Original

FILIACIÓN

De pronto se hizo consciente del silencio de la tarde, de pronto, igual que si lo hubieran desplomado en medio del cuarto de estar, en la foto de Mamá con los tirabuzones y veinte años casi imposibles, en las cosas de ella y de Manuel, en los niños. El retrato lo había dejado Mamá en un ataque de orgullo hacía un mes un poco porque le gustaba aquella foto y más que nada porque la irritaba que no hubiera ninguna imagen suya en el cuarto de estar cuando había una de la madre de Manuel. Allí estaba ahora; elegante, absurda y fuera de lugar, sin hacer conjunto con ninguno de los muebles, golpeando para ser vista, tan Mamá.

Las palabras que acababa de oír en el teléfono, la voz asustada de la sirvienta al otro lado de la línea (sudamericana y quizá exagerada), la habían dejado de aquella forma y un poco culpable de no coger el bolso y salir corriendo hacia el hospital, como había hecho otras veces en situaciones parecidas. La señora, había dicho la sirvienta, como era tan así, tan suya para esas cosas, se había resbalado en la ducha, y aunque ella había oído el golpe y los lamentos desde el principio, hasta que llegó la ambulancia y rompieron la cerradura del baño no la habían podido atender. Ahora estaba en el hospital.

Si tardó un poco más todavía en salir de casa fue porque algo parecía retenerla allí, Mamá misma quizá, mirando desde el anaquel con veinte años en blanco y negro y sonrisa de estudio, ladeada, de póngase usted así, sonría, sólo que en aquella había debido de ser al contrario; Mamá diciendo al fotógrafo exactamente lo que quería y lo que no quería, porque aquella era la fotografía que le dio a Papá al cumplir un año de novios (Papá siempre, aquel recuerdo que no parecía casi un recuerdo de su funeral), los años de posguerra eran, y no había dinero para lujos.

Algo había pasado, sin embargo, esa tarde. Y no es que la preocupara que Mamá hiciera ir a visitarla como la última vez a Manuel y a los niños, y a Antonio y Luisa, e incluso desde Valencia a María Fernanda para nada, para enseñar quizá el moratón enorme y exigir el afecto debido, sino que de pronto tuvo la sensación de que algo había ocurrido con Mamá, algo de las mil caras o única de Mamá puesto otra vez allí, de pronto autoritario y de pronto no, como la fotografía del cuarto de estar enfrente de ella, como una colección de abanicos tras una vitrina.

Dijo su nombre en la entrada del hospital y se sintió culpable cuando la informaron de que la habían atendido de urgencia. Había gente esperando en el ascensor, así que subió corriendo por la escalera.

«¿Cómo estás?», preguntó cuando abrió la puerta y la vio en la cama, junto a un doctor que parecía estar esperando a que le diera un termómetro.

«Hija», contestó ella medio lastimosa, y señaló después al doctor para que respondiera más científicamente.

«Su madre se ha fracturado la cadera por dos partes. La fractura es limpia pero el soldamiento será difícil.»

«Difícil por mi artrosis degenerativa, ¿verdad, doctor?»

«Sí, por la edad.»

Aquella pequeña conversación era exactamente Mamá o,

al menos, una parte enorme de ella. Le habían vestido una fea bata azul celeste sobre el corsé. La semipenumbra de la habitación le acentuaba unas ojeras casi violetas en las que se distinguía alguna pequeña vena, como un extraño musgo que le creciera bajo la piel. Tenía las manos con las palmas abiertas hacia arriba y extendidas, lo que le daba, junto a la palidez, el aspecto del cadáver de un crucificado.

«¿Has llamado ya a María Fernanda para decirle cómo estoy?»

«No, todavía no, ¿te duele?»

«Como si me estuvieran devorando los perros.»

«Bueno.»

«Y a Antonio, llama también a Antonio.»

El doctor se marchó sin ruido, como una aparición blanca, asegurando que volvería después. La ropa de Mamá, una bata con la que la habían debido de medio cubrir para sacarla del baño, estaba en una bolsa de plástico sobre el sillón.

«Hija, no me ocurren más que desgracias», dijo, comenzando a lloriquear.

«Si dejaras que te bañara la chica...»

«La chica es una sinvergüenza, una ladrona. Quiero que la despidas y me busques otra.»

«Siempre estás con lo mismo y al final nadie te ha robado nunca, si lo dices por tu broche verás como aparece en una semana donde menos pensabas.»

«Tiene la habitación hecha una pocilga.»

«¿Y a ti qué más te da cómo esté su habitación mientras la casa esté bien?»

«Y se pasa el día llamando a Venezuela.»

«Pues no la dejes...»

La conversación, más que por la chica, intentó mantenerla para que no volviera sobre sus dolores. Mientras tanto sacó la bata de la bolsa, la bata granate con las iniciales M.A.A. bordadas en amarillo, María Antonia Alonso, doña María

Antonia Alonso, como la llamaban los obreros en los días en los que aún existía «Molduras Alonso», como la llamaba Joaquín, como la tenía incluso que llamar Antonio cuando estaba en la fábrica al empezar a trabajar porque no quería seguir con los estudios.

Ahora aquella bata parecía más Mamá que la misma Mamá, o al menos se lo parecía de una forma más habitual, menos triste. No es que le repugnara la vejez, sino la vejez en ella, y quizá el miedo de que la suya fuese semejante. Sintiendo culpable, pensó que le gustaría morir antes de ser de aquella forma, como Mamá. Cuando salió del hospital para ir a buscar algunas cosas indispensables (cepillo de dientes, pastillas, una toalla en condiciones), respiró con alivio el aire frío de la calle. Tomó un taxi y mientras iba hacia su casa recordó la muerte de la madre de Manuel, hacía ya seis años. La recordó por el hospital; siempre que entraba en un hospital recordaba aquello y que, en la última semana que estuvo en Bilbao, no había querido separarse de la cama, ni dejar de besarla, ni soltarle la mano. No había sido diferente el olor, ni la impersonalidad de la habitación, y sin embargo había hecho aquellas cosas sin esfuerzo alguno, como volcada hacia un acto de perfecta necesidad y justicia.

Esa tarde, por el contrario, antes de salir de la habitación, cuando Mamá le había pedido un beso se lo había dado casi insensible, casi costándole trabajo le había dado un beso a Mamá, y aquello no era justo porque una rotura de cadera a aquella edad sí podía ser definitivamente algo serio. Les llamaría desde casa, eso era lo mejor, y les encontraría sin esfuerzo porque era sábado y tarde; a Antonio le dejaba la semana lo suficientemente cansado como para salir y María Fernanda tenía, por lo que había dicho Mamá, gripe.

Fue más fácil no fingir con Antonio. Aún le duraba la resaca del encontronazo con Mamá la última Navidad y se limitó a preguntar cómo estaba y a pedirle el número de la habitación del hospital.

«¿Irás a verla?»

«Sí, mañana.»

«Está mal», dijo ella, y le hubiese gustado pensar que lo había dicho conscientemente, pero no había sido así. Aquellas palabras, que no habían pretendido más que salvar una despedida que aventuraba ser más difícil que de ordinario, habían abierto otro espacio de posibilidades que le daba miedo calcular. Claro que estaba mal, una persona de la edad de Mamá que se rompía la cadera estaba mal, pero no era eso lo que habían significado aquellas palabras, sino algo parecido a un pacto silencioso entre ellos, las víctimas, al que aquella forma sutilísima de entenderse daba una culpabilidad mayor.

«Iré mañana entonces, sin falta», dijo Antonio, y colgaron.

María Fernanda no cogió el teléfono hasta que hubieron sonado por lo menos siete llamadas, y cuando lo hizo le notó el cansancio de la gripe en la voz.

«Mamá se ha roto la cadera —dijo casi a bocajarro, y antes de que le diera tiempo a preguntar—: ... Se ha caído en la ducha.»

«¿La atendieron rápido?»

«Tardaron porque había cerrado con cerrojo y tuvieron que romper antes la cerradura.»

«La verdad, no sé para qué le pagamos la chica esa a Mamá, se supone que está ahí para ayudarla», dijo María Fernanda, perdido ya el tono débil, con indignación.

«La que no se deja ayudar es Mamá», contestó ella, dándose cuenta de que defendía a la chica casi sin saber qué era lo que había ocurrido.

«Mamá ya no está en disposición ni tiene edad para decir lo que quiere y lo que no quiere, se le dice lo que tiene que hacer y punto.»

«¿Qué quieres? ¿Echarme la culpa a mí, o qué?»

«Lo que quiero es que estés pendiente.»

«Eso es muy fácil decirlo desde Valencia.»

«Mira, no empecemos.» María Fernanda calló un segundo, como si en realidad lo que le hubiese gustado fuese seguir con la misma conversación de siempre, y las dos se percataron de que aun en un momento como aquél no podían evitar dejar a Mamá de lado y pelearse.

Aquella conversación tenía también algo de extraño. Acostumbraba a llamar a María Fernanda desde casa, sentada en el cuarto de estar y con la puerta cerrada, pero ahora el hecho de estar haciéndolo desde casa de Mamá le daba a las palabras un sabor de discusión antigua, de rabias y desesperaciones adolescentes. Frente a ella, en un marco de plata grande, había la ampliación de una imagen que le hubiera gustado destruir: las dos en bañador, María Fernanda en bikini, ella no, reían con veinte años en una playa de Cádiz. Para ser más exactos, María Fernanda reía y ella la miraba con algo que parecía una sonrisa imitativa, su cara de foto —pensó—, la cara que decía Manuel que ponía siempre cuando alguien le apuntaba con una cámara. Aquella fotografía le devolvió, con una intensidad que había creído olvidar, la dependencia que durante todos aquellos años había sentido de María Fernanda. Aun siendo la mayor, un año y medio mayor, María Fernanda era siempre quien acababa explicándole las cosas, la extrovertida, la de las llamadas telefónicas. Fuera de su alcance se había sentido siempre mejor y junto a ella, hasta que conoció a Manuel y se casó dos años más tarde, adquiría sin remedio aquel nosequé idiota, aquella timidez pánfila de la fotografía.

Como en juego, como representando los papeles de una tragicomedia, adoptó casi con naturalidad el papel de hermana responsable aquellos años. Se escandalizó de sus relaciones sexuales con aquel chico de Somontes no porque realmente la escandalizaran (ella misma las había casi tenido con Manuel), sino porque el envés de aquella impostura la obli-

gaba a escandalizarse, a creer incluso ciegamente que era sincero su escándalo. Siempre le había desagradado la contemplación del erotismo ajeno y María Fernanda no fue una excepción. Si alguien tenía la culpa de eso era Mamá, pensó. Demasiado guapa para ser viuda y demasiado atrevida como para sacar adelante una fábrica durante aquellos años en los que la recordaría siempre como la que fue, no Mamá, sino doña María Antonia Alonso. Joaquín, si es que alguna vez llegó a ser del todo necesario, no fue más que un pelele, un muñeco que exigía la respetabilidad y quizá la mejor creación de Mamá. ¿Qué mejor —y suponer esto era suponer una maldad de intención que quizá no tuvo— que tras la muerte de Papá tomar al último palurdo llegado del pueblo y convertirlo en gerente de la fábrica? ¿No era como hacer patente ante quienes supieran mirar que en realidad era ella quien lo continuaba haciendo todo? ¿No era como decir que hasta Papá había sido sustituible? La deferencia que usaba con Joaquín los primeros años tenía algo de imperial y despreciativo, algo como de aquellas mujeres de los emperadores romanos que se desnudaban sin vergüenza delante de los esclavos porque ni siquiera les consideraban hombres, lo mismo que tenía algo de imperial y despreciativo este silencio de pronto de María Fernanda en el teléfono, como si su acto de superioridad intelectual fuese abortar una discusión que no llevaba a ninguna parte.

«Te quedarás con ella esta noche, ¿verdad?»

«Sí», respondió ella, casi dudando.

«No te ibas a quedar», dijo María Fernanda.

«¿Qué?»

«No te lo digo yo y eres capaz de no quedarte con ella.»

«No es verdad, no seas tú la que empiece ahora..., es sólo que no lo necesita tanto como crees, no está tan mal.»

«Se rompe la cadera Mamá y tú dices que no está tan mal. ¿A qué llamas tú estar mal?»

La conversación duró todavía un poco más, y antes de colgar se pidieron perdón por el tono, como siempre se pedían perdón después de discutir, algo que ni añadía ni solucionaba nada, en una especie de acto reflejo de hembras bien enseñadas por Mamá. Aunque estaba nerviosa, no lo estaba lo suficiente como para no reconocer que ninguna de las dos tenía la razón cuando se ponían así, que casi ni siquiera importaba tener la razón. Pero aquella vez, como la última que se vieron en Navidad, la imposibilidad de mantener una conversación normal con su hermana añadía otro peso a su convicción de que iban a ser muy difíciles las semanas siguientes, hasta que dieran de alta a Mamá.

Hablar con Manuel fue como rendirse a un descanso reservado para el final. Le contó el estado de su madre y las conversaciones con sus hermanos como si describir cada detalle fuese la única forma de encontrar consuelo. Él se ofreció a acompañarla durante la noche en el hospital, pero ella le dijo que no, que se quedara con los niños.

«Podemos llamar a una canguro, sabes que no es problema.»

«No, quédate ahí, prefiero que estés tú.»

Era curioso como, habiéndole contado todo a Manuel, no le había contado nada en realidad, lo supo cuando él le preguntó cómo estaba, no su madre, ella, y no supo qué contestar.

«No sé», dijo.

«¿Pero estás nerviosa?», preguntó.

«No sé, no sé cómo estoy.»

«Ven a casa cuando se duerma.»

De vuelta, ya en el hospital, Mamá esperaba inquieta.

«¿Les has llamado?»

«Sí.»

«¿Qué ha dicho Antonio?»

«Que mañana viene.»

«¿Qué tenía que hacer?»

«No sé.»

Hubo un pequeño silencio, como si Mamá quisiera abrir un espacio distinto, rodear de nada lo que iba a decir a continuación.

«Sabes qué día es hoy, ¿verdad?»

«No», contestó ella, pero supo qué día era en el exacto momento de responder «No», y Mamá debió de notarlo en su gesto porque no dio más explicaciones.

«Dios es un buen bromista», dijo muy al final, como si con aquellas palabras quisiera concluir lo que debía ser dicho sobre el asunto y volviendo a ser más que nunca doña María Antonia, aquella criatura a la que los últimos años habían dado un disfraz diferente, engañoso, pero sólo unos segundos, los que tardó en volver a cerrar aquel silencio y empezar con un llanto medio fingido. No era posible llamar casualidad a aquello.

«¿Diez años?»

«Nueve», dijo Mamá, y callaron las dos, como bajo una orden.

Nueve años exactos casi al milímetro, porque ésta era también la hora, de noche, hacía que había ardido la fábrica. Recordaba aquella noche casi completa, pero las escenas, al contrario que otro tipo de memorias, parecían perfectamente inmóviles. Eran, sobre todo, Mamá y Antonio y Joaquín, al volver de contemplar el estado en que había quedado Molduras Alonso, discutiendo en la sala de estar de Mamá. Joaquín diciendo, porque era cosa evidente que no había sido un incendio accidental, que la culpa era de Antonio, del modo en que hacía las gestiones Antonio, amenazando a los deudores, gritando a los empleados, creando enemigos. Ella, que había ido a casa de Mamá sólo por ver si su presencia

ayudaba, se sintió fuera de lugar. No había llorado todavía Mamá, lloraría quizá más tarde, entonces era sólo la perfecta imagen del juez. Antonio, con sus por entonces veintidós años, más que defenderse aportando pruebas en contra de lo que decía Joaquín, no hacía más que descalificarle. Sin dejar de mirarles, pero al mismo tiempo como si no estuviera casi prestándoles atención, Mamá se levantó del asiento, fue hasta Antonio y le dio una sonora bofetada.

«Vete a casa, hijo», le dijo después, sin que se notara una brizna de ira en sus palabras, como si aquella bofetada hubiera sido un perfecto acto de justicia y el hecho de que se fuera a casa el único posible.

Ella pensaría después que siempre era igual con las personas con las que había convivido de forma habitual; parecía que no estaban allí, que eran casi invisibles, hasta que de pronto un acontecimiento aislado les daba peso real, esencia. De esa forma parecía que Antonio no había existido hasta entonces y que la bofetada de Mamá le había conferido una entidad descomunal. Vio su orgullo herido, más que en contra de Mamá en contra del hecho de que Mamá hubiese preferido a Joaquín, vio su desesperación y su miedo a la vez, porque ahora que había ardidado la fábrica no sólo no tenía trabajo, sino que ni siquiera podía contentarse con un título de bachiller que le sirviera para conseguir otras cosas. Todo aquello, más que la imagen de su hermano a punto de llorar en público por primera vez, le daba olor y peso a Antonio, que hasta entonces había sido para ella poco más que Antónito, el pequeño, con quien una diferencia de edad de casi diez años hacía la comunicación prácticamente imposible, reducida a banalidades de monotonía.

Pero la escena no terminó allí. Antonio se marchó despacio, sin ninguna manifestación de rabia pero abriendo, con aquel modo tan inusual en él, la brecha de un rencor que nunca terminaría de curarse y se quedaron en la habita-

ción Mamá, y Joaquín y ella. El silencio, sólo interrumpido por la verborrea de Joaquín alabando su gesto, parecía servirle a Mamá para pensar el próximo movimiento.

«Póngase usted de pie, Joaquín», dijo al final Mamá, creando otro espacio de extrañeza porque se tuteaban.

La bofetada que le dio a Joaquín, de tan inesperada, fue casi ridícula y le hizo reaccionar con un gesto infantil que le obligó a protegerse en vano.

«Es la última vez que habla usted así de mi hijo.»

Joaquín se fue de casa de Mamá convertido otra vez en quien había sido cuando llegó por primera vez a la fábrica, un palurdo que no hubiera tenido dónde caerse muerto si no hubiese sido por ella. El traje gris, la colonia penetrante, el peinado hacia atrás, engominado, le hacían ser entonces y más ridículamente que nunca el que era en realidad, el que quizá nunca había dejado de ser.

A ella le pareció entonces que si Joaquín no se hubiese ido de casa, Mamá nunca se habría percatado de su presencia. Se sentó de nuevo en el sillón y se la quedó mirando inexpresivamente, como si ya no quisiera fingir más. Le dio miedo entonces, un miedo habitual y pretérito, tan habitual que casi no parecía miedo sino algo extraño al ser referido a ella: compasión. Hacía años que se había marchado de casa, estaba casada, tenía un buen trabajo, la respetaban y sin embargo no sabía qué hacer con aquel sentimiento de compasión hacia su propia madre. Lo que cualquier persona habría comprendido como un movimiento natural le parecía a ella extraño e incómodo. En la familia de Manuel no era complicado. Si en la familia de Manuel no era complicado significaba que no tenía por qué serlo necesariamente. La idea de acercarse a ella y abrazarla le pasó por la cabeza aquella noche aguilfísima y dolorosa, como una hoja de cuchilla.

«¿Y tú qué estás haciendo aquí?», preguntó Mamá de pronto.

No habría sabido explicar cuál fue exactamente su reacción a aquellas palabras. Era como si Mamá la hubiese abofeteado también a ella. Primero se sintió ridícula, luego apretó con fuerza las mandíbulas para evitar que se le notara. Cuando salió de casa estuvo a punto de volver a abrir la puerta y gritarle que se alegraba de que hubiera ardido la maldita fábrica. Lloró en el ascensor. No era dolor. No era, tampoco, rabia.

De repente todo es lento y absurdo. La imagen de Mamá en silencio sobre la cama del hospital y la de la fotografía con los tirabuzones en el cuarto de estar se confunden haciéndose una, sin ser, por eso, verdadera. No quiere, en realidad, a María Fernanda. Antonio es poco más que alguien al que compadece por su mala suerte, a quien desprecia sin mala intención y teme, como se teme a un perro de una raza violenta. Ni siquiera Manuel escapa a esta lentitud y se hace, de pronto, grotesco. Sin evolución visible, sin razonamiento lógico, su ternura se convierte en una molestia blanda que la asfixia, igual que la asfixian, a la vez, los niños, no su realidad sino sus imágenes, su concepto, la responsabilidad que comportan.

Recuerda el último encuentro con María Fernanda aquella Navidad en la cocina de casa de Mamá, la eterna falsa alegría que las reúne a las dos en torno a la misma conversación sobre quién ha engordado más, la delectación con que comprobó que ella estaba más delgada, Antonio y Luisa en el cuarto de estar, sin hablarse frente al programa navideño de la televisión, esperando para la cena, y todo, recuerdo y presente, se hacen Mamá. Ahora ya no puede dejar de odiarla. Es como si a esta hora concreta, este día y no cualquier otro en que quizá habría tenido más motivo, odiase sin remedio y sin posibilidad de perdón a Mamá, la hiciese responsable

única de esta lentitud que consigue que todo parezca absurdo, como si ahora se hubiese roto aquella membrana que contenía el rencor y, en vez de haberlo hecho en forma de explosión, estuviera dejando escapar el líquido del desprecio lenta y silenciosamente.

«No me pasan más que desgracias, hija», dice Mamá, y a ella la ponen de pie de pronto esas palabras, como si hubiera estado al límite de lo soportable sin saberlo, y se dirige hacia la puerta.

«¿Adónde vas?»

«Vengo ahora.»

«¿Adónde vas?»

No ha hecho ruido al cerrar, ni al bajar corriendo hacia la calle. Era la 1.30 de la madrugada cuando el taxi se ha detenido en la puerta de casa. Ha subido en el ascensor con un nudo en la garganta como si quisiera llorar o contar un secreto vergonzoso. Los niños dormían. Manuel ha dicho: «¿Cómo estás?», cuando ha entrado en el dormitorio, pero ella no ha respondido.

«¿Estás bien?»

Al tumbarse junto a él, le ha llegado un ligero olor a pasta de dientes.

«¿Estás bien?»

Se ha sentido fea junto a Manuel y algo oscuro se ha complacido en esa fealdad. Ha llevado la mano hasta su entrepierna y le ha comenzado a acariciar hasta que ha conseguido excitarle.

«¿Qué te pasa?»

Cuando se ha puesto sobre él lo ha hecho sin mirarle a la cara, deseando hacerse daño, intentando hacerse daño, como si buscara desesperadamente un castigo. Manuel no ha querido plegarse al juego fácilmente. Primero preguntándole por qué hacía aquello y después revolviéndose hacia atrás, como apartándose de su propia satisfacción, la ha mirado fi-

jamente, limpiándole el pelo de la cara con la mano. No han hablado más y el silencio ha recalcado la tristeza de la carne de Manuel hundiéndose en ella sin comprenderla.

Pero tiene también este silencio:

Mamá esperando en el hospital.

María Fernanda.

Antonio respondiendo que mañana irá a ver a Mamá y que será difícil.

Los niños durmiendo en la habitación contigua.

Y a fuerza de intentar hacerse daño acaba haciendo daño a Manuel, que adquiere una hermosura extraña con los pantalones del pijama bajados hasta la rodilla y que, desistiendo de entender, o al menos de hacerlo en ese momento, la tumba sobre la cama intentando adoptar una postura más habitual sin que ella le deje porque no sabe la razón pero sí que tiene que llegar ahora hasta el final de este absurdo, hundirse en él, y Manuel lo acepta inmóvil hasta que llega, como de muy lejos, una satisfacción efímera y una sequedad metálica en la garganta que, al separarse, se complace más que en su placer en la belleza de la familiar erección de Manuel, en la sencillez de su sexualidad. Son de Manuel las manos que le apartan el pelo hasta la oreja, y las que se detienen acariciándole la mejilla, y la respiración.

«Qué ha pasado, dime.»

Empezó por el olor, por aquel recuerdo de olor a madera recién pulida en la fábrica levantándose desde las montañas de serrín que quedaban junto a las serradoras de Molduras Alonso. A María Fernanda le habría parecido ridículo empezar a contestar así a la pregunta de Manuel, pero tuvo en aquel momento para ella una fuerza de coherencia lógica que no habría tenido ninguna otra respuesta. Y no sólo el olor. Cuando Mamá no estaba cerca ella recordaba haberse puesto

de rodillas sobre alguno de aquellos montones de serrín y haber hundido en ellos las manos, como en las tripas de un animal caliente. No podía tener más de diez años entonces, pero recordaba todavía aquel aroma húmedo, casi dulce, de la madera y a Joaquín a su lado, cuidándola como una bestia bien amaestrada y casi con miedo, sin atreverse a recriminarle nada. Reconocer aquello, lo comprendió despacio y sin terminar de mirar abiertamente a Manuel, era como atentar contra ella misma, aceptar que no sólo nunca había odiado del todo la fábrica sino que de hecho había algo que había amado con perfecta ternura, y si le había parecido tan extraña aquella tarde, tan ridícula, era en el fondo porque había sido todo lo contrario; perfectamente clara y significativa. Reconocer que había amado la fábrica no era distinto de reconocer que había amado a Mamá, no a la mujer que estaba ahora en la cama del hospital con la cadera rota, sino a doña María Antonia, la que se paseaba en silencio entre las serradoras con Joaquín al lado como un enorme perro de caza, con una autoridad femenina y fortísima, o quizá no haberla amado pero sí haberse sentido seducida por su poder, el mismo que de forma natural y durante toda la adolescencia María Fernanda había ejercido sobre ella.

Eran las dos, Mamá y María Fernanda, caras de un mismo miedo. Estar diciéndoselo ahora a Manuel le producía la misma extrañeza que haber encontrado una palabra que describía a la perfección un sentimiento habitual y, al haberlo hecho, notar que la realidad completa adquiriría una significación distinta.

«Hoy hace nueve años que ardió la fábrica», dijo, y Manuel entornó los labios con una mueca que parecía una sonrisa muy leve, involuntaria.

«Vaya», contestó.

«Yo no me había dado cuenta, me lo ha dicho mi madre en el hospital.»

«¿Cómo está?»

«Mal.»

«¿Qué ha dicho tu hermano?»

«Que irá mañana a verla.»

«Creo que deberías ir tú también.»

«Sí.»

Decir «Sí», plegarse a la sensatez de Manuel y al mismo tiempo saber que era ella misma quien tomaba la decisión tuvo de pronto una belleza tan cotidiana, tan simple, que le dieron ganas de fingir más dolor para que el diálogo aquel se extendiera hasta última hora de la noche.

«¿Vas a volver al hospital?»

«No sé. ¿Crees que debería?»

«Creo que necesitas descansar un poco.»

«Sí —contestó ella, y al ver que Manuel hacía un gesto de cansancio terminó—: Tienes razón.»

Tras el tabique, en la habitación de al lado, se oyó una tos de niño.

El dolor de estómago le empeoró al entrar en la habitación del hospital con aquel olor penetrante que venía desde el pasillo vacilando entre una neutralidad esterilizada y un vago aire de sudor rancio. Mamá estaba despierta.

«No he dormido nada en toda la noche», dijo enseguida, recriminándole que no se hubiera quedado. Ella no respondió inmediatamente.

«¿Te han dado ya de desayunar?», preguntó al final.

«No cambies de tema, no me trates como si fuera imbecil, te estoy diciendo que no he dormido nada en toda la noche. Soy tu madre. —Las palabras de Mamá tenían la aparente inconexión de quien trata de decir en una sola frase lo que ha estado pensando un largo espacio de tiempo—. A las madres se las quiere. ¿O es que tus hijos no te quieren a ti?»

El gesto concentrado de la frente indicaba la presencia real de un dolor intenso, en nada parecido al fingimiento habitual con el que se quejaba siempre que venía a casa al hablar con Manuel o los niños, como si estuviese convencida de que el amor seguiría necesariamente a la compasión.

«Sí, sí me quieren.»

«Pues entonces. Tú nunca me has dicho eso a mí, tú nunca me has dicho: Madre, te quiero.»

Eso era Mamá exactamente, o al menos la cara más ridícula de Mamá. Lo parecía más que nunca ahora que la delgadez se le acentuaba en aquella mueca de lástima aclarando, tras las ojeras, el desvalimiento de un rostro que, como el suyo, siempre había tenido una hermosura aristocrática, firme. Aquel melodramatismo no era del todo un fingimiento, sino la demostración más clara de su incapacidad, de su falta de recursos afectivos. Pedía amor, y si no consideraba que lo estuviera recibiendo, entonces exigía amor, y lo exigía además de aquella forma, lo mismo que habría exigido que volvieran a pulir unos marcos cuando aún existía la fábrica.

Aun así, tras aquellas mil caras o única de Mamá, había algo que estaba cambiando, que quizá había cambiado ya aquella misma noche. Igual que había habido un antes y un después cuando ardió la fábrica, parecía ahora abrirse un después con aquella reacción tan cotidianamente melodramática de Mamá en la que, sin embargo, había algo distinto.

Desayunó en silencio y con dificultad porque el corsé que le habían puesto no le permitía inclinarse, y cuando terminó le preguntó a qué hora había dicho Antonio que pasaría a visitarla.

«No sé la hora, me dijo que vendría hoy», contestó ella, temiendo casi que le preguntara más.

«No vendrá.»

«Me dijo que vendría, en serio.»

Y de pronto se sintió ridícula, como una chiquilla que hubiese mentido una vez y, descubierta, persistiera en su mentira prometiéndola mil veces.

«No vendrá.»

Lo cierto era que si le hubieran dado a elegir, también ella habría preferido que no viniera Antonio. La última Navidad había removido, como nada lo había hecho desde que ardió la fábrica, las relaciones entre todos pero sin terminar tampoco de resolverlas, dejándolas en un estado de tensión que les había llevado a unirse en dos grupos: Antonio y ella por una parte, como si los dos hubieran reconocido su condición de víctimas, y Mamá y María Fernanda por otro. Sin que hubiese pasado nada diferente de cualquier otro año, todos habían parecido sentir la necesidad imperiosa de afirmarse frente a los demás, y aquello, en vez de solucionar nada, le dio a las horas que duró la cena de Navidad en casa de Mamá una falsedad teatral, casi grotesca, en la que los tres, bajo la apariencia de una reunión normal, se recriminaban, aunque nunca abiertamente, su propia infelicidad unos a otros. Manuel, los niños, Luisa, la mujer de Antonio, parecían meros comparsas de aquel enfrentamiento silencioso presidido por Mamá, que terminó, como terminaba todos los años, levantando la reunión después del postre para cantar villancicos junto al portal de Belén que solía poner junto a la entrada. Si no hubiese sido porque Antonio rompió aquella copa contra el borde de la mesa es posible que hasta se hubieran marchado de allí con la sensación de fracaso asumido de cualquier Navidad.

«Vamos a cantar villancicos», dijo Mamá, y Antonio estrelló la copa de un golpe seco. Ella intentó después que todo hubiese parecido una accidente, pero su fingimiento, como la alegría de los villancicos, de pronto le resultó odiosa.

Antonio y Mamá no había vuelto a hablar desde entonces y el hecho de que fuera a llegar ahora le devolvía el nerviosismo

del día de Navidad. Propuso encender la televisión sólo por ocupar aquel silencio, también para que Mamá dejara de quejarse, pero se arrepintió después porque quiso que dejara un programa que simulaba un juicio. Un hombre que aseguraba haber tenido dos infartos pleiteaba contra una compañía tabaquera asegurando que cuando adquirió la adicción las cajetillas no indicaban ninguna prevención ante ese tipo de peligros.

«Usted –decía el fiscal– consultó a su doctor cuando notó los primeros síntomas y, como consta en este informe, él le recomendó encarecidamente dejar de fumar...»

Antonio apareció en la puerta con la seriedad de alguien a quien le hubieran obligado a hacer un acto desagradable contra su voluntad, solo además, sin Luisa, algo que sin duda habría hecho todo más fácil. Ella pensó entonces que parecía una reunión prevista aquella reunión y que, sin María Fernanda allí, el gesto de Mamá adquiriría un leve tono de desvalimiento.

«Pero yo ya era adicto por esas fechas, ustedes son los responsables... –le tembló la voz al hombre de la televisión y el cámara, intuyendo una lágrima, le regaló un primer plano–, responsables de mi muerte y de las de miles de hombres y mujeres como yo que...»

Mamá ya no miraba la televisión, pero sí la miraba Antonio, como si hasta en aquella circunstancia estuviera intentando escapar de Mamá.

«Acércate, hijo.»

El movimiento brusco de Antonio golpeó un cuaderno que colgaba junto a la puerta con las anotaciones sobre comidas que había hecho el doctor y se quedó tintineando en un vaivén rítmico, molestísimo.

«Acércate.»

Debía de hacer frío en la calle, porque Antonio tenía las orejas y la nariz levemente enrojecidas.

«¿Acaso se hace responsable a una destilería de alcohol

de las muertes producidas en accidentes de tráfico en que los conductores estaban ebrios? –dijo el fiscal alisándose la corbata–. ¿No es acaso responsabilidad del consumidor hacer un uso comedido y responsable del producto?»

Aunque tuviera treinta y nueve años parecía tener quince ahora delante de Mamá, parecía sólo un niño bruto que volviese de una pelea y no encontrara para justificarse más que aquel silencio. Se acercó despacio, con una mezcla de rencor y miedo que ella no recordaba haberle visto desde que ardió la fábrica y Mamá le abofeteó delante de Joaquín.

«¿A usted le gustaría morir?», dijo el hombre de la televisión.

«Yo no deseo que usted muera, sólo estoy diciendo que era su responsabilidad...»

Mamá pidió agua. De pronto la conversación del programa se había hecho molesta y ella se levantó demasiado rápido para buscarla, haciendo evidente lo que quizá no lo había sido hasta entonces: que también ella estaba incómoda. Cuando volvió, Mamá se la bebió despacio, sin dejar de mirar a Antonio.

«¿Sabe usted lo que es un cáncer?» El hombre de la televisión se quitó el sombrero que llevaba y relució una blanca calva de quimioterapia. El público se quedó congelado en un tímido «Oh».

«Creo que estamos sacando las cosas de quicio.»

«Me voy a morir –contestó el hombre–. ¿No es como para sacar las cosas de quicio?»

La conversación del programa, aun siendo tan evidentemente trágico y verdadero que aquel hombre iba a morir, tenía una impostura teatral que la hacía grotescamente ridícula.

«Me voy a morir», repitió el hombre.

«¿Es necesario que veamos esta mierda de programa?», preguntó bruscamente Antonio, casi gritando aunque sin darse cuenta de que lo hacía.

«A mí no me parece una mierda –respondió Mamá–. Ese hombre se va a morir...»

Pero no era el hecho de que se fuera a morir lo que lo hacía grotesco, sino la evidencia de que estaba representando el papel de su propia muerte, como Mamá había comenzado a actuar, aunque su dolor fuera real, el papel de su convalecencia.

«Dame un beso –dijo Mamá–. Dale un beso a tu madre.»

El gesto de Antonio se paralizó en una mueca de extrañeza que desarticuló por completo lo que hasta entonces había podido ocultar el silencio. Si Mamá era consciente o no de lo que pedía, parecía, llegado aquel extremo, de poca importancia. Antonio se acercó a ella y la besó deprisa en la mejilla, intentando que así fuese menos palpable el esfuerzo que le costaba.

«Tú me quieres, ¿verdad, hijo?»

«¿Qué si te quiero?»

«Tú me quieres, ¿verdad?»

Y era una modulación, la de la pregunta de Mamá, entre patética y autoritaria porque, al mismo tiempo que fingida, no admitía un no como respuesta. El «claro» con el que contestó Antonio no fue más que la única forma digna y rápida que encontró de escapar, y aún permanecieron un poco más reunidos hasta que una visita repentina del médico lo hizo todo más fácil dejándoles de nuevo en el terreno de quienes aparentan normal preocupación. Mamá no comentó nada después de que se fuera Antonio con una excusa que, pronunciada un domingo, tenía el claro carácter de una venganza: que tenía que trabajar, lo que sí hizo fue dar por sentado que ella iba a pedir permiso para no asistir a la oficina al día siguiente.

«Mañana, cuando vengas por la mañana, te pasas antes por casa y me traes la otra bata, la verde.»

«Yo mañana trabajo, Mamá.»

«Pues les dices que te den el día libre. Alguien tendrá que quedarse aquí conmigo, ¿no?»

En la televisión el juez declaró culpable a la compañía tabaquera. El público aplaudió acaloradamente.

No sabía exactamente qué era lo que la atemorizaba, pero no quería estar sola. Sería, en todo caso, que no había podido evitar ponerse del lado de Antonio y que algo le hacía a la vez avergonzarse de aquello. Tampoco Antonio tenía toda la razón. Nadie, en realidad, la tenía, y cuando Manuel le preguntó qué tal había ido la tarde al llegar a casa, pensó que ni siquiera él podría entenderlo todo por mucho que describiera las palabras de Mamá o las reacciones de Antonio. Todo venía en realidad de demasiado lejos y había sido callado durante demasiados años como para que ahora, en un espacio de tiempo y con unas palabras concretas, pudiera ser explicado. Y de la misma forma que no podía ser explicado no podía ser tampoco resuelto. Era. Su relación con Mamá, con María Fernanda o con Antonio era; no podía ser descrita, ni transformada, ni resuelta; se levantaba frente a ella como una telaraña de piedra en la que los odios o rencores ya no parecían odios o rencores reales, sino formas irresolubles de personas que habían desistido de conocerse si es que alguna vez habían llegado siquiera a intentarlo. Por eso cuando conoció a la familia de Manuel tuvo aquella sensación permanente de irrealidad, de que su amor no respondía más que a un fingimiento más elaborado que el de su familia. Descubrir después que aquel afecto era verdadero le volvió en contra de Mamá de forma sutil porque, de la misma forma que la madre de Manuel había sido la responsable con su sola presencia del cariño de todos, Mamá lo debía de ser de la disolución y de la envidia.

La forma en la que quiso a la madre de Manuel tenía en su ansiedad algo de niña huérfana que trata de agradar a sus padres adoptivos hasta el punto de parecer ridícula, y cada

vez que pensaba en ella (ahora que ya había muerto) le daban unas ganas casi confortables de llorar en el recuerdo de su bondad y su pequeñez silenciosas. Sin embargo tampoco podía engañarse; por mucho que hubiera intentado que su familia se pareciera a la familia de Manuel, al final siempre acababa venciendo la sombra de Mamá. Ellos estaban demasiado lejos y Mamá, desde que ardió la fábrica, había tomado la costumbre de pasar en su casa todos los fines de semana con Manuel y los niños. Si le hubiera dado alguna vez la oportunidad de recriminarle algo le habría dicho que no era el hecho de que viniera lo que la molestaba, sino que lo hiciera de aquella forma; sin agradecersele siquiera, con la condescendencia con que se mira a alguien que no hace más que cumplir su estricta obligación. Desistió de pelearse con ella porque siempre que lo hacía tenía la sensación además de estar siendo cruel con Mamá, y miedo también de que Manuel notara su nerviosismo. Mamá podía llegar a ser muy convincente, y a ella los nervios la hacían actuar con rudeza, por lo que cuando había una discusión ella tenía siempre la sensación de salir derrotada. Se consolaba pensando que todo el mundo se tomaba su venganza silenciosa de la vida y que la suya con respecto a Mamá era aquélla: ofrecerle su casa, su familia, pero no su afecto. Por eso quitó aquella noche al volver del hospital el retrato que había puesto Mamá en el cuarto de estar, por eso y porque de pronto no pudo soportar sus tirabuzones, sus veinte años en blanco y negro, su sonrisa de estudio fotográfico. Después llamó a la oficina y dijo que no podría ir al día siguiente, que su madre estaba grave, que debía cuidarla.

María Fernanda siempre salía igual en las fotografías; la misma sonrisa abierta, el mismo brillo de pelo, la expresión de los ojos exactamente repetida. Verla crecer en los álbumes de

fotos era como contemplar un estudio artístico del paso del tiempo en un rostro inmutable y hermoso que, sin cambiar de estructura, parecía sin embargo desgastarse levisísimamente a cada segundo. Pensaba a veces que si la misma María Fernanda no hubiese sido tan consciente de su belleza, ella no habría podido dejar de rendirse al orgullo de ser su hermana, como no le importaba de hecho ser la mujer de Manuel aunque aquello la apartara a un segundo plano. Si alguna vez llegó a sentir envidia fue, más que por su belleza, por su seguridad en sí misma, por su capacidad de adaptarse a cualquier ambiente, cualquier conversación. Si era o no una contradicción que tantas veces le hubiese gustado en su hermana lo que le desagradaba en Mamá, era algo que no le importaba demasiado, como tampoco le importaba demasiado que fuera lunes y que estuviera perdiendo días de vacaciones por cuidarla. Antonio tardaría en volver a aparecer por el hospital y María Fernanda, por mucho que llamara desde Valencia, no ayudaba más que a acrecentar el nerviosismo de Mamá, a hacerla quejarse por la incomodidad de la habitación en vez de ayudarla a asumirla para que le costase menos esfuerzo. Luego ella llamaba al colegio en el que enseñaba Manuel y enumeraba los hechos:

1. Mamá tenía peor aspecto.
2. El médico hablaba de complicación del sistema digestivo.
3. Había comido caldo y yogur.
4. No había noticias de Antonio.
5. La chica que trabajaba para Mamá le había dejado el recado de una llamada de Joaquín.

Se esforzaba en describir los hechos, en explicarlos lo más claramente que podía a Manuel como si hacerlo fuese a aclarar las extrañas reacciones que le producían, o el miedo que de nuevo le daba el hospital, o la sensación de perfecto asombro con la

que ella, que siempre se había considerado la víctima de Mamá, contemplaba la posibilidad de haber sido quizá más culpable de lo que se había creído, de que tal vez no había sido tan descuidada Mamá, e intentaba adentrarse en el más difícil aún mundo de su rencor, forzándose a extraer de él hechos concretos que justificaran su incapacidad de perdonarla. Veía entonces que hasta en los momentos en los que ella había creído más clara la culpabilidad de Mamá, brillaba ahora un resquemor finísimo de duda que de pronto se volvía en contra de ella misma convirtiéndola en todo lo que nunca había querido ser: injusta, cínica, apresurada en el juicio, incapaz de comprensión, y la figura de Mamá cambiando en ella («Esta fractura podría llevar a una degeneración progresiva de todo el organismo», había dicho el doctor), luchando por ella, («hemos observado algunas reacciones»), si no amable al menos comprensible, («no necesariamente ligadas a la fractura que desvelan el deterioro de otros órganos»), o peor aún, que el hecho de que el doctor hubiese hablado de aquella forma, con la seriedad de quien no descarta una muerte rápida, la hubiese enfrentado al hecho lógico, pero al mismo tiempo definitivamente absurdo, de que Mamá, como cualquier ser humano, moriría en algún momento.

Compró unas revistas sólo para disimular mejor su desconcierto, para ocultarlo si es que era posible detrás de algún comentario frívolo con el que había obtenido siempre una respuesta segura de Mamá, y aunque lo consiguió esa tarde, tenía la conversación un claro tono fingido que en cualquier otra situación habría llamado miedo pero que ahora no sabía cómo llamar.

«Antonio se parece a Papá, ¿verdad?»

Era preguntar sólo una parte de aquello, la menos difícil, y Mamá, que parecía haber estado todo el día abierta a aquella conversación invisible, se cerró a ella («A veces»), como si quisiera creer, reservando una respuesta más larga, que le quedaba más tiempo («A veces sólo»).

Todo lo fácil que era hablar de María Fernanda lo tenía de complicado hacerlo de Antonio, o de Papá. Papá siempre, aquel recuerdo que no parecía casi un recuerdo de su funeral, la imagen de su retrato a carboncillo en el cuarto de estar, en el despacho de la fábrica, pero nunca nada que trascendiera a la repetición de su frente achatada en Antonio, su mirada de macho incapaz y simple en Antonio, porque siempre que le había preguntado por él, Mamá había respondido con un retrato insustancial que parecía más copiado de una casta novela de costumbres que la descripción real de quien había sido: un ser innecesario.

Por eso no le dijo que había llamado Joaquín. Decírselo habría sido reconocerle a Mamá una nueva victoria, la única quizá que había tomado en serio después de que ardiera la fábrica. Que Joaquín pidiera su liquidación después del incendio, que ella, sin concedérsela, le despidiera antes (un gesto simbólico del que supo desde el principio que habría de salirle más caro), tuvo la decepción en Mamá de quien contempla una reacción orgullosa de un niño mimado, y aunque tuvo su dinero, pagó a cambio con su descrédito cuando intentó establecer un negocio por su cuenta aprovechando la cartera de clientes de Molduras Alonso.

El único acto real de crueldad de Mamá, el único en el que quizá ella misma podría reconocer que había sido deliberadamente cruel, fue esperar a que Joaquín hubiese invertido todo el dinero para destruirle, y como no hicieron falta más que un par de llamadas telefónicas para conseguirlo, lo hizo además espaciadamente y con tanta sutileza que ni siquiera el mismo Joaquín pudo entender el motivo de su quiebra. Limpia y certera fue Mamá, y simple como la definición más pura de un crimen perfecto, pero para cerrar aquella victoria necesitaba el arrepentimiento de Joaquín, tenerle de nuevo a los pies como un perro que, habiendo intentado escaparse, volviera a casa por la necesidad de comida.

No decirle que había llamado Joaquín era también la última prueba de que, aun reconociendo que la desatención que Mamá había tenido siempre con ella podía no ser del todo voluntaria, no se iba a dejar vencer tan fácilmente por aquel sentimiento que de pronto la hacía compadecerse de Mamá, desear perdonarla incluso cuando aún no le había pedido perdón.

«Podría no ser sólo una complicación del sistema digestivo, podría ser general», había dicho el doctor preparando otro terreno, con un tono completamente distinto del de la primera tarde, con un «podría» significativo que en nada se parecía al «será una recuperación lenta» seguro de la primera vez, y el hecho de no decir nada a Mamá, tampoco de los informes del doctor, la dejaba ahora en una posición privilegiada, como la de quien contempla sin hacer nada a un ciego que camina confiadamente hacia un muro.

Hacía veintidós años ella dormía en la misma habitación que María Fernanda. Parecía absurdo recordarlo ahora, pero no lo era en realidad tanto porque algo en el gesto de Mamá había descontextualizado a las dos para hacerlas rasgos de una percepción más simple, más concreta. En la pared, junto a la cabecera de su cama, María Fernanda había puesto una fotografía de Kirk Douglas en aquella película en que hacía de Ulises, medio desnudo, con un calzón que parecía más bien un trapo, a punto de pelearse con otro mucho más grande que él, mirándole como si se lo fuera a comer en lugar de pegarle, y lo había puesto por lo muchísimo que le gustaba Kirk Douglas, lo muchísimo sobre todo que le gustaba el hoyito ese de la barbilla en su cara de bestia, lo mismo que tenía cara de bestia el chico aquel de Somontes que hacía tiro al plato con el que se acabó acostando y cómo, después de que se lo dijera, ella se la imaginaba abierta de

piernas sobre él con un punto en el que no podía evitar cierta repugnancia por la sexualidad de María Fernanda, o la cara de bruto de Papá en las fotografías, sin tocar nunca a Mamá («Nunca pueden predecirse las reacciones que va a tener el organismo de una persona anciana en estas circunstancias», había dicho el doctor), porque no eran, en el fondo, tan distintas, ni siquiera ahora que María Fernanda estaba más gorda y Mamá consumida, con la piel aclarada en un tono beige tierra, la una de la otra. Si tuvo miedo de presentarle a Manuel a María Fernanda no era sólo por su inseguridad, sino también porque temió que le fascinara su erotismo. Mamá le dejaba ponerse a su hermana faldas que a ella casi no le permitía probarse, y lo hacía además con la pobre excusa de que había «maneras y maneras» de llevarlas, que mientras en María Fernanda quedaba natural en ella parecía que se iba a hacer su turno de calle («Una puta, eso es lo que pareces»), lo que terminaba, con aquel tono brutal que tenía a veces Mamá al volver de la fábrica, de disuadirla. Manuel no sólo no se rindió a María Fernanda, sino que apenas le prestó atención y a ella le pareció la primera y mejor victoria sobre su hermana aquella en la que un hombre por fin la elegía. Si después tardaron en conseguir un espacio de intimidad fue algo que no le importó mucho desde el momento en que no le atemorizaba la sexualidad de Manuel. En el coche, no importaba que fuera tarde pero sí que el lugar estuviera alejado, podía sentir su mano introducida a través de los botones de la blusa abierta, sobre el pecho («Efectivamente, este empeoramiento se podría atribuir a la artrosis», había dicho el doctor), quieta la mano de Manuel, o levantando con los dedos el sujetador ligeramente, pero más que nada abierta, sin tampoco querer desnudarse porque era sin duda más comfortable aquella sexualidad con ropa que acababa humedeciéndole los pantalones a Manuel, a hacerle sonreír, a bajar las ventanillas del coche para que se desempañaran los

cristales, más comfortable, seguro, que la de María Fernanda en su ejercicio de gimnasia sexual con el chico de Somontes campeón de tiro al plato, igual que Kirk Douglas cuando se concentraba en el tiro, la cara de bestia igual, el hoyito de la barbilla igual, que acabó —cuando le dejó María Fernanda— llamando a casa a todas horas como un cordero, como un perro de caza, como Joaquín entrando los domingos en el comedor durante los años de la fábrica diciendo «María Antonia, tenemos que arreglar después lo del contratista de las serradoras», «Luego, Joaquín», bebiendo vino despacio, complacido, como si sólo hubiese querido demostrar que podía tutear a Mamá, no a esta mujer que se retorció ahora de cuando en cuando con una punzada de dolor en la cadera («No me pasan más que desgracias»), sino a doña María Antonia, la que murió en realidad hace nueve años cuando ardió la fábrica para dejar, en sus huesos, a esta otra mujer que sólo heredó de ella su silencioso deseo de saber todo sobre todos, de controlar a todos.

Fue a casa a cenar aprovechando que Mamá se había quedado adormilada y al entrar —Manuel estaba dando de cenar a los niños— le pareció un poco ridícula la cotidianidad de la escena en comparación con la intensidad de lo que había estado pensando durante todo el día.

«¿Qué tal?», preguntó él.

Y ella:

«Bueno.»

«Ha llamado tu hermano. Estaba nervioso. ¿Ha pasado algo?»

«No. ¿Qué ha dicho?»

«Que le llames.»

«¿Va todo bien, seguro?»

«Sí.»

Antonio estaba en casa, cogió el teléfono Luisa y se lo pasó enseguida, con el cuidado de una llamada importante.

«¿A qué coño vino lo de ayer?», preguntó Antonio con la brusquedad propia que le producían las reacciones de los demás.

«Qué de ayer.»

«Cómo que qué de ayer, la escenita de Mamá. ¿Qué cojones te pasa?»

«A mí no me hables así, Antonio.»

«Perdona.»

No podía decirse que no le agradara aquella conversación. Revelaba en el fondo que ella, como hermana mayor, era la única autoridad que reconocía Antonio.

«Bueno, ya sabes lo que somos para Mamá; tú el fracasado y yo la pánfila.»

«¿Entonces qué pretendía con lo de ayer?»

«Probarte, supongo, probarnos a los dos.»

Reconocerlo tan claramente dio un carácter de miedo a las palabras que la hizo levantar la vista hacia Manuel. No había dejado de mirarla desde que empezó la conversación y los niños de patlear, sorprendidos tal vez por aquella interrupción tan injustificada de la cena.

«Pero probarnos ¿por qué?»

«Yo creo que se muere, Antonio, y lo peor, creo que se da perfecta cuenta de que se muere. Está rarísima; casi no ha hablado hoy, y como pálida, yo creo que se muere, Antonio.»

Lo había dicho todo tan deprisa que Manuel apenas había tenido tiempo de reaccionar. Antonio tampoco lo hizo y a ella de pronto todo le pareció fingido: las palabras que había utilizado para referirse a Mamá, el gesto de Manuel, el silencio de Antonio, como si fuera imposible referirse a la muerte de nadie sin adoptar alguna forma de actuación, de fingimiento.

«¿Te ha dicho algo el médico?»

«El médico hace comentarios, ya sabes, como para lavar-

se las manos. Dice que Mamá puede empeorar progresivamente.»

«¿Qué dice?», preguntó la voz de Luisa, casi imperceptible, detrás de Antonio.

«Calla, te cuento ahora –respondió él, y después–: ¿Vas mañana?»

«Sí.»

«Habrá que llamar a María Fernanda.»

Aquélla era la forma habitual con que Antonio expresaba que no sería él quien lo haría.

«Yo la llamo, mañana la llamo desde el hospital.»

«Ha llamado ella a media tarde», dijo Manuel adivinando la conversación.

«¿Qué ha dicho?»

«Que llamaba después.»

«Yo me encargo –dijo ella dirigiéndose a Antonio–, te llamo mañana, entonces.»

«De acuerdo.»

Y colgaron. Le incomodó de pronto la mirada de Manuel.

«¿Cómo te sientes?», preguntó.

«No sé –contestó ella–, no tengo ni idea.»

Miedo. Miedo de que salieran subnormales, o con algún defecto físico, o feos, o demasiado gordos, y pesadillas en las que los veía a los dos, desde que supo que iban a ser gemelos, unidos por la espalda, obligados a compartir un solo brazo o una sola pierna, engendros en los que la fealdad se le parecía a ella, aunque de forma grotesca. Ahora que tenían tres años y medio resultaba idiota pensarlo, pero entonces, a partir de la mitad del embarazo, su figura de mujer adulta embarazada, tantos años de píldora, tanto artículo de revista femenina, le dieron un miedo atroz y una certeza casi abso-

luta de que algo horrible iba a sucederles a los niños. Mamá se convirtió en abuela sin concederle siquiera el mérito de aquel miedo, sin comprender apenas que, si había esperado tanto para ser madre, era en realidad porque deseaba demostrarle algo, dejar claro que también podía –como María Fernanda– ser una profesional. Hubo un momento en el que incluso le pareció que para Mamá era más importante ser la madrina de bautismo de ambos que el hecho mismo de que hubieran nacido, y aquello le produjo una sensación tan violenta de rechazo que estuvo a punto de pedirle a cualquier amiga que los amadrinara.

Lo hizo al final Mamá, como no podía ser de otra forma, pero Manuel tuvo que emplearse a fondo en tranquilizarla para que no se le notara la tensión durante la ceremonia. Y después tuvo miedo, un miedo absurdo e injustificado, como el que tenía ahora después de hablar con María Fernanda, de haber discutido –más bien– con ella.

El sexo con Manuel no añadió nada aquella noche, pero lo necesitaba de forma compulsiva. Fue, en realidad, una trampa a la que se lanzó consciente de que tampoco iba a hacerle sentir mejor pero con la que al menos conseguiría acelerar el paso de aquella noche. Y si volvió después al hospital fue porque tampoco quería quedarse con Manuel, porque quedarse con él habría sido tener que explicarle demasiadas cosas.

Tuvo, al salir de casa, la extraña sensación de estar abandonándoles y le palpitaban en la garganta todas las palabras que no le había dicho a María Fernanda. Como siempre que discutía con ella, el malestar dejaba, en las horas que seguían a la conversación, la impotencia de quien revisa el diálogo completo buscando las palabras que habría sido más acertado responder, y arrepintiéndose de las que se dijeron. Y, como siempre era igual, tenía aquel fracaso un sabor de historia repetida desde la adolescencia, familiar.

Mamá, aunque estaba dormida cuando llegó, se despertó con el simple ruido que produjo al sentarse en el sillón que estaba junto a la cama.

«¿Dónde has estado?»

«En casa, he idos a dar de cenar a los niños», mintió.

«Ya.»

A Mamá la boca seca le daba un tono si cabe más lastimoso. Ella fue al pequeño lavabo y volvió con un vaso de agua que bebió apresuradamente y que, al no poder inclinarse bien, no consiguió evitar que se le derramara sobre el camisón. Le temblaron los labios en un movimiento teatral.

«Quiero que me saquéis de aquí», dijo.

«¿Qué te saquemos de aquí? ¿Y adónde quieres ir? No estás bien, Mamá, te tienen que ver los médicos, no puedes irte así a casa.»

Otra vez había adoptado aquel tono fingido; ahora pareciera que le estuviera hablando a una niña intentando disuadirla de un capricho absurdo, pero lo cierto es que tampoco había sido natural el tono trágico con el que Mamá había pedido que la sacaran del hospital.

«No digo a casa. Quiero ir a otro hospital, a uno privado, me están matando estos médicos.»

«Por Dios, nadie te está matando aquí.»

«Me quiero ir.»

«No tienes dinero para eso, Mamá.»

Lo dijo consciente de la crueldad que suponía escuchar aquellas palabras para Mamá, pero no tuvo la reacción esperada, la habitual, esa mueca de asco con que se contempla en uno mismo un pecado ridículo e involuntario, sino una seriedad absorta que parecía haber previsto su respuesta y se complaciera, casi, en haber acertado.

«Quiero el millón», contestó mirándola directamente a los ojos.

«¿Qué millón?»

«El que os di a Manuel y a ti para lo de la casa.»

«Hace quince años de eso, Mamá.»

«Pero yo quiero el millón.»

Recordaba perfectamente aquel dinero porque había sido siempre uno de los caballos de batalla preferidos de Mamá, una presencia que hacía apariciones estelares, frecuentemente después de discusiones, y que incluso a Manuel —tan tranquilo habitualmente— le enfermaba hasta el punto de no dirigirle la palabra. Ahora aparecía de nuevo, pero esta vez con una seriedad que no recordaba el tono con que se recuerda un favor para pedir otro, sino con la dureza de un requerimiento de justicia.

«No tengo ese millón, estoy ahogada de papeles, lo sabes perfectamente.»

Eran, aquellas palabras, la única forma que encontró de pedir misericordia, aunque supo desde entonces que no habría de ser un perdón fácil.

«Si me quisieras me darías ese millón, si de verdad me quisieras no podrías soportar verme en este hospital de mierda.»

La nocturnidad hacía en este caso más claro lo que estaba pidiendo Mamá; no podía ser liberada de aquella deuda porque era precisamente aquella deuda una especie de ultimátum de amor, de la única forma en la que Mamá entendía el amor.

«Tendría que pedir un crédito, hipotecar la casa», dijo, como hablando consigo misma, porque sabía que aquello, más que hacer reconsiderar a Mamá su petición, la reafirmaría en su importancia. La mirada de Mamá abandonó su gesto de seriedad por uno de desvalimiento, de súplica, que se le hizo insufrible como de pronto se hizo insufrible, más que nunca, el olor a carne anciana de Mamá, el sonido de su lengua contra el paladar al tragar saliva.

«María Fernanda viene mañana —dijo—. He hablado con ella hoy.»

Pero ni siquiera ante aquello reaccionó Mamá.

«Me vas a dar el dinero, ¿verdad, hija?»

Otra vez el olor. Otra vez el asco congestionado en la garganta, y la tensión haciéndole retorcer los dedos.

«¿Tú sabes lo que supone para mí darte un millón, Mamá? ¿Tú te das cuenta de lo que supone, eh?»

Le había gritado sin querer, se dio cuenta al callar, y también porque no tardaron en oírse los pasos del celador dirigiéndose a la habitación.

«Me lo vas a dar, ¿verdad, hija?»

«Sí, Mamá, te lo voy a dar, va a ser lo último que te voy a dar.»

«Estoy pidiendo lo que es mío.»

«Y yo te lo estoy dando, pero cállate de una vez.»

«Tú no sabes los esfuerzos que hice yo para llevaros a los mejores colegios.»

«¡Que te calles!»

El celador entró y le pidió con brusquedad que se fuese. Mamá había empezado a llorar y hablaba con el melodramatismo histriónico de quien se ha acostumbrado a fingir un sentimiento que no conoce.

«A las madres se las ama y se las respeta, ¿no le parece a usted? —preguntó Mamá al celador, que no pudo evitar mirarla a ella con la reconvención silenciosa con que se desprecia a un criminal—. Se las ama y se las respeta.»

«Claro, señora, tranquilícese.»

«Yo sólo estaba pidiendo un dinero que era mío, y amor es lo que estaba pidiendo, amor.»

Cuando Mamá dijo aquello ella dejó de oponerse a los empujones del celador y salió corriendo por el pasillo para alejarse cuanto antes de allí. Llegó a casa sudando. Manuel dormía.

No es la idea de la muerte en general, sino la realidad concreta de la muerte de Mamá lo que parece absurdo. María Fernanda ya estará en el hospital. Ya habrá hablado con el médico. Ya le habrá dicho la verdad a Mamá. Aunque hace frío, el cielo está limpio de nubes y Mamá lo habrá mirado desde su cama y después se habrá vuelto hacia María Fernanda, y habrá llorado, tal vez.

Le dices que se va a morir a una mujer, le dices «Te vas a morir», no importa que lo hagas despacio, ni cariñosamente, ni que le tomes la mano al hacerlo, le dices «Te vas a morir», algo que había sabido durante toda su vida e incluso en lo que había reflexionado hondamente en más de una ocasión, como cualquier persona que ha cumplido setenta años, y parece lo mismo que si se hubiese oído el golpear real de una puerta, como la madre de Manuel se detuvo cuando se lo dijeron, «Te vas a morir», y la miró a ella en vez de mirar a Manuel, o a su hermano, o a los hijos de su hermano, a ella, que estaba junto a la puerta, alejada por puro pudor de la cama, como si pretendiera escapar así de la actuación que habría supuesto ante ellos y que resultó imposible en esos cuatro, cinco segundos, en que el rostro se le quedó congelado en una mueca casi estúpida («Te vas a morir»), parecida más a una sonrisa que a cualquier otro gesto.

Por eso no hay sorpresa alguna cuando María Fernanda le pregunta desde el hospital por qué no había dicho nada a Mamá de su situación. No es capaz de mantener una discusión con María Fernanda. Está demasiado cansada, apenas ha dormido en toda la noche.

Y es que no era tampoco para tener aquella reacción con Mamá por lo del dinero, o no se daba cuenta de que no hacía más que pedir lo que era suyo.

«Ya lo sé –contesta ella sólo para hacerla callar–. Mira, dile a Mamá que Manuel ha ido a pedir un crédito al banco esta mañana y que dentro de nada tendrá su millón.»

Que si iba a ir después, cuando terminara en la oficina.

«No, no voy, ya estás tú allí. ¿Qué falta hago yo?»

No se trataba de eso, que si se podía saber qué le pasaba, que ella también estaba cansada, que se había creído, no sólo tenía fiebre sino que había venido conduciendo desde Valencia.

«Qué quieres que te diga.»

A ella nada, a ella no quería que le dijera nada, pero que menos que fuese al hospital a disculparse con Mamá, se lo debía, lo mismo que se lo debía Antonio, que le llamara para que fuera esa tarde también.

«¿Por qué no le llamas tú?»

De sobra sabía por qué.

«No, no lo sé.»

Que no se hiciera la imbécil, de sobra sabía que Antonio no quería hablar con ella.

«¿Por qué estás tan segura? ¿Lo has intentado alguna vez?»

Ha aceptado al final las dos cosas: llamar a Antonio e ir al hospital después de la oficina. Manuel ha llamado desde el banco para pedirle su número de carné, lo necesitaba para el crédito. La niñera ha llamado para decir que uno de los gemelos tenía fiebre y que el otro estaba tonto a más no poder, que había roto la figurita del payaso de la encimera a propósito y le había dado un cachete. María Fernanda ha llamado otra vez. Antonio ha contestado que no sabía si iría, que tenía que pensarlo. La sirvienta de Mamá le ha dado otro recado de llamada de Joaquín. Manuel ha llamado para decir que les daban el crédito. Su jefe le ha preguntado si pensaba convertir su horario de trabajo en un consultorio familiar. Se le ha derramado el café sobre un informe. Se ha ido al cuarto de baño a llorar. Una compañera que estaba allí le ha dado un abrazo, ya sabía ella que la tenía para lo que quisiera, cómo y dónde quisiera, ella también conocía lo que era ver morir a una madre, lo durísimo que era ver morir a una madre.

Al salir de la oficina ha pensado que si el día hubiese sido menos hermoso, más frío por lo menos, todo habría sido más fácil, y ha comprobado con escándalo los límites de su frialdad; lo poco que le importaba que Mamá se estuviese muriendo, la indiferencia que le producían las quejas de María Fernanda o el dolor de Antonio.

Cuando ha llegado a casa, Manuel le ha dicho que su hermana había llamado dos veces para decirle que no fuera al hospital, que a su madre la trasladaban aquella misma tarde a una clínica privada. Ha llorado otra vez, sólo para que Manuel la abrazara. Olía a tabaco Manuel, y a menta.

«¿Quieres que vaya contigo?»

«No.»

«¿Quieres que te lleve y te espere en el coche mientras tú subes a verla?»

«¿Y los niños?»

«Se quedan con la vecina, ya he hablado con ella.»

Era cálido el amor de Manuel, y simplísimo. Hubiera deseado rendirse a él como una niña que esperase un consejo todopoderoso y lógico. Hubiese deseado decirle: «Dime qué hago, cómo lo hago.» No han hablado en el coche más que del crédito y sus condiciones. Tres años. Podían hacerlo, pero no habría vacaciones en agosto, a no ser, y aquí Manuel se detuvo como ante un espacio que no convenía pisar, a no ser, claro, que su madre...

«No quiero ningún dinero de mi madre, lo último que quiero en el mundo, ¿me oyes?, es dinero de mi madre.»

«Claro», dijo Manuel.

Estaban los tres, y si no hubiese sido por María Fernanda el silencio habría resultado más difícil que nunca. Nadie se miraba allí directamente ni más de lo necesario y si hablaban lo hacían dirigiéndose a Mamá, nunca a su cara sino a las manos, a la sombra de las rodillas bajo la sábana. Apeataba Mamá. Ella no recordaba otra forma de olor más aguda

ni desagradable que aquélla, porque persistía en la pituitaria aun alejándose de la habitación. Había empeorado visiblemente desde ayer. Los médicos lo achacaban al traslado de hospital y a la incompetencia de quien le había puesto el corsé, al parecer sin apretarlo lo suficiente. El dolor que le producía ahora era por su propio bien, repetía sin cansancio el doctor cada vez que entraba en la habitación, como si le pareciera una tortura innecesaria aquella que le hacía apretar los labios a Mamá en gesto de mueca permanente. La habitación era discretamente agradable, como la de un hotel con clase, pero tampoco escapaba a la frialdad anónima de un hospital. Los detalles propios de una clínica privada: la jarrita con la rosa, las cortinas, no hacían más que resaltar el desvalimiento de Mamá, acentuarlo hasta un punto en que su dolor se hacía feo de puro grotesco. María Fernanda siempre se dirigía a ella, incluso cuando estaba hablando en realidad a Antonio, y Antonio, que llegó después, no varió en toda la tarde aquel gesto de comparsa intercambiable, de bruto tímido, que caracterizaba su nerviosismo.

Mamá se durmió tarde y aprovecharon aquel momento para hablar con el médico, que no pudo evitar, como en un bien aprendido mecanismo de defensa, adoptar un tono científico para hablar del empeoramiento de Mamá.

«Cuánto tiempo», dijo Antonio en un tono desprovisto de la entonación de una pregunta que hizo callar al doctor bruscamente.

«¿Quiere usted decir cuánto tiempo le queda de vida?», preguntó el doctor.

«Sí.»

«No me puedo creer que seas tan animal», replicó María Fernanda mirando directamente a Antonio por primera vez.

«Yo no puedo creer que seas tú tan hipócrita.»

«¿Se puede saber quién te has creído que eres para hablarme así?»

De entre los dos, ella no pudo evitar preferir la brusquedad de Antonio al gesto de fingido escándalo con que María Fernanda huyó de un diálogo en el que, hablando honestamente, antes o después habría acabado dándole la razón.

«¿Cuánto tiempo le queda?», intervino ella para acabar lo antes posible y para descansar la incomodidad del doctor.

«El empeoramiento es progresivo y rápido. Ha sido enorme desde que llegó aquí. Nunca se puede predecir con total seguridad. Tal vez un mes, quizá menos. Básicamente depende de ella misma.»

Lo que debía de estar pensando el doctor, a quien la excesiva juventud no había dado aún el don del fingimiento, era que los tres se peleaban por dinero. La realidad, como casi siempre, no sólo era mucho más compleja, sino que ni siquiera ellos mismos podrían haberla explicado. La suma del patrimonio de Mamá era casi insignificante al ser dividida entre tres, y si tampoco era el cariño o la preocupación lo que les reunía ahora en torno a su muerte, parecía difícil no aceptar que algo tenían los tres de espectadores. La morbosidad que habría tenido aquel sentimiento al ser referido a cualquier otra persona no la tenía sin embargo con Mamá. Como si los tres se consideraran espectadores exclusivos, poseedores únicos de entrada en un anfiteatro de tres sillas en cuyo escenario Mamá estuviese representando su propia muerte, y lo estuviesen haciendo además con la seriedad de algo querido y no querido a la vez, a ratos grotesco y a ratos de un patetismo conmovedor. María Fernanda se cobró su venganza en Antonio al no tomarse la molestia de mirarle cuando se quedaron después solos, discutiendo si debían o no decírselo a Mamá. Ella fue la única que opinó que no debían hacerlo, que mejor era esperar hasta que la situación estuviese cercana, y aunque explicó que le

parecía lo mejor para no preocuparla, en el fondo lo que sentía era miedo de la reacción de Mamá al conocer la cercanía de su muerte.

Como Antonio se puso de su parte, decidieron no hacerlo, esperar cinco días al menos, ver si mejoraba y decidirlo entonces, pero al día siguiente, cuando volvió de la oficina a visitar a Mamá, se dio cuenta de que María Fernanda ya le había dicho todo. Lo notó, antes que en sus palabras, en el silencio enrarecido de la habitación y en la mirada de Mamá, descargada sobre ella de pronto con la dureza con que se juzga a un traidor.

«¿A ti te gustaría que no te dijese que te vas a morir, hija?», preguntó Mamá innecesariamente.

«Sí —contestó ella creyendo ser sincera por primera vez—, creo que preferiría que no me lo dijeran.»

«Está claro que yo no soy tú.»

María Fernanda no la miró al principio, ni durante la media hora en que Mamá articuló un monólogo que, como siempre, las excluía a las dos, pero en el que la verdad de la muerte producía un distanciamiento extraño. Aquello, que era en principio lo enteramente real, la gran verdad, parecía alejarla más aún de la que había sido durante toda su vida, parecía que ahora menos que nunca fuese a morir Mamá y que hasta la noticia de su muerte la hubiese revitalizado de alguna forma.

María Fernanda volvía a Valencia aquella misma tarde en tren. Y si casi no se despidieron al marcharse fue porque algo de su hermana reconoció de pronto las consecuencias que había tenido hablar a Mamá. Siempre había sido igual, pero ahora parecía, por fin, comprenderlo. Se marchaba por la puerta grande habiendo satisfecho la expectativa de hija noble, pero dejándole a ella el problema.

Estaba más gorda María Fernanda, más fea también. El cansancio le coloreaba muy deprisa los párpados y le daba a

la piel de los pómulos un brillo lánguido, inconsistente. Ella contempló en aquel momento la fealdad de su hermana como un triunfo casi mayor que el de su arrepentimiento. El acto del perdón (no habría importado siquiera que María Fernanda hubiera reconocido su error llorando) no añadía nada en realidad. Lo que parecía realmente significativo no era el melodramático discurso de Mamá, galdosiano y absurdamente bien pronunciado, sobre la hija honesta y la insincera, y la muerte y lo que había luchado ella toda su vida para obtener esto a cambio, sino que María Fernanda estaba real y objetivamente, en aquel momento preciso, más fea que ella. El perdón, si es que el silencio fue un perdón al final, era huir de otra verdad; la de que el acto verdaderamente salvífico no era otorgar el perdón, sino pedirlo. Aquella complacencia, que pensada más tarde le produjo un extraño sentimiento de miedo, parecía quejarse en algo de la situación; habría preferido casi ser ella la que pidiera perdón a María Fernanda en aquella circunstancia, porque de esa forma el triunfo habría tenido el estruendo de lo perfectamente absoluto. Y sin embargo era verdad que Mamá se estaba muriendo, como era verdad que Antonio no perdonaría a Mamá, o que Mamá no perdonaría a Antonio, y que los dos podrían argumentar perfectamente sus rencores, describirlos en el tiempo, dar fechas y datos que los justificaran sin tener, por eso, razón.

María Fernanda se marchó vencida a las 9.35 con la hora justa para el último tren como si agotar el tiempo fuese otra forma de pedir perdón. Mamá, cuando se quedaron solas, la miró como a un amigo cuya falsedad ha quedado al descubierto.

Manuel no se alejaba. Si lo hacía en algunos momentos era sólo inconscientemente al hablar tal vez del crédito que

habían contraído y que, al plazo que habían seleccionado, tardarían tres años en liquidar. Oírle, sin embargo, hablar de dinero con aquella seriedad tan poco habitual en él le producía una curiosa familiaridad en el recuerdo de la adolescencia, las comidas en las que Joaquín informaba lenta y meticulosamente de la fábrica con la precisión con que un palurdo cuenta cien veces su montón de monedas. Pensó que quizá por eso tuvo durante toda la noche la sensación de estar comprendiendo algo, de haber perdido demasiado tiempo en una pista absurda pasando a la vez sin sospecharlo continuamente junto a la verdad. La verdad era de pronto, otra vez, la fábrica, pero ahora como un ser vivo, como otro miembro más de la familia, el preferido quizá, cuya vida o muerte o memoria no fuese para Mamá distinta de la de un ser humano. Era la fábrica como un río de treinta años en su propia vida que había determinado la alegría o la tristeza de Mamá y que ni siquiera ahora, que ya no existía, había dejado de alguna forma de determinarla. Toda muerte dejaba en la memoria entre los objetos que acarició su cercanía uno o dos cuya sola presencia se hacía de pronto simbólica, como si la muerte vaciara en su último acto lo que le rodeaba llenándolo de ella, dándole otro significado. Algo parecido había debido de ocurrir en la sensibilidad de Mamá con Joaquín y Antonio después de que ardiera la fábrica. Que uno de ellos fuera su hijo debió de causarle la misma molestia que produce no poder soportar a una persona bondadosa a la que, además de con disgusto, se acaba alejando con desesperación. No es que considerara a Antonio un fracasado, sino que le consideraba el responsable de su fracaso y recuerdo, además, de la fábrica. Por eso apenas quería saber nada Mamá del dinero que conseguía Antonio alquilando el solar de Molduras Alonso y sin embargo le había exigido a ella devolverle un millón que pertenecía al recuerdo de la opulencia. No era, en realidad, sólo dinero lo que quería Mamá,

sino un dinero que le recordara el antiguo despacho de la fábrica, la mesa descomunal con el jüego elegante de escritorio para abrir la correspondencia, quería que le devolvieran su despreocupación económica y que escondieran los restos de su fracaso lo más dignamente posible. Por eso eran más Mamá que la misma Mamá las cortinas de la habitación del hospital, el sillón elegante para el invitado, la rosa abierta en el florero, hermosa y anónima a la vez, como la elegancia de un hotel de lujo.

El mundo era sólo olor por la mañana en la habitación del hospital y Mamá esto: una criatura que volvía a ser ella misma durante las primeras horas y que luego, al pasar la somnolencia del nolotil, comenzó a articular una queja aguda como la de un animal cuyo sonido fue incrementando hasta algo que parecía un grito sin serlo enteramente y que, al secarle tan deprisa la lengua, no le permitía hablar. A ella le daba la sensación de que Mamá, después de que se fuera María Fernanda ayer por la tarde, había atravesado una pared finísima, un límite sin posible vuelta atrás. Durante unos minutos tuvo casi la certeza de que iba a morir. Fue durante un aparente descanso, tras uno de aquellos quejidos prolongados y monocordes que terminó, en vez de en descanso, en una tensa contención de la respiración. Tuvo miedo. Ella, que no había tenido miedo hasta entonces, que no podría haber dicho con verdad de ninguno de sus sentimientos que se pareciera al del miedo, se sintió de pronto resbalar y caer hacia un abismo enorme en los ojos abiertos de Mamá. Sólo en sus ojos. El resto del cuerpo permanecía agarrotado por el dolor, sujeto aún, más que nunca, a aquella apariencia de fingimiento que tenía el dolor en Mamá, la queja en Mamá, el amor en Mamá, la preocupación, todo fingido menos sus ojos abiertos, ásperos como nudos, pidiendo quizá clemen-

cia. Gritó la palabra «Doctor». Recordaba haber gritado la palabra «Doctor» varias veces en voz muy alta, y también la palabra «Mamá», y la palabra «Doctor» de nuevo. Recordaba haber gritado quizá no para que salvaran a Mamá, sino para que la salvaran a ella de Mamá, para que otra presencia ajena la rescatara de aquel absurdo tan verdadero, tan brutalmente real de la muerte apareciendo delante de ella. El doctor apareció corriendo y la empujó con un golpe seco. La enfermera también. Ella miraba las rodillas de Mamá, invisibles casi bajo las sábanas.

Pensó después, en las horas que sucedieron a aquello, que peor incluso que aquella aparición ruidosa, casi teatral de la muerte, era entonces ese silencio en el que ya ni siquiera importaba perdonar o no a Mamá. La vida, que parecía inmensa, era de pronto minúscula e insignificante, no merecía casi ser dicha. Aunque acaso, más que la vida, lo que no merecía ser dicho fuese la muerte, la forma en la que la muerte hacía a dos personas tan distintas como la madre de Manuel y Mamá adoptar las mismas actitudes, los mismos gestos. Si en una habían sido entrañables y en otra parecían grotescos no era, al final, por los gestos en sí mismos, sino por la forma en que ella, como espectadora, los había interpretado, lo notaba ahora al comprobar que le repugnaba en Mamá lo que en la otra la había enternecido. No, no le quedaba ya más odio («Podemos suministrarle morfina», había dicho el médico), sino algo más difícil de interpretar que el odio: María Fernanda, tal vez, con veintidós años enfrentándose a Mamá, diciéndole que se iba a trabajar a Valencia, a vivir a Valencia, «Sola», dijo Mamá, y ella: «No, con Pedro», cuando Pedro era un simple estudiante recién licenciado en Medicina, «No te vas», dijo Mamá, y ella: «Sí, mañana», «Por encima de mi cadáver», «Por encima de tu cadáver», que fue, en realidad, lo que la dejó después orgullosa de ella, aquella resolución inamovible que recibía después en las car-

tas contando lo feliz que era con cierto tono de condescendencia con la hermana pánfila, el hermano inútil, Mamá diciendo «Adivino de dónde ha sacado ese coraje, de vuestro padre no, eso seguro» («El ataque de esta mañana ha afectado a buena parte del sistema nervioso», había dicho el médico), y se quedaba en el comedor, con vaga resistencia a marcharse, el olor hombruno de la colonia de Joaquín, su pelo repeinado hacia atrás y su caminar provinciano, delatado más aún por el buen gusto con que Mamá le elegía los trajes. No, ya ni siquiera importaba perdonar a Mamá, y si llamó a Antonio fue porque se suponía que era lo que debía hacer después de lo que había sucedido aquella mañana, contarle que Mamá había pedido que llamaran a un sacerdote, Mamá, a un sacerdote («La morfina le aliviaría casi todo el dolor, pero es posible que caiga en un estado profundo de somnolencia, o que delire», había dicho el médico), que si decidían aliviarla con morfina quizá debería ir a verla primero, el cura iba a ir aquella misma tarde, quizá habría que decirle a María Fernanda que volviera otra vez.

El sacerdote es joven y guapo. De una hermosura casi obscena, casi morbosa. Ha llegado tarde pero se acerca a Mamá con una expresividad que demuestra su falta de recursos y que, a la vez, le salva a los ojos de ella. Cada segundo que llega es antiguo, cada sentimiento vivido. Le pregunta al doctor su nombre y él responde, antes de marcharse, que María Antonia.

«María Antonia Alonso», dice mamá.

«María Antonia, ¿está dispuesta para confesarse?», pregunta el sacerdote.

«No tengo nada de lo que confesarme, le he llamado para que me bendiga.»

«Todos tenemos algo de lo que confesarnos –dice el jo-

ven sacerdote, consiguiendo que su perplejidad no se note demasiado—. El justo peca siete veces al día, dijo el Señor.»

«No me interesa lo que haga el justo –responde Mamá–, como decía ése: he luchado el buen combate y ahora exijo mi corona.»

«El texto de San Pablo no es exactamente así, dice he luchado el buen combate, he guardado la fe, y ahora espero la corona de la justicia que me estaba reservada.»

La precisión del joven sacerdote irrita ligeramente a Mamá, que no puede evitar revolverse en la cama con desesperación.

«Eso, quiero mi corona.»

«Espero, dice San Pablo.»

«Es lo mismo.»

Hay un silencio breve en el que la vida se hace de pronto más cruel que absurda y en el que Mamá se convierte de nuevo en María Antonia Alonso volviendo de la fábrica, gritando en el teléfono a Joaquín que revisen los marcos hasta que los hayan pulido correctamente.

«No tengo nada de lo que arrepentirme –dice Mamá otra vez–, pido lo que es mío, nada más que lo que es mío, eso es lo que pido –y después, mirándola a ella como a una traidora inexcusable–, y amor, pido también amor.»

El sacerdote ha notado su repulsión a esas últimas palabras porque la ha mirado más de lo necesario. Ahora siente de nuevo el peso de Mamá, la artificiosidad con que se santigua, piensa: «No me has querido, arrepiéntete.» El sacerdote pone un corporal sobre la cama, junto a Mamá, y una hostia consagrada a la que trata con frágil, casi ridícula, dulzura. Después abre su misal y recita:

«Te recomiendo, querida hermana María Antonia, a Dios omnipotente, te entrego al mismo que te creó para que vuelvas con tu Dios, que te formó del barro de la tierra.»

Mamá la mira y retira su mirada en un solo segundo,

con el desagrado con que se contempla a un leproso. Ahora ha cerrado los ojos. Ahora es como si no tuviera manos, ni pies, como si aquel fingimiento de religiosidad fuera el máximo responsable de su ateísmo, del de María Fernanda y Antonio. Piensa que un solo movimiento de sinceridad a aquellas palabras salvaría de pronto a Mamá, la purificaría de un solo golpe y ella sería capaz de perdonarla.

«Cuando tu alma se separe del cuerpo sálganle al encuentro las espléndidas jerarquías de los ángeles, salga a recibirte el triunfante ejército de los generosos mártires; póngase en torno a ti la florida multitud de los confesores, recíbate el jubiloso coro de las vírgenes; y en el seno del feliz descanso te abracen estrechamente los patriarcas.»

Pero la luz en los ojos cerrados de Mamá permanece obsesiva, acusadora, y ella piensa de pronto que su vida no es esta contemplación de la sonrisa con que una moribunda escucha un tributo que cree merecer. Ahora la quiere como se quiere a una niña imbécil y egoísta que, aun así, ha tenido un castigo superior al que merece.

«Nada experimentes de cuanto horroriza en las tinieblas, de cuanto rechina en las llamas, ni de cuanto aflige en los tormentos. Ríndase el ferocísimo Satanás con sus ministros a tu llegada en el juicio viéndote acompañada de los ángeles, estremézcase y huya al horrible caos de la noche eterna.»

«Amén», dice Mamá, y entra absurdamente, parándose en el umbral como ante una imagen extraña, Antonio. El sacerdote se detiene marcando con el dedo la línea de su misal y le mira. Quizá piensa Antonio: «No me has querido, arrepiéntete.» Suena la vida, en forma aún más ridícula tras la ventana del hospital, a la manera de un claxon de autobús.

«Llévete Jesucristo, hijo de Dios vivo, a los vergeles siempre amenos del paraíso; como verdadero pastor reconózcate entre sus ovejas. Veas cara a cara a tu redentor y estando siempre en su presencia mires con ojos dichosos la verdad

manifiesta. Goces de la dulzura de la contemplación divina por los siglos de los siglos.»

«Amén», dice Mamá.

«El cuerpo de Cristo.»

«Amén.»

La forma blanca, redonda y simple se deshace ahora en la boca de Mamá.

«Os suplicamos, Señor, que olvidéis los delitos de su juventud y sus pecados de ignorancia y que por vuestra gran misericordia os acordéis de ella en vuestra gloria.»

«A qué viene esto —dice Antonio—, a quién quiere engañar.»

«Se muere —responde ella—, se muere de verdad, Antonio.»

En el silencio con que se despide el cura se queda Mamá con los ojos cerrados, como una sucia divinidad.

Joaquín fue esa noche a su casa absurdamente, llamó al telefonillo y preguntó por ella, que estaba ya en pijama y que tuvo que volver a vestirse para bajar a la calle. Manuel se sorprendió incluso más que ella misma, que reconoció que alguna parte profunda, semiinconsciente, estaba esperando esa visita desde hacía semanas. El tiempo había sido innecesariamente cruel en el rostro de Joaquín, o al menos eso fue lo que le pareció cuando le vio esperando en el portal, fumando la misma marca de cigarrillos, adoptando el mismo gesto que cuando Mamá le llamaba a su oficina en los tiempos en los que aún existía la fábrica. Igual que una imaginaba a un hombre mayor cuando lo describían como cansado; las manos y los ojos cansados, los pantalones demasiado caídos, o demasiado altos, la camisa delatando la edad en forma de mancha de café en los puños, Joaquín había adquirido aquel desvalimiento simple de una vejez que aún puede encargarse

de sí misma. Ella propuso ir a algún bar, pero él contestó que prefería sentarse por allí, en cualquier banco de la calle.

Durante los primeros minutos la invadió la sensación de extrañeza propia de quien visita, después de muchos años de ausencia, una casa que perteneció a la infancia; todo le parecía más pequeño, más acogedor; y aquel hombre, por quien nunca había sentido un afecto especial, le conmovió de alguna forma en su vejez, como si también Joaquín hubiese sido al final poco menos que otra víctima de Mamá.

«¿Cómo está tu madre?»

«Se muere, Joaquín, se está muriendo.» Dijo aquellas palabras sin lástima, sabiendo que Luisa estaba con ella en el hospital y que quizá estaba muriendo en aquel mismo instante, pero Joaquín las recogió, aunque en el fondo ya las supiese, como una noticia repentina agachando la cabeza.

«No sé si debería ir a verla», dijo.

«Yo creo que no lo merece, Joaquín.»

Lo sabía; aquél era el peor, el último castigo al que podía someter a su madre, y sin embargo la escena del sacerdote aquella tarde, la sensación de haber dado una última oportunidad a Mamá de ser sincera y haberse sentido defraudada le daban ahora la fuerza suficiente para no tener misericordia.

«Yo tampoco me comporté muy bien con ella.»

«Nadie, en opinión de mi madre, se ha comportado bien con ella.»

«No es eso..., es que realmente no me comporté bien con ella.»

De pronto tuvo casi deseo de consolarle, de cogerle la mano. Se había puesto repentina y solemnemente serio Joaquín, había dejado incluso de mirarla.

«A ver. ¿Qué hiciste tan terrible, si puede saberse?»

«Quemé la fábrica.»

«¿Qué?»

«Yo quemé la fábrica.»

Lo había dicho sin prisa Joaquín, lentamente, como un largo remordimiento asumido, y ella, que había estado a punto de consolarle, se sintió traicionada, y volvió a mirarle quizá con la desconfianza de entonces, como a un palurdo desagradecido. Pero no era sólo el rencor. La primera sorpresa dio lugar a una sensación extraña de agradable humanidad; Joaquín era el primero en aquella semana que se reconocía culpable de algo, y aquel sentimiento de culpa no sólo le salvaba a él sino también, y curiosamente, a la propia Mamá.

«¿Pero por qué lo hiciste?»

«Ahora ya no lo sé —contestó—, sé que lo hice, y sé que en aquel momento parecía lo único que podía hacer.»

Joaquín hablaba de su miedo con la condescendencia con que un viejo habla de una pasión juvenil; avergonzándose un poco, pero también perfectamente consciente del peso que tuvo en su vida cuando la vivió. Una parte de ella había perdonado inmediatamente a Joaquín, le perdonaba ahora, cuando lo intentaba explicar un poco mejor, describiendo los días que precedieron al incendio, describiendo el miedo y el remordimiento de los años que le sucedieron como se describe una vida ajena y ridícula que es, sin embargo, comprensible, otra parte le despreciaba al hacerle culpable de la infelicidad de Mamá, de Antonio sobre todo, sentía casi deseo de abofetearle allí mismo.

«¿Pero miedo por qué?»

«Cinco meses antes del incendio yo le había pedido a tu madre que se casara conmigo. No te sorprendas. Pasábamos todo el día juntos, y eso fue durante mucho tiempo. En realidad ya no sé siquiera si era sincero mi deseo de casarme, sólo sabía que quería estar con ella, pertenecerle a ella.»

«¿Y qué te respondió?»

«Me dijo que necesitaba un gerente, no un marido.»

«Mamá», susurró ella, y de pronto fue absurdo susurrar «Mamá».

«Yo quería ser de ella, supongo, como eran de ella la fábrica, o como vosotros erais de ella; lo he pensado mucho después, lo he pensado mucho porque si me hubieran preguntado por qué quemaba la fábrica cuando lo estaba haciendo no habría sabido qué responder. Los meses que pasaron después de que le pidiera casarse conmigo, aquel sentimiento se me hizo insoportable, me daba la sensación de que me habían dejado desnudo, y ella me trataba igual, íbamos a comer y a arreglar los papeles de los contratistas como siempre, pero yo ya no podía soportar pertenecerle, me asfixiaba. Tu hermano por aquel entonces empezó a gestionar muchas cosas también, lo hacía muy mal, supongo que porque tenía que sobreponerse a ser el hijo de quien era.»

Joaquín hablaba despacio, tranquilo, como si ni siquiera aquellas palabras fueran una confesión. Ella sintió que se le aceleraba el pulso, que entendía, y que aquel entendimiento la salvaba.

«Qué más, Joaquín.»

«Una de aquellas noches viajamos a Soria para arreglar unas máquinas y nos hospedamos en un hotel. Me puse como loco. Le dije que la quería. Intenté entrar en su habitación. Al día siguiente ella no quiso hablar del asunto. Yo no sé ya si la quería o no, supongo que no.»

«No la querías», dijo ella, arrepintiéndose.

«Supongo.»

De pronto hizo frío en la calle y la oscuridad se hizo un poco más densa, como si hubiesen cubierto la noche de adquinas.

«¿Tú te acuerdas de cuando yo era niña, lo que me gustaba hundir las manos en los montones de serrín?»

«Sí, lo recuerdo –contestó Joaquín, algo confuso por el cambio tan repentino de tema–, te gustaba mucho.»

Hubo un largo silencio lento y absurdo. Dejar a Joaquín que hablara con Mamá no solucionaría las cosas. Dejar que

Antonio (no podría hacer otra cosa) le llevara a juicio tampoco solucionaría las cosas. Cada pecado llevaba de alguna forma, en su mismo acto, su penitencia; la de Joaquín había durado casi diez años, la traía ahora y la ponía delante, salvándola también a ella al darle la oportunidad de redimir no su dolor de esa noche, sino su miedo de entonces.

«¿Tú te acuerdas de cuando íbamos a Cádiz en verano? ¿Te acuerdas de la casa aquella que alquilábamos siempre?»

«Claro», dijo Joaquín.

Se alejaba. Se alejaba ahora de la estupidez momentánea de aquel hombre viejo como de su propio dolor, lo miraba con el desagrado comprensible del erotismo o la debilidad ajena, y al mismo tiempo sentía la posibilidad de perdonarle como una grandeza no correspondida que alguien le estaba poniendo en bandeja.

«Iré mañana –dijo Joaquín–, mañana se lo contaré todo.»

«No.»

«¿Por qué no?»

No supo qué responder, y no lo hizo inmediatamente. Estaba la calle como si la hubieran dispuesto para una aparición.

«No irás porque yo te perdono.»

«Es tu madre la que me tiene que perdonar.»

«No lo entiendes; yo te perdono en nombre de mi madre. Esto queda entre nosotros. Que duermas bien, Joaquín», dijo levantándose del banco.

«Gracias.»

Cuando entró en el portal y se volvió, comprobó que aún estaba allí, sentado en el banco, como un culpable que no cree que hayan desdeñado condenarle.

Ya no el rencor, ni el odio, ni la rebeldía, ni Joaquín, ni la fábrica de Molduras Alonso, ni la preferencia por María

Fernanda, sino solamente una mujer que se moría, y que se moría, además, lentamente, («No hay que alarmarse; esta primera reacción es sólo por efecto de la morfina», había dicho el doctor), pensó en una niña, pensó que era de pronto como una niña, y aquel pensamiento la hizo sonreír, Antonio había bajado a la cafetería del hospital a beber un whisky, pensó que si le quitaran las sábanas, la ropa, a Mamá de pronto parecería una niña, y apesataba ahora a sudor, a vieja, pero seguía pareciendo una niña; se sentó en el borde de la cama para sumergirse mejor en aquel sentimiento que, de repente, perdonaba de pronto a Mamá sin que casi su voluntad actuara, como en un acto de perfecta compasión, en aquella felicidad acompañada de las palabras de Mamá, ahora sin sentido, «Tengo sed, dame agua», mirándose las dos como si apenas bastara, por fin, aquello para comprenderse. Había pensado otra vez en Joaquín, varias veces había pensado en Joaquín durante aquella tarde. Había imaginado su miedo al entrar en la fábrica, al quemarla, su remordimiento después, cuando Mamá ya no quiso saber de él y le abandonó como a un perro guardián que es ya inútil. Si no se lo dijo fue sólo porque no quería que la aparición de la verdad le robara a aquella mujer que de pronto comenzaba a ser Mamá, quizá inconscientemente, «Hace tanto frío aquí», pero con una sencillez que la hacía desear lavarla, peinarla, cambiarle de ropa sólo porque no parecía Mamá, sólo porque ahora el gesto de su representación se le hacía cercano y amable. Tuvo unas agradables, casi cálidas, ganas de llorar junto a ella, de tomarle la mano, («Perderá, probablemente, la mayoría de las sensaciones táctiles», había dicho el doctor), y cuando lo hizo, María Fernanda ya debía de estar de camino, sintió definitivamente la proximidad de la muerte como el viento en la cara una patinadora sobre hielo, sintió que llegaba la muerte a Mamá, «Hace tanto frío, cierra la ventana, María Fernanda».

Habría podido jurar que ni siquiera le importó que la

confundiera con su hermana. Aquello, más que realmente una confusión, parecía el último quiebro de la representación de Mamá, una representación que ahora, por primera vez le gustaba.

«Ya están cerradas.»

«No, ciérralas, ciérralas bien.»

Y ella se levantaba, caminaba hacia allí, las abría y las volvía a cerrar, para que el ruido acompañara su representación, se salvaba —pensó— de la que había sido con aquella irrealdad de gestos absurdos.

«Ya está.»

«Sigo teniendo frío.»

«No, ya no, verás, te tapo así y ya verás como no tienes más frío.»

«Tú eres la única que me quiere, María Fernanda.»

«Ya lo sé.»

Y se quedaron las dos por un momento en silencio, Mamá callada, como reconociéndola, y ella con ganas de llorar, como una condenada a la horca esperando que sonara el timbre, y no sonó, o al menos no como había esperado, sino en forma de sueño, y de coma, («Podemos mantenerla viva», dijo, dos horas más tarde, el doctor), y luego nada, Mamá sumergiéndose en un sueño blanco y sin imágenes en el que quizá estaba ella, en el que, seguro, estaría María Fernanda con veinte años y bikini bañándose en Cádiz, la fábrica, Joaquín o Papá, o la sombra de cualquier macho sustituible. Parecía que se moría en dos tiempos Mamá, y que, menos triste que la primera muerte, era esta otra de ojos cerrados, de una paz que en el fondo no le correspondía. Las mismas palabras «mantenerla viva» eran como una reclusión dentro de una reclusión, y en ella el color blanco, y más aún allá del blanco la vida volviéndose ridícula, y pequeña, y justificada, dura a la vez como una almendra pero atravesada ahora por un rayo finísimo de comprensión.

«Ha muerto.»

Las palabras «ha muerto» más reales que la muerte misma de Mamá en los labios de Antonio, en el teléfono al llamar a Manuel, a María Fernanda, la sencillez absurda de puro fácil de las palabras «ha muerto» para explicar que no existía ya Mamá, que se había dormido después de llamarla María Fernanda, de decirle que ella era la única que la quería, esperables y sin embargo absurdas las manos de Mamá, porque era también verdad que todos los muertos tenían algo en común.

La lavaron y vistieron con un cuidado que algo tenía de lejano y familiar un vestido azul que reservaba para las fiestas y que guardaba, envuelto en una bolsa de lavandería, en el margen del armario. Todo la conmovía de pronto, todo, hasta las fotografías con Joaquín junto a la colección de abanicos en el cuarto de estar de Mamá, hasta María Fernanda llegando después al tanatorio con aquella forma ridícula, casi histriónica, de llorar, Antonio y Luisa en silencio, el abrazo de Manuel y sus ganas de hacerle el amor cuando apareció en la habitación que les habían reservado para Mamá, absurdas, casi ridículas sus ganas de pronto de hacerle el amor, de irse los dos a casa y hacer el amor despacio, Mamá en el ataúd, menos que nunca ella misma, como en aquella fotografía en blanco y negro en la que aparecía junto a Joaquín sin tocar nunca del todo a Joaquín, o junto a Papá sin tocar nunca del todo a Papá, o junto a ellos, pero como si los mostrase, como si los estuviera enseñando más que sosteniéndolos, con los tirabuzones que puso en el cuarto de estar junto a la de la madre de Manuel, algo de las mil caras o única de Mamá menos que nunca ella misma en el ataúd.

«¿Qué fue lo último que dijo?», preguntó María Fernanda sin venir a cuento, en mitad de la conversación sobre el arreglo de espacio en la tumba en la que yacía Papá.

«¿Lo último que dijo de qué?»

«Pues lo último que dijo Mamá. ¿O no dijo nada?»

Dudó un segundo, pero luego la escandalizó la limpieza con la que mintió, ella, que habitualmente se ponía tan nerviosa:

«Dijo, bueno, decía al principio que tenía frío, durante mucho rato estuvo diciendo que tenía frío. Me hizo cerrar las ventanas, más bien, me hizo abrir y cerrar las ventanas.»

«¿Y de nosotros? —preguntó Antonio, que no había pronunciado palabra hasta entonces—. ¿No dijo nada de nosotros o qué?»

«Dijo que os quería.»

«No mientas», respondió Antonio.

«Dijo que os quería, de verdad, como era Mamá, claro, como decía las cosas Mamá, pero dijo que os quería.»

«Cómo lo dijo, a ver.»

«Bueno, ¿no te lo está diciendo? ¿Qué quieres, interrogarla? —intervino María Fernanda, y se quedaron los tres en silencio, al borde de aquella mentira que, muerta ya Mamá, de pronto les reunía inexplicablemente—. Yo creo que dijo eso Mamá. ¿Qué iba a decir si no?»

«La verdad», contestó Antonio.

«Ésa era la verdad», replicó María Fernanda.

«No, ésa era tu verdad.»

Tenía el tono de las palabras de Antonio el reproche sencillo de un niño bruto, y ella, que nunca le había tocado a Antonio, que si le besaba en las fiestas era siempre con la rapidez de quien pretendía desembarazar de significación un hecho incómodo, le acarició la espalda con la palma abierta.

«Dijo eso, Antonio.»

La muerte fue sólo real cuando la pronunció Manuel en la cama, y en el gesto de los niños fue real la muerte, y en la voz de Joaquín al otro lado del teléfono, lejana y comprensible ahora, y en el retrato de Mamá con veinte años en blanco y negro, sonriendo exageradamente, absurda y fuera de lugar, junto a la madre de Manuel.